

VILMA FERREIRA BUENO

**CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO E DE NOVAS TECNOLOGIAS:
O DISCURSO DE EMPRESÁRIOS**

**Dissertação apresentada para a obtenção do
título de Mestre em Educação pela
Universidade Federal de Santa Catarina,
sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Nilcéa Lemos
Pelandré.**

Florianópolis, fevereiro 2002



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**"CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO E DE NOVAS TECNOLOGIAS: DISCURSO
DE EMPRESÁRIOS"**

Dissertação submetida ao Colegiado
do Curso de Mestrado em Educação
do Centro de Ciências da Educação
em cumprimento parcial para a
obtenção do título de Mestre em
Educação

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 27/02/2002

Dra. Nilcéa Lemos Pelandré (CED/UFSC – Orientadora)

Dra. Vera Mesagão Ribeiro (AÇÃO EDUCATIVA/SP – Examinadora)

Dr. Lucídio Bianchetti (CED/UFSC – Examinador)

Dra. João Josué da Silva Filho (CED/UFSC – Suplente)

Prof. Dr. Lucídio Bianchetti
Coordenador PPGE/CED/UFSC

Vilma Ferreira Bueno

Florianópolis, Santa Catarina, fevereiro de 2002

*Letramento é o estado ou condição de quem se envolve
nas numerosas e variadas práticas sociais
de leitura e de escrita.*

Magda Soares

*Se nossas instituições educacionais não conseguem
lidar com a simples tarefa de ensinar habilidades básicas
de codificação e decodificação, elas não podem
preparar qualquer geração futura para lidar com questões
mais complexas de mudanças tecnológicas.*

Jenny Cook-Gumperz

*A atividade comunicacional, que é um espaço de luta
como outros para a transformação social,
não tem outro limite
senão a finitude de nossos desejos.*

André Parente.

*Ao Patrick, à Pâmella e ao William,
que estiveram comigo em todos os momentos,
apoiando-me e suportando minhas ausências,
durante todo o tempo que investi na produção
deste trabalho.*

*Aos meus pais e minha irmã mais velha,
que já partiram para a eternidade.
Aos meus três irmãos,
Joaquim, Jorge e Davi Gamaliel.
Às minhas irmãs,
Ernestina, Alzira, Maria do Carmo, Jacira e Jandira.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Criador, Senhor do Universo. Ele que me deu a vida e me dá também forças para lutar, luz para me iluminar, sabedoria para eu discernir e atuar de acordo com o Seu propósito, neste meu trilhar pelos caminhos da existência humana.

À minha orientadora, Professora Dr^a Nilcéa Lemos Pelandré, que acreditou no meu potencial como pesquisadora, me acompanhou, me orientou nas leituras e releituras, escritas e reescritas, do início desta caminhada até a versão final do texto desta dissertação.

Aos diretores e dirigentes das empresas nas quais realizei a pesquisa.

Ao Governo do Estado de Santa Catarina, pela dispensa das atividades de Consultora Educacional da Gerência de Capacitação da Secretaria de Estado de Educação e do Desporto.

Ao CNPQ, por ter financiado esta pesquisa pelo período de doze meses. E a todos que, direta ou indiretamente, participaram do processo de construção e reelaboração desta pequena parcela de conhecimento.

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------|-----|
| RESUMO | VI |
| ABSTRACT | VII |
| INTRODUÇÃO | 2 |

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

| | |
|--|----|
| 1.1 A questão do letramento | 8 |
| 1.1.1 Modelos de letramento..... | 10 |
| 1.1.1.2 Modelo autônomo..... | 12 |
| 1.1.1.3 Modelo ideológico..... | 18 |
| 1.2 O letramento e as novas tecnologias..... | 20 |
| 1.3 O letramento no mundo do trabalho..... | 25 |
| 1.4 A Educação de Jovens e Adultos no Brasil | 31 |
| 1.4.1 Concepções teóricas..... | 33 |
| 1.5 O letramento como fator de controle social..... | 37 |
| 1.6 O letramento e os modelos de qualificação para o trabalho..... | 41 |
| 1.6.1 Qualificação da força de trabalho no capitalismo contemporâneo..... | 43 |
| 1.6.2 O modelo das competências..... | 45 |
| 1.7 O letramento e as mídias..... | 48 |
| 1.7.1– Implicações do letramento nos processos de comunicação midiática..... | 56 |

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO: A PESQUISA NAS EMPRESAS

| | |
|--|----|
| 2.1 Tipo de pesquisa..... | 60 |
| 2.2 Pesquisa-piloto | 63 |
| 2.2.1.Resultados da pesquisa-piloto..... | 63 |
| 2.3 Pesquisa propriamente dita | 64 |
| 2.3.1 Procedimentos na aplicação dos instrumentos..... | 65 |
| 2.3.2 Categorização dos dados..... | 66 |

CAPÍTULO III

DEMANDAS DE LETRAMENTO DO MUNDO

DO TRABALHO: UMA VISÃO DE EMPRESÁRIOS 68

3.1–A ANÁLISE DOS DADOS..... 70

3.2 CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO..... 70

3.2.1 Transporte coletivo..... 70

3.2.2 Produção de tecnologia de ponta 81

3.2.3 Informação escrita – Jornalismo..... 87

3.3 CONCEPÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS..... 92

3.3.1 Transporte coletivo..... 92

3.3.2 Produção de tecnologia de ponta..... 96

3.3.3 Informação escrita – Jornalismo..... 98

3.4 O LETRAMENTO E AS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS 102

3.4.1 Transporte coletivo 102

3.4.2 Produção de tecnologia 108

3.4.3 Informação escrita – Jornalismo..... 116

CONSIDERAÇÕES FINAIS 121

BIBLIOGRAFIA..... 132

ANEXOS..... 139

Anexo 1 - Instrumentos da pesquisa-piloto: 140

1.1 - Formulário para o empregado..... 143

Anexo 2 - Instrumentos da pesquisa propriamente dita:..... 143

2.1 Algumas entrevistas transcritas..... 147

2.1.1 Transporte Coletivo..... 148

2.1.2 Produção de tecnologia..... 154

2.1.3 Informação escrita – Jornalismo..... 159

RESUMO

Neste trabalho são analisadas as concepções de letramento presentes no discurso dos empresários e as demandas de leitura e escrita que decorrem dessas concepções, em razão do advento das novas tecnologias de informação e de comunicação.

Para a obtenção dos dados, foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas semi-estruturadas com oito empresários de três diferentes categorias de empresas da Microrregião da Grande Florianópolis.

Como referencial teórico central, para a análise da empiria, foram adotadas teorias cujos autores se fundamentam na concepção histórico-cultural que entende o letramento e as novas tecnologias não como tendo finalidades em si mesmos, mas como produto e processo da dinâmica social.

Os dados das entrevistas demonstram a existência de proximidade entre escola e empresa em relação à concepção de letramento centrado nos aspectos normativos e gramaticais de uma escrita destituída da sua dimensão humana e separada do contexto social mais amplo.

O presente estudo aponta para a necessidade de maior integração entre a escola e outros segmentos sociais formais e não-formais, com vistas ao desenvolvimento de níveis mais elevados de letramento.

A educação formal escolarizada cumprirá seu papel na preparação da atual e das futuras gerações quando promover um letramento que possibilite não apenas o domínio da tecnologia da leitura e da escrita, mas a leitura do mundo, na qual se inclui certo domínio sobre a cultura letrada, a reflexão sobre as mensagens da mídia e a utilização adequada das novas tecnologias, como espaços avançados de luta para a transformação social.

ABSTRACT

This work analyses the conceptions in businessmen's speech and the demands of reading and writing resulted from these conceptions, because of the advent of new information and communication technologies.

The data were collected by a qualitative research through semi-structured interviews with eight businessmen, from three different company categories of the Micro-region of Grande Florianópolis.

Theories were adopted to analyse the role of the thumb, as a central theoretic reference, whose authors based themselves on the historical-cultural conception, which understands schooling and new technologies as product and process of the social dynamic.

The data show the existence of proximity between school and company related to the conception centered on the normative and grammatical aspects of a writing dismissed of its human dimension and separated from the broadest social context.

This paper points out the need of a greatest integration between school and other social segments, formal or not, aiming the development at broader levels of schooling.

The formal education will carry out its role, at present and future generations, when promoting a schooling that makes possible, not just the control of writing and reading but the world's reading, which includes a certain control over the schooling culture, the reflection about media messages and the right use of new technologies, as advanced fields of fighting for a social transformation.

INTRODUÇÃO

O surgimento do conceito de letramento, o advento das novas tecnologias de informação e comunicação e as mudanças nas formas de produção e gerenciamento do trabalho acumulam-se às questões relacionadas ao analfabetismo absoluto e a escolaridade básica no Brasil, apontando para problemas que requerem atenção redobrada dos planejadores da educação, em nível nacional.

No final dos anos 80 do séc. XX, nos países subdesenvolvidos, o setor educacional apresentava os piores desempenhos, a despeito da notável expansão das matrículas no Ensino Fundamental, que em alguns países – como o Brasil – aproximam-se da universalização do acesso à escola. O problema, no entanto, continuava na eficácia e eficiência dos sistemas educativos. A maioria dos egressos da escola continuava à margem do sistema educativo e da cidadania, pois mesmo obtendo a titulação nesse nível, o domínio dos conhecimentos e habilidades não refletiam padrões tecnológicos e culturais compatíveis com as exigências do novo processo produtivo, nem a consciência crítico-política e a postura dos egressos condiziam com uma sociedade democrática e ética. Em suma, a escola não estava preparando as pessoas para o desempenho cobrado pelas formações sociais contemporâneas. Mais do que universalizar o acesso, era necessário garantir a permanência na escola, até a conclusão, com qualidade, da educação básica ¹(Romão, 2001).

Dados do IBGE, censo 2000, sobre a situação da educação no Brasil demonstram que a taxa oficial de analfabetismo absoluto dos brasileiros maiores de 15 anos é de 12,8%. A taxa de analfabetismo funcional, entendido pelo IBGE como adultos que não completaram quatro anos de escolarização, só será divulgada no decorrer de 2002, quando os resultados

¹ Intervenção no Congresso de Educação de Jovens e Adultos realizado em Florianópolis, em 24 a 26 de outubro de 2001.

do questionário mais detalhado forem apurados. Entretanto, as estimativas giram em torno de 34,7% de analfabetos funcionais. São aproximadamente 14,2 milhões de pessoas que nunca freqüentaram a escola ou têm menos de um ano de escolaridade.² Este desempenho coloca o Brasil entre os sete países latino-americanos com taxa de analfabetismo superior a 10%. A análise mais apurada destes dados mostra que uma grande parte dos 87,2% considerados alfabetizados poderiam ser considerados semi-analfabetos ou com domínio rudimentar de habilidades e competências de letramento, por terem sido excluídos de um grande número de práticas sociais mediadas pelo texto escrito, sendo-lhes negado, desta forma, os saberes, os prazeres e as informações que a leitura e a escrita proporcionam.

Torna-se, portanto, imperiosa a tomada de decisões no sentido de buscar alternativas de superação da ênfase de funcionalidade da escrita como produto completo em si mesmo, separado do contexto de sua produção, para uma concepção mais ampla de alfabetismo que vá além da decodificação e transcrição de símbolos lingüísticos.

Para Paulo Freire (1989), ser alfabetizado é ser capaz de usar a leitura e a escrita como instrumentos para conhecer e transformar a realidade. Esta concepção de leitura e escrita aproxima-se do conceito de letramento de Soares (1998), segundo o qual, o letramento é um fenômeno cultural e refere-se a um conjunto de práticas sociais que envolvem a língua escrita e as demandas sociais que fazem usos da escrita.

No Brasil, onde a hierarquização sócio-econômica se reproduz nas desigualdades de acesso à escrita e à cultura letrada, o letramento tende a ser visto como uma credencial para o sucesso nas várias formas de ação na comunidade através da linguagem e, por conseguinte, nas várias formas “civilizadas” ou legitimadas de exercício de poder e de controle sobre situações e indivíduos (Kleiman, 1995). Para esta autora, o letramento configura-se como uma das vertentes da pesquisa que melhor concretiza a união do interesse teórico à busca de descrições e explicações sobre um fenômeno de interesse social, ou aplicado à formulação de perguntas cujas respostas possam vir a promover a

² Os outros países que se encontram nestas mesmas condições são: República Dominicana, Bolívia, Honduras, El Salvador, Guatemala e Haiti (Internet – JC E-mail – 1623 – 11 de setembro de 2000. Notícia de C&T Serviços da SBPC – Jornal Ciência e Jornal Folha de S. Paulo de 26/12/2001).

transformação de uma realidade tão preocupante como é a da crescente marginalização de grupos sociais que não conhecem a escrita.

O letramento, pela sua amplitude, engloba os estudos dos efeitos das profundas mudanças pelas quais a humanidade vem passando, com o advento da ³'Sociedade da Informação', derivada da união do computador e das telecomunicações (Kumar, 1997), e que vem impor novas exigências ao poder público e à sociedade de um modo geral, no sentido de proporcionar ao cidadão formas de preparar-se para dar uma resposta condizente a esta nova realidade.

A questão do letramento se reveste de uma importância ainda maior em virtude das transformações ocorridas no mundo do trabalho pela descentralização do processo produtivo, das novas formas de gestão e, principalmente, pelo surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação. Estas tecnologias, vinculadas ao uso do computador, da informática e da telemática, juntamente com outros fatores, como as formas flexíveis de trabalho, por exemplo, exigem dos trabalhadores novas aprendizagens. Entre as aprendizagens exigidas, encontra-se o desenvolvimento de novas habilidades e competências de leitura e de escrita. Entretanto, essas transformações tecnológicas que vêm atingindo, arbitrariamente, todas as esferas da sociedade, poderão, segundo Negri (apud Parente, 1999 p.24) se transformar em “espaços avançados de luta em direção à transformação social”.

Por outro lado, as novas tecnologias incorporam antigos avanços tecnológicos, não rompendo com muitas das práticas há muito tempo consagradas pelas sociedades, como é o caso das práticas de leitura e de escrita. Além de não estabelecerem rupturas com estas práticas, elas ampliam enormemente suas possibilidades de uso, potencializam formas de disseminação e impõem novos modos de construção do discurso.

³ A Sociedade da Informação, segundo seus teóricos, gera mudanças no nível mais fundamental da sociedade. Muda a própria fonte da criação de riquezas e os fatores determinantes da produção. O trabalho e o capital, variáveis básicas da sociedade industrial, são substituídos pela informação e pelo conhecimento (Kumar, 1997).

É no âmbito dessas transformações tecnológicas que vêm se processando no mundo do trabalho que se situa esta pesquisa, com o objetivo de investigar as concepções de leitura e de escrita presentes nesse contexto e, em que medida as transformações tecnológicas interferem nas concepções de letramento dos empresários.

Isto implica, portanto, discutir questões do tipo:

As transformações tecnológicas que vêm sendo processadas na base da sociedade, com repercussão no surgimento de novas categorias de trabalhadores vinculadas às novas tecnologias e às novas formas de acumulação flexível, demandam novas competências de leitura e de escrita? Que competências de leitura e escrita o mundo do trabalho requer? Os conhecimentos de leitura e escrita proporcionados pela escola são adequados ao desempenho das funções requeridas pelo mundo do trabalho? Atualmente, o que esperam os empresários dos trabalhadores em termos de habilidades de letramento? Qual é o modelo de letramento vigente no mundo do trabalho? Que ações educativas, do ponto de vista dos empresários, poderão ser implementadas para desenvolver as competências de leitura e de escrita? As mídias podem se constituir como aliadas no desenvolvimento das competências de letramento? Que modelo de letramento é desenvolvido pela escola? O modelo de letramento desenvolvido pela escola tem dado conta do desenvolvimento das competências de letramento necessárias ao mundo do trabalho? Como a escola poderá desenvolver a leitura e a escrita de forma a possibilitar a leitura de mundo e a escrita da prática social, formando cidadãos ativos, críticos e criativos, além de desenvolver as competências necessárias ao mundo do trabalho? Quais as concepções de letramento que se fazem presentes no discurso dos empresários?

Dentre as questões colocadas, o presente trabalho propõe identificar as concepções de letramento presentes no discurso de empresários de cinco empresas de três diferentes categorias, localizadas na Microrregião da Grande Florianópolis. Na impossibilidade de se atingir todo o universo das empresas na abrangência da Microrregião da Grande Florianópolis que somava, em 1997, um total de 395 (Guia da Indústria de Santa Catarina, FIESC, 1997), e por não se poder extrapolar o prazo de dois anos para a conclusão do Curso de Mestrado (01 ano para as disciplinas teóricas e 01 ano para a pesquisa, incluída a

elaboração da dissertação e a defesa pública – prazo estipulado pela CAPES), foram escolhidas cinco empresas que representam três categorias gerais marcantes na sociedade atual: **Serviços de transporte coletivo, Produção de tecnologia e Informação**. Através de entrevistas semi-estruturadas com os dirigentes destas empresas, investigou-se as concepções de letramento e de novas tecnologias e a interferência das últimas sobre as demandas de leitura e escrita, na visão destes empresários.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No **CAPÍTULO I** é apresentado o referencial teórico que serviu de suporte às análises dos dados obtidos nas entrevistas com os empresários. São apresentadas as concepções correntes sobre letramento, partindo de dois modelos: o autônomo e o ideológico. Aborda-se a relação letramento e as novas tecnologias ligadas ao computador, à informática e à telemática, e, ainda, às transformações que vêm ocorrendo nas bases da sociedade, especialmente no mundo do trabalho. Faz-se uma breve retomada histórica da educação de adultos no Brasil, para depois discorrer sobre as concepções que permeiam essa trajetória. Abordam-se os aspectos relacionados às transformações dos sistemas de qualificação profissional no mundo contemporâneo e apresenta-se, também, algumas concepções de letramento veiculadas pela mídia fazendo-se uma reflexão sobre as possibilidades de utilização dos meios eletrônicos, como componentes pedagógicos, na educação formal e continuada.

No **CAPÍTULO II** descreve-se o percurso metodológico da pesquisa, incluindo os instrumentos para coleta de dados, a pesquisa-piloto, os resultados da pesquisa-piloto, a pesquisa propriamente dita, o procedimento na aplicação das entrevistas e a categorização dos dados.

O **CAPÍTULO III** volta-se para a análise das concepções de letramento e de novas tecnologias presentes no discurso dos empresários e à interferência destas na leitura e na escrita, na visão dos dirigentes nas empresas: a) transporte coletivo, b) produção de tecnologia de ponta na área de telecomunicações e c) informação escrita em suporte impresso e eletrônico – jornalismo.

Finalmente, apresentam-se as considerações finais que, por si só, sugerem a continuidade do estudo de questões que permanecem em aberto, como por exemplo, as demandas de letramento do mundo do trabalho a partir da perspectiva e da realidade dos trabalhadores que estão na ponta do processo produtivo, ou seja, dos operários que atuam diretamente no chão das fábricas. Os resultados da presente pesquisa apontam para a necessidade de ações educativas que promovam o desenvolvimento de melhores níveis de letramento dos trabalhadores, de forma a possibilitar que estes, além de responderem as demandas de leitura e de escrita restritas à execução de atividades ‘mecânicas’, no mundo do trabalho, possam exercer de forma responsável, consciente, crítica e criativa a sua cidadania.

I - REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A QUESTÃO DO LETRAMENTO

Os debates sobre o letramento têm se dado em torno das influências da disseminação da palavra escrita e impressa nas instituições sociais, no desenvolvimento econômico ou, ainda, do ponto de vista psicológico, sobre as conseqüências da aprendizagem e do uso da escrita nos modos de funcionamento cognitivo dos indivíduos (Ribeiro, 1999). Para esta autora, o letramento e suas implicações psicossociais tornaram-se foco de um novo e vigoroso campo de estudo para o qual convergiram vários pensadores, gerando um amplo debate teórico e multidisciplinar. E, ainda, no sentido de ampliar o universo de referências para abarcar a complexidade do fenômeno, foram publicadas quatro grandes obras que se tornaram fundadoras deste campo de estudo, sendo situadas no mesmo espaço cronológico. São elas: *The Gutenberg Galaxy*, de McLuhan; *La pensée Sauvage*, de Lévi Strauss; *The consequences of literacy*, de Jack e Goody e Ian Watt, e *Preface to Plato*, de Havelock. Estas obras foram lançadas entre 1962 e 1963, o que significa que os autores expressavam uma experiência comum relacionada à revolução cultural provocada pela disseminação em massa do rádio e da televisão (Ribeiro, 1999, p. 19,20).

As profundas transformações efetuadas pelas tecnologias de comunicação na produção e na circulação dos textos escritos e a constatação do modo como esses meios afetavam a vida das pessoas pelos próprios conteúdos culturais por eles disseminados, teriam, segundo Ribeiro (op.cit. p. 20), despertado nos autores citados, a consciência sobre as implicações psicossociais destas tecnologias à nova oralidade instaurada pelos meios eletrônicos, tornando manifestas características das culturas baseadas na escrita e na impressão e suas diferenças em relação às culturas orais das quais se originaram. A partir desta constatação diversos autores têm-se preocupado com estas questões.

Atualmente, nas sociedades tecnológicas industrializadas, a escrita integra cada momento do cotidiano, mesclando-se à realidade das pessoas de tal forma que chega a

passar despercebida para os grupos letrados (Kleiman, 1995). Tal fato, vem alargar o fosso entre aqueles que por diversos motivos, dentre os quais se destacam, as condições econômicas desfavoráveis, não têm tido acesso, podendo usufruir plenamente dos benefícios próprios das culturas letradas.

Para Tfouni (1995), a escrita é um produto cultural por excelência, sendo resultado da atividade humana sobre o mundo, utilizado para difundir (ou ocultar) as idéias. Segundo esta autora, a escrita é um resultado tão exemplar da atividade humana, que o livro, subproduto mais acabado da escrita, é tomado como uma metáfora do corpo humano: “orelhas”, “rosto”, notas de roda - “pé” e capítulo que significa “cabeça” em latim. Por ser um produto cultural, a escrita precisa ser aprendida e o processo pelo qual essa aprendizagem ocorre, denomina-se alfabetização. Desta forma, a alfabetização, constituindo-se na principal preocupação da escola, é o processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e a escrita, ou ainda, o processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes. Ainda, de acordo com Tfouni (1995), enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da leitura e da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-culturais da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade, procurando responder às seguintes questões básicas: Que mudanças sociais e discursivas ocorrem em uma sociedade quando ela se torna letrada? Grupos sociais, não-alfabetizados ou semi-analfabetos que vivem em uma sociedade letrada podem ser caracterizados do mesmo modo que aqueles que vivem em sociedades “iletradas”?

Acompanhando o termo alfabetização aparece o vocábulo letramento que, segundo Soares (1998), é palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Lingüísticas, tendo surgido em meados dos anos 80 do século XX nos discursos dos especialistas destas áreas. Por ser recente, a palavra letramento ainda causa estranheza, enquanto outras do mesmo campo semântico parecem mais familiares, como analfabetismo, analfabeto, alfabetizar, alfabetização, alfabetizado e mesmo letrado e iletrado. A palavra letramento surgiu da versão para o Português da palavra da língua inglesa *literacy*, que vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato

de ser (como por exemplo em *innocency*, a qualidade de ser inocente). *Literacy* é, portanto, o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever.

Para a autora citada, este conceito traz implícita a idéia de que a escrita tem conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e lingüísticas quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e escrita – tem conseqüências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, lingüísticos e até mesmo econômicos; e do ponto de vista social, a introdução da escrita, em grupos até então ágrafos, tem sobre esses grupos efeitos de natureza social, cultural, política, econômica e lingüística. Portanto, o “estado”, ou “condição” que o indivíduo ou o grupo social passam a ter sob o impacto dessas mudanças é o que é designado por *literacy* ou letramento.

1.1.1 Modelos de letramento

Atualmente, existem duas concepções dominantes sobre letramento que orientam tanto a pesquisa como o ensino da escrita e uma delas refere-se, também, aos conceitos da escrita tanto de sujeitos escolarizados como os de não-escolarizados.

Kleiman (1995), em *Os Significados do Letramento*, reúne textos de diversos autores que pesquisaram sobre este tema, entre eles: Oliveira que apresenta considerações sobre um modo específico de inserção de grupos não-letrados na vida urbana e a exclusão desses grupos de diversos aspectos culturais e examina as conseqüências que esse processo de exclusão pode vir a ter em relação às características consideradas relevantes do funcionamento na sociedade urbana contemporânea. Signorini, segundo a qual o letramento via escolarização é um processo que parece acarretar a consolidação de perspectivas e posições rígidas que dificultam a comunicação entre grupos socioculturalmente diferenciados; e Matêncio que, numa perspectiva discursiva, trabalha os conceitos sobre o analfabetismo e suas conseqüências sociais, predominantes na imprensa escrita, analisando

a ideologia que subjaz os conceitos de letramento na mídia e seus reflexos na constituição da identidade do não escolarizado.

Segundo Kleiman (1995, p. 15-17), o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” dos estudos sobre a alfabetização cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita. Esta autora descreve as condições de uso da escrita para determinar como eram e quais os efeitos das práticas de letramento em grupos minoritários ou em sociedades não industrializadas que começavam a integrar a escrita como uma tecnologia de comunicação dos grupos que sustentavam o poder. E, ainda, quais os efeitos sociais, afetivos e lingüísticos, correlacionados às práticas sociais e culturais dos diversos grupos que usam a escrita, sobre grupos de analfabetos que funcionam em meio a um grupo altamente letrado e tecnologizado. Kleiman diz ainda que, atualmente, se pode definir letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos e para objetivos específicos.

Neste sentido, a escola, que antes oferecia os parâmetros de uma prática social, segundo a qual o letramento era definido e os sujeitos classificados de forma dicotômica em alfabetizados ou não-alfabetizados, passa a representar apenas um tipo de prática – a dominante, de fato - mas que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita.

O modelo de letramento adotado pela escola, segundo Oliveira (1995), permite aos professores que afirmam praticar a leitura crítica seguirem elaborando e aplicando aos seus alunos exercícios em que tenham de procurar palavras que rimem com outras, tais como, “pastel”, “ barril “, “anel” e corrigindo “erros” dos alunos aos que fornecem respostas que não rimam com a lista de palavras dadas. O fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita, tal qual é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos neste mundo.

Como a mais importante das agências de letramento, a escola preocupa-se com apenas um tipo de prática de letramento, a da alfabetização como processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e a promoção na própria escola. As práticas de escrita da escola sustentam-se num modelo autônomo de letramento que, segundo Street (apud Kleiman 1995), é parcial e equivocado, pois pressupõe que existe apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo essa forma associada com o progresso, a civilização e a mobilidade social. A esse modelo Street, contrapõe o modelo ideológico, ao afirmar que as práticas de letramento são social e culturalmente determinadas e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições nos quais ela foi adquirida. Esse modelo não pressupõe uma relação causal entre letramento, progresso, civilização ou modernidade pois, ao invés de conceber uma divisão entre grupos orais e letrados, pressupõe a existência de grandes áreas de interface entre práticas orais e práticas letradas. Para Soares (1998), é na dimensão social que se encontram as definições nas quais o letramento é mais do que saber ler e escrever. As habilidades de leitura e escrita são utilizadas com funções específicas, determinadas pelo contexto, valores e práticas sociais.

Hoje, os estudiosos dessas questões fazem suas reflexões partindo das concepções de modelo autônomo e de modelo ideológico de letramento.

1.1.1.2 Modelo autônomo

A característica de “autonomia”, de acordo com Kleiman (1995), refere-se à escrita como sendo um produto completo em si mesmo, não preso ao contexto de sua produção para ser interpretado. O processo de interpretação é determinado pelo funcionamento lógico interno ao texto escrito, não dependendo das reformulações estratégicas que caracterizam a oralidade, pois nela, em função do interlocutor, mudam-se os rumos, utilizam-se outros princípios que os regidos pela lógica e que acabam influenciando a mensagem. Assim, a escrita representa uma ordem diferente de comunicação, distinta da oral, pois sua interpretação está ligada à função interpessoal da linguagem, às identidades e relações que os interlocutores constroem e reconstróem durante a interação, daí decorrendo outras

características deste modelo, das quais destacam-se: 1) a correlação entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo; 2) a dicotomização entre a oralidade e a escrita; 3) a atribuição de “poderes” e qualidades intrínsecas à escrita aos povos ou grupos que a possuem.

A relação existente entre a aquisição da escrita e o desenvolvimento cognitivo fundamenta-se nos trabalhos empíricos e etnográficos que têm feito comparações entre as estratégias utilizadas para a resolução de problemas por grupos letrados e não-letrados. A configuração dessas experiências ou observações partem do pressuposto da existência de um grande divisor entre povos ou grupos que usam a escrita e os que não a usam.

Sobre as conseqüências cognitivas da aquisição da escrita, têm-se as pesquisas de Luria (1990) entre os camponeses russos sob as condições de um regime feudal nas regiões de Uzbequistão e Kirghizia na União Soviética, na década de trinta do século XX. Os dados da pesquisa de Luria apontam para mudanças decisivas que podem ocorrer na transição de métodos de pensamento “gráfico e funcional”⁴ – concreto e prático – para modos mais teóricos e abstratos introduzidos por alterações fundamentais das condições sociais.

Quase cinco décadas depois do estudo de Luria, Scribner e Cole (apud Kleiman 1995) investigaram, na Libéria, um contexto que permitia isolar as variáveis que determinam a diferença entre escolarização e aquisição da escrita. Havia, entre os grupos “Vai”, da Libéria, três formas de escrita em uso: a “escrita Vai”, adquirida em contexto familiar, utilizada para correspondências sobre assuntos pessoais e transações comerciais informais; a “escrita inglesa”, adquirida na escola, com funções tipicamente escolares, e a “escrita arábica”, adquirida em contexto religioso, utilizada para leitura dos textos sagrados e para registros formais e, aparentemente, secretos. Os resultados das pesquisas desses estudiosos apontam que o tipo de habilidade que é desenvolvido depende da prática social em que o sujeito se engaja quando usa a escrita. Portanto, o desenvolvimento de habilidades cognitivas que o modelo autônomo de letramento atribui à escrita é conseqüência da escolarização, pois foram apenas os sujeitos escolarizados, que conheciam a escrita inglesa,

⁴ A expressão “gráfico-funcional”, segundo Luria (1990), refere-se à atividade dirigida pelas características físicas dos objetos com os quais o indivíduo trabalha em circunstâncias práticas.

os que demonstraram diferenças significativas sistemáticas quanto às formas de resolver tarefas de classificação, categorização, raciocínio lógico dedutivo e memorização.

Essas diferenças se traduzem na habilidade de explicitação: os sujeitos escolarizados conseguiram explicar os princípios que estariam envolvidos na resolução das diversas tarefas a eles solicitadas, não havendo, entretanto, maior capacidade dos sujeitos escolarizados na resolução de tarefas que requeriam o que Scribner e Cole denominam de “atitude abstrata”. Os sujeitos não escolarizados, porém letrados em “Vai” e/ou arábico, revelaram estratégias extremamente complexas diante de problemas metalingüísticos. A interpretação de Scribner e Cole, para as diferenças testadas entre os escolarizados e os não-escolarizados, correlaciona a presença das habilidades cognitivas à prática nos usos dos diferentes alfabetos, colocando assim em evidência a importância do contexto social. A maior capacidade para verbalizar o conhecimento e os processos envolvidos numa tarefa é consequência de uma prática discursiva privilegiada na escola que valoriza, não apenas o saber, mas o saber dizer. (Scribner e Cole, apud Kleiman, 1995 p. 25,26 e 27).

Ainda, conforme Kleiman (1995), são inúmeros os problemas decorrentes da associação da escrita ao desenvolvimento cognitivo. O maior deles é o fato de que uma vez que os grupos não letrados ou não escolarizados são comparados com grupos letrados ou escolarizados, os últimos podem vir a ser a norma, o esperado, o desejado, principalmente porque os pesquisadores são membros de culturas ocidentais letradas. O fato de a sociedade ocidental valorizar justamente aquilo que é postulado como característico do pensamento transformado pela escrita vem produzindo, nos últimos trezentos anos, o que Graff (1995) denomina de o “mito do letramento”, que confere à escrita uma enorme gama de efeitos positivos, desejáveis, não só no âmbito da cognição, mas também no âmbito social. Esses efeitos vão desde a participação na espécie humana até a posse de qualidades espirituais.

Kleiman (1995, págs.35,36) relaciona alguns desses efeitos demonstrados em trechos publicados em jornais do país:

- Efeitos que garantem a manutenção das características da espécie humana:

É muito grave que [...] haja número tão elevado de crianças sem escola no Mundo – garantia de uma taxa acumulada de adultos ignorantes no futuro. É como se assistissemos, neste final de século, a uma degradação do Homo Sapiens – nós e a nossa civilização (*O Globo* 4/3/1990).

- Efeitos que garantem a modernidade, a capacidade de integração na vida moderna, o igualitarismo:

Tomar um, dois, três ônibus errados no mesmo dia e à meia noite ainda se encontrar longe de casa é apenas um dos problemas enfrentados por Maria do Socorro Pereira, 39 anos, por não saber ler. Os outros vão desde lidar com dinheiro, ir ao supermercado e à farmácia, até o constrangimento e o sentimento de discriminação. Mas, sobretudo, o que mais a humilha é a sensação de dependência, por precisar da ajuda de outras pessoas até para preencher as fichas nas empresas onde procura trabalho (*Jornal da Tarde*, 8/1/1990).

- Efeitos que determinam a ascensão e a mobilidade social:

Cada um tem um sonho que no fundo se funde num só: conseguir ascender socialmente através da garantia de um emprego melhor. “Sou faxineira e o que eu faço não exige estudo. Mas eu não quero ser faxineira a vida inteira”, diz Clemilda Maria dos Santos, que só agora pode frequentar a escola. (*A Gazeta, Vitória*, 18/3/1990).

- Efeitos nos macroprocessos de desenvolvimento econômico:

O mapa histórico da entrada da Europa no processo de industrialização é o próprio mapa da difusão da instrução: em meados do século XIX a parte industrialmente mais avançada da Europa (Inglaterra e França) contava de 30 a 40% de analfabetos adultos; países periféricos como a Itália, Espanha, Portugal e Grécia ficavam entre 60 e 70%, enquanto que no Leste (países balcânicos, Polônia e Rússia), o percentual era de 90 a 95%. (*O Globo*, 4/3/1990).

- Agente necessário para a distribuição da riqueza:

Os problemas causados pelo analfabetismo são as principais razões do ciclo permanente de pobreza e subdesenvolvimento em que muitos países se encontram. (*Correio Braziliense*, 7/9/1989).

- Efeitos no aumento da produtividade:

Sem educação e treinamento, o operário é um desastre para si mesmo e para a empresa. 96% dos trabalhadores japoneses têm o curso ginásial, 90% têm o colegial e 36%, o curso superior. 50% dos nossos trabalhadores são

analfabetos (entrevista de um empresário paulista na *Folha de S. Paulo*, 7/3/1993).

- Agente necessário no processo de emancipação da mulher:

Não é difícil entender que a própria emancipação da mulher seja função da escolarização: enquanto os conhecimentos úteis se transmitem só dentro do lar e ligados à figura materna, também se assiste à reprodução da discriminação em razão do sexo. (*O Globo*, 4/3/1990).

- Agente necessário para o avanço espiritual:

O analfabetismo inibe o progresso e a produtividade, impede o avanço cultural e espiritual, e ajuda a manter a dependência crônica de sociedades inteiras. (*Correio Braziliense*, 7/9/1989).

Trata-se, portanto, de uma grande gama de conseqüências para cuja postulação não existe evidência histórica.

Ribeiro (1999) chama a atenção para a advertência de alguns autores quanto à fragilidade da crença liberal no potencial unificador, universalizante e igualitário da alfabetização em massa ou de uma democracia “educada”, citando diversas obras de Goody, como veremos a seguir:

Em *The domestication of the savage mind*, Goody analisa a relação entre a escrita e os modos de funcionamento cognitivo salientando que a escrita não é uma mera transcrição da fala, mas uma forma de reorganizar a linguagem tornando viável seu escrutínio, a formalização de seus elementos constituintes e, portanto, possibilitando um maior grau de abstração ou a descontextualização das operações mentais que se podem realizar com seu auxílio.

Em *The logic of writing and the organization of the society*, Goody concentra-se na tese de que não só os meios e modos de comunicação são essenciais na explicação de transformações sociais ocorridas na história humana. Analisando os primórdios da cultura escrita no Oriente Antigo e sua introdução recente entre povos africanos, o autor destaca o impulso que a escrita deu à autonomização estrutural de esferas do sistema social como a religião, a economia, o Estado e a política. Entende que essa tendência deve-se ao fato de o

uso da escrita favorecer a generalização de estruturas normativas ao explicitar e formalizar regras que anteriormente vigoravam implicitamente. Com esses argumentos, estende sua interpretação sobre o papel da escrita nos processos cognitivos para o domínio da história social. Goody (apud Ribeiro, 1999) insiste em que salientar o papel da escrita, em transformações tão capitais na história humana, não significa que a considere único fator responsável por essas transformações, mas, sim, um fator importante, com grande potencial explicativo. Ele reconhece que, em diferentes sociedades e épocas, os sistemas de escrita têm diferentes implicações sociais. Reconhece, também, que a relação entre as tecnologias de comunicação e as mudanças sociais não podem ser interpretadas unidirecionalmente, pois se os recursos tecnológicos podem propiciar certos tipos de atividades e instituições sociais, também estas propiciam as oportunidades para que essas tecnologias letradas se desenvolvam.

Também em *The interface between the written and oral*, Goody, segundo Ribeiro (1999), enfatiza as possíveis variações quanto ao impacto da escrita na cultura. Essas variações dependem de fatores tais como a natureza do sistema e das técnicas de reprodução, a quantidade de pessoas capazes de ler, a extensão de usos da leitura e da escrita e do tipo de conteúdo que veiculam. Para Ribeiro (1999), estas teses reafirmam a importância do estudo das linguagens para a compreensão de fenômenos culturais e ideológicos.

Entre os autores que abordam o tema a partir da Psicologia, a referência principal, hoje, é a teoria vygotskyana do desenvolvimento humano (Ribeiro, 1999). Segundo esta autora, muito antes da revolução dos meios de comunicação dos anos 60 do século XX, Vygotsky já havia teorizado sobre o papel essencial da linguagem e também da aquisição da escrita tanto para o desenvolvimento psicológico da criança quanto para o desenvolvimento histórico da cultura. Vygotsky concebe a linguagem como o principal artifício de que se dispõe para controlar processos mentais, estabelecendo uma analogia entre eles e os instrumentos técnicos utilizados na produção. Em ambos os casos, um mediador se interpõe entre a atividade do sujeito e o objeto externo. A distinção essencial entre o instrumento técnico (a ferramenta) e o psicológico (os sistemas semióticos) reside

no fato de que o primeiro transforma o objeto, enquanto o segundo visa a influenciar o próprio sujeito.

Os três grandes temas da psicologia vygotskyana são portanto: a abordagem genética, a postulação da natureza essencialmente sócio-histórica dos processos psicológicos e a análise dos processos sociais e psicológicos como moldados pela mediação de instrumentos culturais, especialmente pelos instrumentos de natureza semiótica (Ribeiro, 1999). É dessa perspectiva que a alfabetização e a escolarização, mesmo em níveis bastante rudimentares, são conhecidas como fatores determinantes das diferenças nos modos de funcionamento cognitivo verificados no experimento de Lúria (1990), ao lado de outras importantes inovações na prática social.

1.1.1.3 Modelo ideológico

Nas diferentes perspectivas, psicológica, etnográfica ou histórica, muitos autores relativizam a aquisição da escrita no desempenho das formas modernas de organização social e do funcionamento psíquico. Alguns chegam a negar à escrita qualquer potencial explicativo. Para Ribeiro (1999), tomar a escrita como aspecto definidor de diferenças essenciais entre pessoas ou grupos é uma decisão arbitrária do ponto de vista teórico e revela uma perspectiva etnocentrista. Ele qualifica essa abordagem de determinismo tecnológico, considerando que nela se ignoram ou se ocultam as relações sociais concretas e os conflitos de ordem política que determinam usos específicos da escrita em diferentes sociedades ou diferentes grupos de uma mesma sociedade.

Para se contrapor a esse tipo de abordagem da escrita como tecnologia autônoma, conforme Ribeiro (1999), Street lança mão de autores com perspectivas teóricas bastante diversas, visando a estabelecer um paradigma interpretativo alternativo, ao que denomina modelo ideológico. Este modelo, segundo Ribeiro (op. cit p. 32) não deve ser entendido como uma negação de resultados específicos dos estudos realizados na concepção autônoma do letramento. Segundo esta mesma autora, os correlatos cognitivos da aquisição da escrita, na escola, devem ser entendidos em relação às estruturas culturais e de poder que o contexto de aquisição da escrita, na escola, representa. Por outro lado, o questionamento

dos efeitos universais do letramento alarga o campo de investigação, pois os aspectos específicos do fenômeno podem ser examinados relativamente a questões outras que o marco divisor entre a oralidade e a escrita e mesmo as conseqüências cognitivas podem ser estudadas enquanto fenômenos complexos cuja correlação simplista com a aquisição da escrita esconde a complexidade do fenômeno.

Para Tfouni (1995), as concepções de modelos autônomo e ideológico de letramento decorrem da chamada tese da “grande divisa”. Esta tese diz respeito à existência de usos orais e usos letrados da língua, de forma independente, caracterizando, assim, a grande divisa. Segundo esta tese, há características marcadas para a modalidade oral e a modalidade escrita de comunicação. Na primeira, teríamos por trás um raciocínio emocional, contextualizado e ambíguo e, na segunda, um raciocínio abstrato, descontextualizado e lógico. A teoria da grande divisa (oralidade *versus* escrita) tem sido criticada por diversos autores. As duas modalidades, entrecruzam-se e se superpõem, dependendo do foco de envolvimento interpessoal, segundo Tfouni (1995). Neste sentido, esta autora afirma que a função ideológica da teoria é a de estabelecer uma separação radical entre o “eu” e o “outro”, nas sociedades ocidentais, e propõe que a dicotomia oral x letrado seja substituída por uma superposição de ambas.

Pelandré (1998), ao pesquisar os efeitos a longo prazo do método Paulo Freire, fundamenta-se em leituras de Soares (1992) e corrobora que as habilidades de escrita aplicam-se a uma variedade imensa de materiais, fazendo com que o letramento constitua-se num *continuum* não podendo ser analisado como uma variável dicotômica, iletrado/letrado.

Segundo Tfouni (1988), os usos da língua oral e escrita misturam-se, confundem-se e variam à medida das mudanças na situação de linguagem e estas complexidades precisam ser consideradas se quisermos entender as demandas de letramento que ocorrem em uma cultura tecnológica. Esta autora procura, ainda, mostrar que existem características lingüístico-discursivas que são apontadas como exclusivas da escrita e que, no entanto, estão presentes no discurso oral de analfabetos. Ela afirma, também, que a postura mais radical no quadro do modelo ideológico de letramento é a de Lankshear para o qual é

impossível distinguir letramento do conteúdo utilizado para adquiri-lo e transmiti-lo e de quaisquer vantagens ou desvantagens advindas dos usos que dele são feitos ou das formas que assume. Lankshear (apud Tfouni, 1998) coloca-se contra a pressuposição de que o letramento é um instrumento do qual as pessoas simplesmente lançam mão para responder as exigências das práticas sociais.

Assim, o que o letramento é, depende de como a leitura e a escrita são concebidas e praticadas em determinado contexto social. Nessa perspectiva, o pressuposto é de que as conseqüências do letramento estão intimamente relacionadas com os processos sociais mais amplos, são determinadas por eles e resultam de uma forma particular de definir, de transmitir e de reforçar valores, crenças, tradições e formas de distribuição de poder.

As inovações tecnológicas, que vêm ocorrendo nos últimos tempos, especialmente no campo da informação e da comunicação, demandam uma revisão nas formas de conceber a leitura e a escrita. Assim sendo, a seção a seguir, discorre sobre a evolução dos suportes da escrita e das formas de ler e escrever e das conseqüências das novas tecnologias para as transformações em curso.

1.2 O letramento e as novas tecnologias

As novas tecnologias de informação e comunicação, conhecidas como aquelas integradas ao computador, à informática e à telemática e entendidas como espaços avançados de luta para a transformação social, incorporam os antigos avanços tecnológicos e introduzem mudanças que promovem e demandam novos modos de interação com o texto escrito. A escrita no meio cibernético, escrita de última geração, coloca questões que levam a repensar a dicotomia oralidade e escrita e a considerar modos mistos e heterogêneos de construção. Essa reflexão, conforme Braga (2000), obriga-nos a rever antigas categorias que opõem de forma dicotômica o texto falado e o escrito ou a cultura oral e a cultura letrada.

Concorda-se com Parente (1999), segundo o qual a escrita vem sofrendo várias mutações e que, entre as mais importantes, destacam-se a dos primeiros séculos da Era Cristã (século II) e a do livro de rolo (*volumen*) em livro de cadernos e páginas (*codex*).

Esta transformação foi responsável pela forma que o livro tem hoje. Atualmente, a mutação tecnológica em curso nos meios de informação e comunicação transforma radicalmente as formas de produção, transmissão e recepção do texto. Uma rede de informação como a Internet permite que algo em torno de 50 milhões de pessoas espalhadas pelo planeta possam se comunicar através do computador e ao mesmo tempo acessar muitos serviços de informações, como banco de dados, correios eletrônicos, acessando instantaneamente à informação disponível em qualquer parte do mundo, desde que ela tenha sido digitalizada e armazenada. A originalidade do tempo presente integra e potencializa cada uma das principais revoluções da cultura escrita, até então analisadas separadamente: a técnica de produção e reprodução (passagem do manuscrito ao impresso); o suporte e a materialidade (passagem do *volumen ao codex*) e as práticas de leitura (passagem da leitura em voz alta à leitura silenciosa e os dispositivos de indexação do livro).

Segundo Parente (1999), o sonho de uma biblioteca que reúna todos os saberes acumulados através da história da nossa civilização desde a biblioteca de Alexandria, passando pelo projeto de Mallarmé que há um século pensava criar um livro integral, infinito, síntese de todos os livros passados e por vir, está se tornando realidade, hoje, nos textos eletrônicos armazenados de forma digital nos computadores, disquetes e CD-roms. Estes, por não se fixarem em suportes materiais, permitem o acesso à distância, em tempo real ou seja, instantaneamente. O conceito de hipertexto que mais se aproxima do sonho de uma biblioteca virtual integral é a *www* (*World Wide Web*), um hiperdocumento de dimensões incalculáveis que interliga uma grande teia navegável de forma intuitiva, através da qual milhões de páginas se espalham por todo mundo, reunindo um precioso acervo da humanidade.

O hipertexto é uma rede composta de nós que formam o seu tecido, cada um dos quais sendo a associação de palavras-chave (obras, autores, temas, conceitos), representados sob forma de textos, imagens e sons, remetendo à antiga técnica de tecelagem, em que o “tricô” de verbos e nomes que caracterizam a sua trama é muito bem designado por um termo quase têxtil (Lévy, apud Parente, 1999). O hipertexto permite, hoje, uma abertura do texto através da qual este se dá a ler como uma grande rede de

interconexões. Pela intertextualidade, é a leitura que constrói o texto. A intertextualidade constitui uma forma de pensamento em rede que se contrapõe à ideologia de uma leitura passiva, guiada pela ordem dos discursos, rompendo com a seqüencialidade do texto e com o modelo que o toma como um objeto (estranho) entre a escrita e a leitura. A ubiqüidade e a velocidade são os principais fatores acrescentados ao livro pelo texto eletrônico. CDs são criados sob a forma de hipertextos, podendo ser acessados de forma interativa, como verdadeiras bibliotecas vivas, reunindo milhares de textos, produções culturais como romances, contos, novelas, poemas e ensaios, representativos da literatura ocidental, o que é um grande prodígio da tecnologia. O texto eletrônico anula as diferenças que antigamente separavam os papéis intelectuais e funções sociais. A evolução contemporânea da informática possibilita que cada pessoa que possua um computador possa ser editor, produtor, difusor de suas próprias mensagens, em contraste com o sistema concentrador das mídias de massa, segundo o qual uns produzem e outros recebem passivamente. O computador tem atualmente participado de todas as fases de produção e reprodução do texto, qualquer que seja o seu suporte final. Os computadores ligados em redes já são as máquinas impressoras do século XXI. Se Gutenberg criou um meio de reproduzir, a partir de um texto, milhares de *fac-símiles*, as tecnologias eletrônicas oferecem meios de criar variações infinitas a partir de um mesmo material. Os computadores pessoais ligados em rede colocam à disposição dos indivíduos as principais ferramentas da atividade produtiva: criação, produção e difusão de informação, aquisição, produção, elaboração e reelaboração do conhecimento.

Dentre todas as transformações passadas pela escrita até que se tornasse o primeiro meio de comunicação de massa e o primeiro dispositivo do pensamento científico, muitas alterações foram necessárias, anteriores e posteriores a Gutenberg, mas nenhuma se compara às transformações proporcionadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação processadas em tão pouco tempo. Teve-se a tábua, o rolo e o códice que duraram séculos e, agora, as telas. A passagem do códex à tela é vista por muitos como o fim do livro. A tela, no entanto, é apenas um novo suporte para a escrita, assim como o foram o rolo e os códices. O que está sendo distribuído pelas redes eletrônicas são textos. Nunca o livro e a leitura estiveram tão vivos. Contudo, o livro eletrônico, hipertextual, tem

características que deverão ser levadas em conta, entre elas a maior velocidade da transmissão e maior possibilidade de recuperação dos textos e inserção do leitor na escritura, podendo interagir, transformar, traduzir, imprimir, mapear o texto utilizando cartas dinâmicas que lhe permitem interrogá-lo de forma jamais vista. Enfim, o usuário tem muito mais controle sobre a sua escrita e esse controle é feito com precisão e velocidade.

A transformação da forma de ler começou a desenvolver-se mais significativamente a partir da Alta Idade Média. Até então, para a grande maioria, mesmo para o leitor culto, a leitura significava a oralização do texto. A passagem para a leitura silenciosa, que começou nos mosteiros, já foi uma grande revolução. O novo hábito se enraizou sobretudo a partir do século XII, com a escolástica, às universidades. Antes o leitor, de certa forma, era um analfabeto. Ou a leitura era feita por um escravo ou, para ler e entender o texto, o leitor tinha de lê-lo em voz alta. Do século XII ao século XV, as universidades européias vão abrindo novamente as portas da leitura e derrubando os muros eclesiásticos.

Enquanto vigorou a escrita contínua, usada pelos gregos e romanos, era muito difícil ler rápido, pois o texto era praticamente indecifrável. A separação das palavras, iniciada na Idade Média, foi a primeira grande conquista. Depois veio a pontuação. Devido a sua importância para a legibilidade, surgiu, logo em seguida, a pontuação gramatical. A primeira pontuação era de retórica, praticada na oralidade. Com o tempo foi ocorrendo uma adequação à nova leitura silenciosa, com a criação da sintaxe e das normas gramaticais. A escritura vai se modificando no sentido de facilitar a nova forma de leitura. Com essas modificações da escritura, surge uma série de dispositivos que poderíamos chamar de aparelhagem de leitura artificial: sumário, índice, notas e tudo o que nos livros e dicionários e enciclopédias auxilia o leitor a estruturar o texto para além de sua linearidade.

Atualmente, o texto escrito em meios eletrônicos demanda uma reflexão sobre as diferentes maneiras pelas quais, historicamente, os avanços tecnológicos promoveram alterações na estrutura lingüística e nos modos privilegiados de interação via linguagem escrita, em diferentes épocas e contextos. Segundo Braga (2000), é preciso que se faça uma maior reflexão sobre as mudanças técnicas e lingüísticas que ancoraram a construção social

de diferentes tipos de cultura: a cultura oral, a escrita e a cibernética. Segundo esta autora, considerando as práticas de leitura, é possível perceber uma evolução que vai desde a dependência total da modalidade oral, que caracterizava a recepção dos textos escritos mais antigos, até uma fase intermediária na qual a recepção da escrita passa a ancorar-se mais no aspecto visual do texto. No momento atual, a escrita passa a desenvolver características próprias, mas não houve, ao contrário do que propõem algumas teorias mais tradicionais, uma ruptura drástica entre as práticas orais e as escritas. Ontem, o texto era escolar, hoje ele é a própria sociedade. Ele tem forma urbanística, industrial, comercial, televisiva ou hipertextual.

Tais mudanças ocorreram devido a uma série de inovações tecnológicas que foram sendo agregadas, mudando de forma gradativa não só o suporte da escrita como o perfil lingüístico dessa escrita. Entretanto, embora os grupos letrados tenham passado a depender cada vez mais da escrita nas práticas cotidianas, eles não excluíram de suas práticas a modalidade oral. Na realidade, o que ocorreu foi uma integração na qual textos orais e escritos passaram a conviver de forma complementar e, muitas vezes, mista.

No contexto cibernético, a escrita ocupa espaços, antes reservados para as interações orais, viabilizando o surgimento de um novo tipo de texto, que incorpora textos escritos e orais e diferentes recursos áudio-visuais: fotografia, som e vídeo. Através de uma análise retrospectiva dos diferentes estágios desta evolução pelos quais passou o suporte da escrita até o texto eletrônico, Chartier (apud Braga, 2000) observa que os primeiros textos, que tinham o rolo como suporte, eram construídos em trechos divididos em colunas que ficavam visíveis à medida que o rolo era desenrolado, no sentido horizontal, pelo leitor. A própria natureza do suporte impedia que o leitor pudesse ler e escrever simultaneamente. Essa possibilidade só passa a existir com o códex que foi um avanço tecnológico em termos de suporte, permitindo que o texto fosse distribuído na superfície da página e localizado através de paginação, numerações e índices. Na ⁵escrita cibernética, tem-se a construção de um texto que se apresenta na tela, como uma grande faixa que se expande no sentido

⁵ Braga (2000), refere-se à escrita no meio cibernético, como a escrita de última geração, utilizada nos *chats*, na qual se consideram modos mistos e heterogêneos de construção, que obrigam a rever antigas categorias que opõem de forma dicotômica o texto falado e o escrito, ou a cultura oral e a cultura letrada.

vertical, cuja construção deixa de ser linear como era no rolo ou na escrita convencional: o hipertexto pressupõe uma expansão em rede. Esse novo tipo de texto incorpora elementos de navegação eletrônica que facilitam a localização de trechos escritos de forma muito mais rápida e eficiente do que a permitida pelo texto escrito no papel, como também demanda técnicas de leitura e escrita, até então, inéditas. Essas mudanças estão também atreladas a alterações nas características da linguagem escrita privilegiada por esses suportes.

Atualmente, a mescla de linguagens que constitui os textos nas salas de bate-papo na Internet expandem possibilidades já exploradas pela escrita convencional, além de integrarem em um único canal outros tipos de linguagem que coexistem na sociedade industrial moderna. Uma análise superficial já basta para perceber que o texto escrito, principalmente, o acadêmico é estruturado como um hipertexto. Ou seja, o texto base faz referência a outros textos ou incorpora notas que acrescentam comentários feitos por outros autores.

O avanço tecnológico não muda a estrutura básica do texto, apenas permite que o acesso a essas referências ou subtextos seja feito de forma simplificada e ágil. Isso permite que a remissão de textos dentro de um hipertexto ocorra de forma ilimitada, ou seja, um texto pode remeter a outro em um processo em rede que pode ser infindo.

As transformações tecnológicas atingem, de forma especial, o mundo do trabalho, trazendo novas linguagens e renovando as demandas de letramento, exigindo, por sua vez, novas aprendizagens e atitudes dos trabalhadores em relação à leitura e à escrita.

1.3 O letramento no mundo do trabalho

As transformações tecnológicas e os novos modelos de gestão geraram novas formas de organização, novas modalidades de cooperação e o aparecimento de novos sujeitos no mundo do trabalho. Essas transformações, nas bases das sociedades, imprimem grandes mudanças culturais e macroeconômicas, refletindo na reorganização dos meios de produção. Desta forma, surgem novas categorias de trabalhadores vinculadas às novas tecnologias e aos novos tipos de empresas, dando origem a um novo imaginário que se desvincula dos padrões tradicionais da segunda Revolução Industrial. Neste contexto, o

debate educacional se desloca do âmbito pedagógico para o mundo dos negócios (Leher, 1999) e a educação passa para o cerne das proposições do Banco Mundial, como um requisito para a globalização, cumprindo a importante função ideológica de operar as contradições advindas da exclusão estrutural dos países periféricos. A prioridade por esse tipo de educação vai de encontro às tradicionais demandas da sociedade brasileira por este setor. Nos períodos anteriores, a ênfase era dada à função formativa da educação das camadas populares, à constituição da cultura e do estado nacional, na integração das populações de origem rural aos processos de urbanização e modernização. No atual momento, opera-se um deslocamento progressivo em favor das funções instrumentais da educação para a economia, deixando para segundo plano a função formativa de valores cidadãos, de integração social e de construção de padrões comuns de sociabilidade.

As funções instrumentais para a economia têm pautado a atual revalorização social da educação. Um dos aspectos a ser considerado para a compreensão deste momento é o de que as novas tecnologias e o desenvolvimento da ciência vêm colocando a informação e o conhecimento como relevantes no atual estágio do capitalismo contemporâneo. Em decorrência disso, gradativamente, a força física vem sendo substituída pelas máquinas e os trabalhadores se vêm valorizados muito mais por suas habilidades intelectuais. Ao mesmo tempo, esta tecnologia que desafia o ser humano no seu aspecto intelectual vem, junto com outros fatores, provocando um elevado aumento do desemprego, fazendo com que a instrução passe a ser um dos fatores de seleção para ingresso, permanência e progressão no mercado do trabalho. Conforme Haddad (1999), a formação escolar é valorizada como fator significativo na formação do novo trabalhador na nova ⁶“Sociedade do Conhecimento”. Segundo este autor, estes são os novos valores da época dos computadores e das novas organizações da produção.

⁶ De acordo com Spolidoro (1997), nossa geração tem o privilégio de viver um dos mais singulares momentos da epopéia humana – uma transição de paradigma histórico, representada pelo esgotamento da sociedade industrial e sua substituição pela sociedade do conhecimento. Pa este autor, entre as características mais visíveis da Sociedade do Conhecimento, destacam-se: 1) a economia torna-se global, com um mercado mundial dominado por bens e serviços intensivos em conhecimento; 2) a competitividade das empresas e das nações passa a depender mais da educação do povo e de sua capacidade de gerar e de utilizar conhecimentos e inovações que de vantagens comparativas clássicas, como mão-de-obra barata e recursos naturais, etc.

Para Aparici (1999), o paradigma da sociedade informatizada propõe um novo tipo de estruturação e estratificação social, dando origem a verdadeiros mitos que fazem parecer que a informação é a principal fonte de riqueza e a base para a organização econômica, política e social. O determinante é, no entanto, a riqueza ou a carência de informação e, não, as relações com os meios de produção. Para esta sociedade informatizada, as novas tecnologias de informação constituem um dos seus elementos-chaves e sua incorporação em contextos educativos, em função do modelo econômico atual, implica um uso mecânico e tecnicista. Este modelo disseminado em escala mundial é adotado não só pelas empresas, mas também pelos administradores das instituições educacionais que, na maioria das vezes, estão destituídos de competências neste campo e são colocados como responsáveis pela tomada de decisões a esse respeito. Segundo o autor citado, a informática e os sistemas tecnológicos digitais de comunicação estão provocando mudanças de mentalidade das pessoas que, empolgadas pelos resultados anunciados pelas grandes empresas, fazem considerações de ordem quase mágicas em torno das tecnologias e de suas potencialidades. Desta forma, as tecnologias de informação e comunicação originam os seguintes mitos: 1) as novas tecnologias produzem bem-estar em todo o planeta; 2) através das novas tecnologias todos terão acesso à educação através dos sistemas de educação a distância; 3) as novas tecnologias de informação favorecem a comunicação entre todos; 4) a informação e a comunicação são formas de organização do mundo e, através das novas tecnologias, as diferentes sociedades estarão cada dia mais interconectadas entre si; 5) a informação é um bem econômico fundamental e é o motor do desenvolvimento; 6) toda nova tecnologia de comunicação desperta a possibilidade de maior democratização das comunicações; 7) as novas tecnologias possibilitam mais liberdade de expressão frente ao conceito de pensamento coletivo e opinião pública; 8) elas tornam o mercado mais livre; 9) permitem a participação em rede; 10) proporcionam mais igualdade e oportunidades de informação.

Segundo Kumar (1997), em relação ao que já existe de real nesta nova forma de economia, colocam-se, ainda, as nossas experiências comuns da vida diária com os Bancos 24 horas, a Internet *Banking*, o faturamento automático nas caixas de supermercados, o desaparecimento de cheques e dinheiro em grande parte das transações monetárias, os

processadores de textos e as máquinas de fax, as reservas de hotéis e passagens aéreas *online*, a inscrição *online* para concursos de instituições públicas. E a transmissão via satélite de qualquer parte do mundo é fato corriqueiro para muitos segmentos da população nos países industriais avançados.

A troca de informações, em todo mundo, entre estudiosos e especialistas também está se tornando uma realidade. Os catálogos das grandes bibliotecas e arquivos podem ser consultados de inúmeros locais diferentes, com o auxílio de um terminal de computador. Os principais mercados de ações do mundo, eletronicamente ligados, fazem ajustes instantâneos nos preços das ações, em resposta a informações transmitidas minuto a minuto por telas de computador. Os *teleshoppings*, os *teleworkings* estão invadindo a vida das pessoas. O capitalismo monopolista, segundo Suzuki (apud Kumar, 1997), é, hoje, em alto grau, “capitalismo de informação”; é a apropriação privada do conhecimento social. Com o aumento da automação, a extração da mais valia (lucro) depende da “economia da inovação perpétua”, cujo recurso fundamental é o conhecimento.

De acordo com estudos realizados por Beniger (apud Kumar, 1997), a sociedade da informação é a manifestação atual de uma mudança muito mais profunda, no caráter das sociedades industriais, que ocorreu há mais de cem anos, a “revolução do controle”, segundo a qual os sistemas de processamento da informação e as tecnologias de comunicação se atrasaram em relação à geração e uso da energia. Segundo Beniger (apud Kumar 1997), desde 1939, os elementos estruturais da sociedade da informação, incluindo os princípios básicos do computador, já estavam firmemente instalados. Desta forma, segundo ele

a sociedade da informação não é produto de mudanças recente [...] mas, sim, de aumentos na velocidade do processamento material e dos fluxos através da economia material, que se iniciaram há mais de um século. Da mesma forma o microprocessamento e a tecnologia da computação, ao contrário da opinião ora em moda, não apresentam uma nova força desencadeada apenas há pouco tempo sobre uma sociedade despreparada, mas tão somente a etapa mais recente do desenvolvimento contínuo da revolução do controle. Isso explica porque tantos dos componentes do controle pelo computador foram previstos por visionários como Charles Babbage e por inovadores práticos como Daniel McCallum, desde o aparecimento dos primeiros sinais da crise de controle, no princípio do século XIX (p. 30).

O conhecimento, segundo os teóricos da sociedade da informação, influencia o trabalho de duas maneiras. A primeira é o aumento do conteúdo do conhecimento do trabalho já existente, no sentido de que as novas tecnologias adicionam mais do que retiram da qualificação dos trabalhadores. A outra é a criação e a expansão de novos tipos de trabalho no setor do conhecimento, de modo que trabalhadores em informação serão predominantes no campo da economia. Além disso, pressupõe-se que os trabalhadores de informação mais qualificados e melhor preparados constituirão o núcleo da economia da informação. Predições assustadoras sobre desemprego em massa, decorrentes das novas tecnologias, pelo menos até o momento, carecem de maior fundamento, pois a nova economia acabou com algumas funções, mas criou e está criando outras em várias áreas (Webster e Robins, 1986; Morris-Suzuki, 1988; Lyon, 1988; Frieman e Soete, 1987; Castells, 1989 apud Kumar, 1997).

Segundo Kumar (1997), a recolocação de empregados tem sido mais comum, seja porque o aumento da produtividade reduziu os custos e gerou aumento de demanda ou porque as empresas retrainaram trabalhadores deslocados de funções não mais existentes com vistas a oferecer uma gama maior de serviços. O problema na avaliação da tecnologia da informação sobre o emprego é que se encontra em uma das primeiras fases do processo, sendo impossível generalizar a longo prazo. O debate sobre a quantidade de empregos criados ou extintos pelas aplicações das tecnologias de informação não é a principal preocupação dos teóricos da informação. Eles, de um modo geral, supõem ganhos numéricos, como sugerem as estatísticas sobre o crescimento ininterrupto do número de trabalhadores em informação.

Mais importante, porém, é a qualidade da nova força de trabalho. Os teóricos esperam o surgimento de uma nova classe do ramo do conhecimento, homens e mulheres cujo trabalho se caracterizará por altos níveis de perícia técnica e conhecimento teórico que exigem longos períodos de educação e treinamento. Em apoio a essa tese, citam o fato de que a classe dos trabalhadores científicos, técnicos e profissionais de nível superior foi o grupo ocupacional que mais cresceu em todas as sociedades industriais nos últimos cinquenta anos. De forma análoga, argumentam que as “fábricas de conhecimento”, as

universidades e institutos de pesquisa, são agora as usinas de força da sociedade moderna, substituindo a fábrica produtora de bens da era industrial (Duncker, Bell, Simon, Stonier, apud Kumar 1997). Contudo, segundo Aparici (1999), em países como Albânia, Mali, Malawi, Ruanda, Nepal, Costa Rica, Bolívia, Guatemala, República Centroafricana, Nicarágua, Equador, Peru, etc., 93% da população trabalha na agricultura. Nesses países, as atividades ligadas à informação são realizadas por apenas 0,05% da população, o que significa que a grande maioria das pessoas, em todo mundo, não tem as mínimas possibilidades de acesso à sociedade da informação. Alguns teóricos afirmam que o pequeno grupo de países mais industrializados do mundo pode dedicar-se à informação, graças à força de trabalho dos que vivem no grande grupo e que produzem a matéria prima utilizada nos países do primeiro mundo.

A ⁷tecnologia da informação é evidentemente um grande negócio para os países de Primeiro Mundo, pois ela foi desenvolvida para as economias capitalistas mais avançadas, contudo encerram grande potencialidade para serem utilizadas em benefício do grande contingente de excluídos, revertendo, desta forma, os seus possíveis efeitos negativos a médio e a longo prazo. As condições técnicas estão postas. É necessária, porém, a vontade política.

No mundo do trabalho atuam sujeitos que se situam na faixa etária considerada economicamente ativa, portanto, neste espaço, encontram-se os jovens e os adultos. As concepções de educação e, conseqüentemente de leitura e de escrita são determinantes no desencadeamento das ações e nos pressupostos que norteiam a Educação de Jovens e Adultos – EJA como também, nos resultados destas ações sobre os indivíduos. A seção que segue traz uma breve abordagem da história da educação de adultos no Brasil e das concepções que têm fundamentado as ações educativas nesta área.

⁷ De acordo com o documento da CEPAL/ECLAC, em março de 2000, estimava-se que o número total de usuários da Internet era quase de 304 milhões, sendo que 45% dos mesmos estavam nos Estados Unidos e Canadá, 27% na Europa e 23% na Ásia e Pacífico, perfazendo um total de 95%. Apenas 3,5% dos usuários estavam na América Latina, apresentando porém uma taxa elevada de crescimento, e 1,5% dividiam-se entre os países da África e Oriente Médio.

1.4 A Educação de Jovens e Adultos no Brasil

As ações voltadas para a educação de jovens e adultos no Brasil, tanto como as pesquisas nesta área, têm-se desenvolvido em torno do analfabetismo, entendido como o não saber ler e escrever, o não possuir a tecnologia de registrar a fala em escrita, de decodificar a escrita em fala. Para este estudo, entende-se ser importante retomar, ainda que de forma breve, alguns aspectos da história da Educação de Adultos no Brasil e sobre que pressupostos se tem fundamentado. Para Ribeiro (1999), a maioria das ações, nesta área da educação, voltam-se para campanhas e projetos sempre esporádicos e apressados de “combate ao analfabetismo”.

Historicamente, em decorrência do crescente índice de analfabetismo entre a população jovem e adulta, os governos brasileiros elaboravam políticas públicas, que priorizavam o acesso de um número cada vez mais significativo de pessoas a programas de alfabetização, cujo processo de ensino-aprendizagem se restringia ao estabelecimento da junção mecânica entre fonema e grafema e a exercícios de memorização do estímulo gráfico e de justaposição silábica que nem sempre resultavam da/em produção de significado. Essa concepção de alfabetização direcionou, durante longo período, a alocação dos recursos disponíveis para projetos que se desenvolviam num período de três ou quatro meses, opção justificada pela crença de que nesse intervalo de tempo estariam garantidas a instalação e a irreversibilidade do processo de desenvolvimento das habilidades de ler e escrever. Esses projetos e propostas de alfabetização, para rapidamente ensinar a ler e escrever passaram a receber críticas de educadores que, a partir de experiências acumuladas por projetos desenvolvidos em universidades públicas, verificaram que muitos adultos que tinham passado por um ciclo curto de alfabetização, seja na infância ou na vida adulta, e que não tiveram a oportunidade de prosseguir os estudos, esqueciam o que tinham aprendido, não avançando na leitura de novas palavras ou passando a utilizar a leitura e a escrita apenas em contextos conhecidos, instalando-se o analfabetismo funcional.

Diante dessa realidade, tornou-se imprescindível a revisão dessas políticas governamentais que originam e direcionam as ações de alfabetização, levando a questionamentos como: Afinal o que é ser alfabetizado? Para que se realizam cursos de

alfabetização? Que cidadãos se deseja formar a partir desses programas de desenvolvimento da leitura e da escrita? Quem são os adultos sujeitos dessa modalidade de educação?

Segundo Oliveira (1999), refletir sobre educação de adultos envolve transitar por três campos que contribuem para a definição do seu lugar social: a condição de “não crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais. As definições do que é ser alfabetizado vêm sendo reformuladas nesse percurso histórico do aprendizado da linguagem escrita nas diferentes tradições culturais, em razão das concepções de linguagem, de alfabetização e de educação. Sabe-se, hoje, que o acesso desigual à educação, causado por diferentes fatores, influi no desenvolvimento da linguagem escrita, fazendo com que os alunos não atinjam ao mesmo tempo, um mesmo grau de conhecimento. O aprendizado da escrita envolve muitas transições que têm conseqüências cognitivas como, por exemplo, a passagem da expressão oral para a gráfica que é de grande importância para o desenvolvimento do pensamento simbólico. Tratando-se do combate ao analfabetismo na vida adulta, Oliveira (1999) afirma que se deve ressaltar ainda o fator ideológico do qual dependem os avanços nas linhas adotadas pelas políticas educacionais. Segundo esta autora, o tema “educação de pessoas jovens e adultas” não remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas a uma questão de especificidade cultural. Com relação à primeira, por exemplo, há uma limitação no estabelecimento de uma psicologia de aprendizagem do adulto.

Palacios (apud Oliveira, 1999) enfatiza a importância de considerar a vida adulta como etapa substantiva do desenvolvimento. Enfatizando, também, a importância dos fatores culturais na definição das características da vida adulta, menciona:

Se cada período da vida é susceptível de se identificar com uma série de papéis, atividades e relações, não cabe dúvida de que a entrada no mundo do trabalho e a formação de uma unidade familiar própria são identificadas como papéis e relações da maior importância a partir do final da adolescência. A forma como esses dois fenômenos ocorrem e as expectativas sociais em torno deles são claramente dependentes em relação a fatores históricos, culturais e sociais (p. 60).

Já no que diz respeito ao funcionamento intelectual do adulto, afirma que,

as pessoas humanas mantêm um bom nível de competência cognitiva até uma idade avançada (acima dos 75 anos). Os psicólogos evolutivos estão, por outro lado, cada vez mais convencidos de que o que determina o nível de competência cognitiva das pessoas mais velhas não é tanto a idade em si mesma, quanto uma série de fatores de natureza diversa. Entre esses fatores podem se destacar, como muito importantes, o nível de saúde, o nível educativo e cultural, a experiência profissional e o tônus vital da pessoa (sua motivação, seu bem estar psicológico...). É esse conjunto de fatores e não a idade cronológica, de per si, o que determina boa parte das probabilidades de êxito que as pessoas apresentam, ao enfrentar as diversas demandas de natureza cognitiva (p. 60).

Oliveira (1999) reafirma a importância de historicizar o objeto de reflexão (o sujeito da Educação de Jovens e Adultos) pois, do contrário corre-se o risco de tratar esse personagem de forma abstrata e a abstração utilizada como referência pode levar a definição do sujeito pelo que ele não é.

1.4.1 - Concepções teóricas da Educação de Adultos no Brasil

Em pleno século XXI, os problemas relacionados à política e a prática pedagógica na educação de jovens e adultos permanecem mais vivos do que nunca. Os trabalhos produzidos e publicados nesta área, nas últimas décadas, foram poucos comparativamente ao que foi produzido em outros campos da educação. Ribeiro (1996) desenvolveu levantamento bibliográfico, abarcando livros, artigos de periódicos especializados, dissertações e teses, relatórios e outros documentos oficiais, além de relatos de experiências, *papers* e outros documentos avulsos sobre esta modalidade, constatando que 48% dos estudos encontrados é composto de dissertações, teses e relatórios não publicados, constituindo-se em produtos de difícil circulação entre os professores que atuam na área.

As concepções que norteiam essa modalidade de ensino vêm determinando o desenrolar de sua história. Ao mesmo tempo que a educação de adultos é caracterizada pelo poder público como uma necessidade, ela não é priorizada pela definição de uma política de educação institucional em que as práticas na área sejam desenvolvidas de forma sistemática como acontece com os demais níveis de escolarização. Isto é demonstrado em estudos recentes, realizados por Moura (1999) e publicados em seu livro: *A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos*. Segundo esta autora, nas iniciativas que se estenderam até a Revolução de 30, os formuladores de políticas para esta área

concebiam a educação de adultos como a aquisição de um sistema de código alfabético, tendo como único objetivo instrumentalizar a população com rudimentos de leitura e escrita. A partir de 1930, a demanda provocada pelo processo de urbanização e industrialização passou a exigir a ampliação da escolarização para adolescentes e adultos. A década de 40 foi considerada como um período áureo para a educação de adultos, embora as concepções não continuassem as mesmas. Isso se demonstra pelas conclusões do Seminário Interamericano de Educação de Adultos realizado em 1949. Conforme Paiva (apud Moura 1999) “ao se fazer uma avaliação sobre os elevados índices de analfabetismo, a inadequação das campanhas realizadas até então [...] concluíram que o problema da educação de massas era de ordem social e não estritamente pedagógico” (p. 53). Enquanto isso, a oferta sistemática de alfabetização para adultos continuava sendo desenvolvida por professores leigos e voluntários e com uma prática semelhante às desenvolvidas com crianças de forma que não somente os procedimentos e recursos metodológicos eram transplantados, mas toda a prática era reproduzida. Ao depender fundamentalmente de todo esse aparato: instalações, pessoal administrativo e docente do ensino primário infantil, podia se definir como uma réplica do ensino para crianças. Todas as ações e iniciativas que ocorrem nesse período passam à margem das reflexões e decisões acerca de um referencial teórico próprio para a área. A visão que se tem do educando adulto é a de quem possui um vazio a ser preenchido por um saber do qual não tem o domínio e que o levaria à auto-promoção. Em relação aos alfabetizadores, não existia qualquer política de formação ou de valorização, pelo contrário, eram identificados como menos capacitados e por isso recebiam salários menores.

Do final da década de 50 até meados da década de 60, a sociedade civil vive uma verdadeira efervescência no campo da educação de adultos. As proposições de Paulo Freire demarcam uma revolução conceitual para a área, através da apresentação e defesa de um relatório intitulado: *A Educação de adultos e as populações marginais: o problema dos Mocambos*. No II Congresso Nacional de Educação de Adultos, em 1958, Paulo Freire defendia e propunha uma educação que estimulasse a colaboração, a decisão, a participação e a responsabilidade social e política. Explicitava o respeito ao conhecimento popular, ao senso comum do trabalhador defendia a categoria do saber aprendido existencialmente, pela

experiência de vida do trabalhador, e sua comunidade como ponto de partida da prática pedagógica. As discussões e encaminhamentos a partir do Congresso delinearão o surgimento de ações norteadas por suas reflexões em torno da concepção e dos objetivos da alfabetização, ao tempo em que se possibilitou o ressurgimento de novos movimentos de caráter popular. As teses apresentadas esboçaram os princípios que serviriam de base ao sistema de ensino e à teorização educativa de Paulo Freire nos anos 60. Foi o início de uma transformação do pensamento pedagógico brasileiro e a reintrodução da reflexão sobre o social na elaboração das idéias pedagógicas. Paulo Freire marcava o início de um novo período na educação dos adultos no Brasil.

A partir do II Congresso Nacional de Educação de Adultos, esta área da educação passa a dispor de um conjunto de idéias e indicações práticas que puderam se contrapor às indicações pedagógicas desenvolvidas anteriormente. “A concepção de alfabetização como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo como um ato criador (...) Enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo de alfabetização tem no alfabetizando o seu sujeito” (Freire, 1980).

Em virtude do golpe militar de 1964, Freire sai do país, deixando um referencial teórico e prático para uma série de reflexões que passam a nortear as práticas desenvolvidas pelos grupos progressistas. A proposta teórico-metodológica de Freire para a alfabetização de adultos se constituiu o único referencial próprio para a área, única formulação, no acervo da literatura brasileira, que define explicitamente a conceitualização de alfabetização de adultos, reconhecida, inclusive, por educadores e pesquisadores internacionais como Giroux, por exemplo. Este autor reconhece que, “historicamente, Paulo Freire proporcionou um dos poucos modelos práticos e emancipadores sobre o qual se pode desenvolver uma filosofia radical da alfabetização e da pedagogia” (Giroux, 1983 p.30).

No entanto, as idéias de Freire nunca se tornaram hegemônicas e o que predominou até a década de 80, no Brasil, norteadas as propostas pedagógicas das campanhas, projetos e programas emergenciais, foram as definições de alfabetização como uma prática de aquisição do código alfabético ou definições mais ampliadas como a formulada pela UNESCO e assumida pelo País durante toda a ditadura militar. Nos anos 60 e 70 as ações

refletiam a proibição da utilização das propostas de Freire e a concepção instrumental de alfabetização foi hegemônica, concentrando-se nas preocupações políticas, econômicas e ideológicas. Desta forma, segundo Moura (1999), durante a ditadura militar, a alfabetização foi utilizada como estratégia de despolitização, de suavização das tensões sociais e como instrumento fundamental de preparação de mão-de-obra para colaborar com os mecanismos de desenvolvimento econômico.

Nos últimos 40 anos da história da educação de adultos no Brasil, identificam-se idéias entre as duas formulações predominantes. A de Freire que se apresenta como a única concepção organicamente voltada para a alfabetização de adultos e a forma tradicional de conceber a alfabetização que vem sendo considerada como a mais elementar, mais conhecida, divulgada e aceita como universal, que permeia as metodologias de ensino utilizadas secularmente nas práticas pedagógicas de todo o mundo, ou seja, a concepção de alfabetização como um processo de aquisição de uma técnica de codificação oral (para escrever) e de decodificação escrita (para ler). Para Ferreiro (apud Moura, 1999), como o conteúdo básico da alfabetização é a linguagem escrita, compreendida como um código de transcrição de sinais sonoros (fala) em sinais gráficos (escrita), alfabetizar pressupõe um aprendizado em que, em primeiro lugar está a mecânica da leitura (decifração do texto) e, posteriormente, a leitura inteligente (compreensão do texto lido).

Nas décadas de 80 e 90, as exigências político-econômicas em nível nacional e internacional e a disseminação do pensamento do modelo neo-liberal em que se impõe uma política de redução dos gastos públicos, privatização e enxugamento do Estado, entendeu-se que o investimento na educação básica de crianças e adolescentes (de 7 a 14 anos) é prioritário e que o investimento na escolarização de jovens e adultos é um empreendimento muito caro, considerado um gasto sem retorno para o sistema produtivo. Os governantes entendem que como os adultos chegaram a determinada idade sem instrução já não terão mais tempo para se qualificarem para a produção e nem atendem mais às exigências psicológicas de adaptação à ideologia dominante e que, portanto, essa tarefa deve ser assumida por toda a sociedade. Contudo, alguns organismos internacionais voltam a intervir no sentido de impedir o crescimento dos níveis de analfabetismo dos jovens e

adultos e o governo federal assume a articulação, coordenação e fomento de algumas ações neste sentido, delegando aos municípios o desenvolvimento de políticas e ações para a área, ou seja, formar mão-de-obra para ser absorvida pela produção e formar 'cidadãos adequados' ao modelo de democracia, evitando-se que a intensificação do processo de exclusão social da grande maioria da sociedade ponha em risco a estabilidade política do planeta.

Até há bem pouco, o letramento era entendido como neutro e os conceitos referentes à alfabetização, letramento, escolarização e educação na compreensão acadêmica e na sociedade eram tidos como claros, objetivos e seguros. Nos últimos tempos, alguns autores, a partir de dados históricos sobre a invenção da escrita, têm questionado a natureza ideológica do letramento, chegando a relativizar a sua importância para o sucesso, tanto na dimensão individual como social.

1.5 O letramento como fator de controle social

Na imaginação popular, o letramento constitui a característica distintiva mais importante de um homem civilizado. A suposição de que a falta dele é um problema de conseqüências sociais e pessoais terríveis é sustentada não apenas por leigos, como também pela imprensa e nas teses defendidas pelos estudiosos da linguagem. De forma mais importante, é excessivamente valorizado por causa da própria estrutura da escolarização formal e porque envolve aprender fora do contexto da ação, por meios que são primariamente simbólicos.

O letramento, intimamente ligado à síntese pós-iluminista da teoria da modernização, era visto como a variável central do conjunto de fatores que distinguiam indivíduos e sociedades avançadas, modernas e desenvolvidas e sociedades em desenvolvimento em várias áreas menos desenvolvidas do mundo. Este conjunto de proposições tinha como suporte as suposições e expectativas baseadas no senso comum, enraizado em uma visão particular da natureza do desenvolvimento que enfatizava a linearidade do progresso e que via os níveis de letramento altamente associados a vários outros indicadores de

desenvolvimento social, desde índices de fertilidade até medidas de desenvolvimento econômico.

Havelock (apud Graff, 1995) ao levantar questões cronológicas relativas à invenção da escrita e da imprensa tipográfica e sua excessiva valorização, assim se manifesta:

O fato biológico-histórico é que o *homo sapiens* é uma espécie que usa o discurso oral, manufaturado pela boca, para se comunicar. [...] O hábito de usar os símbolos escritos para representar essa fala é apenas um dispositivo útil que tem existido há pouco tempo para poder ter sido inscrito em nossos genes, possa isso ocorrer ou não meio milhão de anos à frente. Segue-se que qualquer linguagem pode ser transposta para qualquer sistema de símbolos escritos que o usuário da linguagem possa escolher sem que isso afete a estrutura básica da linguagem. Em suma, o homem que lê, em contraste com o homem que fala, não é biologicamente determinado. Ele traz a aparência de um acidente histórico recente. (p.38).

Segundo Graff (1995), o homem como espécie tem cerca de um milhão de anos; a escrita data de aproximadamente 3.000 anos a.C., de forma que tem aproximadamente 5.000 anos (0,5 por cento da existência da humanidade); o letramento no ocidente data de cerca de 600 a.C., tendo aproximadamente 2.600 anos (0,26 por cento da vida da espécie); e a imprensa data dos anos 1450, tendo, hoje, apenas 550 anos. Uma reflexão sobre essa seqüência de tempo e suas implicações pode ser tanto libertadora quanto estimuladora de novos pontos de vista. “Ela ajuda a colocar o letramento e a primazia em que o temos num contexto mais amplo e apropriado” (p. 53).

A história do letramento é concebida e escrita em termos de mudança nos indivíduos e nas sociedades, supondo que letramento, desenvolvimento e progresso estão inseparavelmente ligados. O quadro a seguir descreve os pontos-chave da história do letramento no ocidente.

| | |
|-------------|--|
| 3100 a.C | Invenção da escrita |
| 3100 a.C | Desenvolvimento dos sistemas de escrita |
| 650-550 a.C | Invenção do alfabeto grego |
| 500-400 a.C | Primeiros desenvolvimentos escolares, cidades-estado gregas, tradição da alfabetização para propósitos cívicos |
| 0+ | Origens e desenvolvimento do Cristianismo |
| 1200+ | Revoluções comerciais, urbanas, administração ampliada e outros usos da alfabetização e especialmente a escrita, desenvolvimento da educação leiga, advento das línguas vernáculas, alfabetização prática, heresias religiosas |
| Anos 1450 | Advento da imprensa, consolidação dos Estados, humanismo cristão |
| Anos 1500 | Reforma, difusão da imprensa, crescimento das literaturas vernáculas, expansão da escolarização (alfabetização de massa nas áreas protestantes radicais). |
| Anos 1600 | Campanha de alfabetização sueca |
| Anos 1800 | Desenvolvimento e institucionalização da escola, alfabetização de massa, meios impressos de massa, educação para o desenvolvimento social e econômico: pública e compulsória |
| Anos 1900 | Meios não-impressos, eletrônicos |

Fonte: GRAFF, Harvey. *Labirintos da Alfabetização*. Artes Médicas, 1995 p. 41

Na história do ocidente os níveis de letramento têm sido considerados decisivos para o desenvolvimento econômico. As relações de poder de pessoas-chave, os papéis do “capital cultural”, das inovações tecnológicas e da habilidade para pô-los em prática, bem como as demandas do consumidor, os vínculos entre distribuição, *marketing*, transportes e comunicação, têm sido vinculados às habilidades e às competências de letramento.

No entanto, os grandes avanços, desde a revolução comercial da Idade Média até a proto-industrialização do século XVIII, em áreas rurais e mesmo na indústria fabril nas cidades, estiveram, relativamente, pouco relacionados à alfabetização popular ou à escolarização. A industrialização inicial deveu pouco ao letramento. Suas demandas sobre a força de trabalho foram raramente de natureza intelectual ou cognitiva.

Desta forma, o desenvolvimento industrial europeu, especialmente na Inglaterra, não foi construído sobre os ombros de uma força de trabalho letrada e nem serviu para aumentar os níveis de alfabetização popular. Por outro lado, em alguns lugares, mais tarde, a existência de níveis mais altos de educação popular, anteriormente ao advento do capitalismo fabril, pode ter suavizado ou tornado o processo diferente.

A presença de uma população letrada e formalmente escolarizada pode ter contribuído para a transição rápida, mais suave, menos violenta e isenta de conflitos, para o mercado e para a fábrica. A seqüência do desenvolvimento escolar inicial serviu para preparar a futura força de trabalho para a conduta, para os hábitos, o comportamento, os ritmos e a disciplina exigidos pela fábrica. A alfabetização, no século XIX, tornou-se vital ao processo de “treinar para ser treinado”. Graff (1995) levanta a hipótese de que a inventividade e as inovações tecnológicas, que tornaram possível o processo da industrialização, não tenham sido decorrentes de uma alfabetização do tipo alfabético, mas, antes, um tipo mais visual ou experimental de letramento. Segundo ele, existem muitos tipos de “alfabetizações” e este é um ponto central insuficientemente reconhecido. Não existe uma via única destinada ao êxito na obtenção de uma alfabetização de massa. Na Suécia, por exemplo, a alfabetização de massa foi alcançada sem escolarização formal, antes do século XVIII, tendo sediado a mais bem sucedida campanha de alfabetização da história do Ocidente. Winchester (apud Graff, 1995) sintetiza as conclusões dos estudos sobre o caso sueco:

Um protestante, para receber os sacramentos ou para se casar, devia estar apto a ler a palavra de Deus diretamente. Com a promulgação de leis restringindo o casamento aos alfabetizados, um incentivo direto, sobre o qual podiam atuar os párocos, estava nas mãos da igreja sueca. O efeito líquido disso foi que os párocos tomaram-se os grandes guardiões da leitura e as famílias nas localidades agrícolas suecas, seus instrumentos. A partir da época de Carlos XI, os sacerdotes com rigor crescente, faziam inspeções anuais de todas as casas, testando a leitura e o nível de compreensão de todo sueco com respeito ao Pequeno Catecismo de Lutero (a tradução sueca da Bíblia se deu um pouco mais tarde). O programa anual de testagem foi logo padronizado e os resultados ainda existem em forma manuscrita para o grosso da população (p. 47).

Além do êxito sueco em formar uma população alfabetizada, outro fator que merece especial atenção é o fato de ter sido dada prioridade à alfabetização das mulheres e das mães. Isto levou à obtenção, pela Suécia, de altas taxas de alfabetização feminina, um padrão raríssimo nas transições ocidentais para a alfabetização de massa. A Suécia caminhou para impressionantes níveis de difusão da leitura sem escrita. Só a partir da metade do século XIX, com a construção do sistema escolar sustentado pelo Estado, é que a escrita, em acréscimo à leitura, se tornou parte da alfabetização popular.

Do período clássico em diante, líderes políticos e religiosos, reformadores, tanto quanto conservadores, têm reconhecido os usos do letramento e da escolarização como imprescindíveis para o desenvolvimento dos países. Entretanto, na concepção deles, o letramento sem freio ou sem controle é potencialmente perigoso, uma ameaça à ordem social, à integração política, à produtividade econômica e aos padrões de autoridade. Uma das grandes inovações da Reforma Luterana, como primeira grande campanha de alfabetização na história do Ocidente, foi o reconhecimento de que o letramento poderia ser empregado – se controlado – como um meio para a escolarização e o treinamento popular numa escala sem precedentes.

O letramento se torna cada vez mais um aspecto vital da manutenção da estabilidade social, particularmente em períodos de mudanças sociais e econômicas maciças. Desta forma, torna-se importante enfatizar as funções integradoras e criadoras da hegemonia do letramento fornecido através da escolarização formal e apontar para as possibilidades libertadoras que ele em si encerra, associando-o com os modos de conceber o mundo.

Os modelos de qualificação profissional acompanham as tendências decorrentes das mudanças no mundo do trabalho. Neste contexto, a leitura a escrita e são consideradas habilidades básicas e determinados níveis de letramento são imprescindíveis para o desenvolvimento de competências mais elaboradas.

1.6 O letramento e os modelos de qualificação para o trabalho

Atualmente, percebe-se uma acentuada preocupação com as habilidades requeridas pelo mercado de trabalho, tendo em vista o processo de desenvolvimento tecnológico e a complexa estrutura organizacional das empresas, visando à competitividade numa economia globalizada.

Nesse contexto de inovações, em grande parte proporcionadas pelas novas tecnologias, retomam-se as discussões como a que estamos propondo: o letramento e sua dimensão social, abrangendo o mundo do trabalho, objeto principal deste estudo.

Segundo Soares (1998), até a década de 40, o formulário do Censo do IBGE definia como alfabetizado ou analfabeto aquele que soubesse ou não assinar seu nome, pois as condições culturais, sociais e políticas do país, até então, não exigiam muito mais que isso de grande parte da população. As pessoas aprendiam a desenhar o nome apenas para poder votar ou assinar contrato de trabalho. No entanto, para Pelandré (1998), em países onde o modelo educacional contempla a educação para o trabalho, a concepção de letramento subjacente aos planos de educação deve contemplar as habilidades básicas necessárias para inclusão do cidadão no mercado de trabalho.

Observa-se que a crença no “mito da alfabetização” ou a crença no seu poder de promover progresso econômico permanece muito forte. Publicação recente que reporta aos resultados do *Internacional Adult Literacy Survey* (apud Ribeiro 1999), pesquisa por meio da qual se comparam níveis de habilidade em leitura dos jovens e adultos de oito países europeus e norte-americanos, confirma essa crença:

Nos últimos anos, o alfabetismo adulto tornou-se crucial para o desempenho econômico das nações industrializadas. O alfabetismo não é mais definido simplesmente em termos de um patamar básico de habilidade de leitura, já alcançado pela maioria da população nos países desenvolvidos. Agora ele é compreendido como a capacidade de os adultos utilizarem a informação escrita para funcionar na sociedade. Hoje, os adultos precisam de um nível mais alto de alfabetismo para funcionar adequadamente: a sociedade tornou-se mais complexa e os empregos de baixa qualificação estão desaparecendo. Por essa razão, níveis inadequados de alfabetismo num segmento amplo da população são uma ameaça potencial à força das economias e à coesão social das nações (p.233, nota de rodapé).

De acordo com Saviani (1994), até a Idade Média, a escrita era tida como atividade secundária e subordinada a formas de produção que não implicavam em seu domínio. Na época moderna a incorporação da ciência ao processo produtivo requer a exigência da disseminação dos códigos formais, do código da escrita. O domínio da escrita se converte, assim, numa atividade generalizada. Na sociedade moderna, o saber é força produtiva, pois através dele a sociedade converte a ciência em potência material.

1.6.1 Qualificação da força de trabalho no capitalismo contemporâneo

As mudanças tecnológicas e organizacionais ocorridas no mundo resultam num novo paradigma de produção e requerem um novo modelo de qualificação da força de trabalho alternativo ao fordismo. Segundo Paiva (1994), as novas tendências de qualificação se fundamentam em quatro grandes teses:

1 - **A tese da desqualificação:** o capitalismo está se reproduzindo, mantendo as características da transição do artesanato à manufatura, provocando uma desqualificação progressiva em termos absolutos e relativos.

2 - **A tese da requalificação:** a automação, o consumo de massa, etc. estão exigindo a elevação da qualificação média da força de trabalho.

3 - **A tese da polarização das qualificações** – combinada com qualquer das outras, afirma que o capitalismo moderno necessita de um pequeno número de trabalhadores qualificados, enquanto a grande massa se vê frente a um processo de desqualificação.

4 - **A tese da qualificação absoluta e relativa:** - o capitalismo contemporâneo necessita de trabalhadores mais qualificados em termos absolutos (a elevação da qualificação média), mas qualificação relativa, considerando-se o nível de conhecimentos socialmente disponíveis se reduzirá em comparação com as épocas pretéritas.

Em consequência dessas mudanças, as exigências intelectuais são maiores e distintas do que no passado, posto que o trabalho intelectual se caracteriza nos escritórios pela conexão entre conhecimento, configuração de situações interativas e processos mercadológicos.

Para Hirata (apud Bianchetti, 2001), o conceito de qualificação é o resultado de uma construção histórica perpassada pelos conflitos que vieram marcando a relação capital e trabalho que, mesmo enquanto contenedores de poder desigual, sempre estiveram em condições de enfrentar-se. Diferentemente, a noção de competência, cuja fonte é o discurso do capital, traz como sua marca peculiar a imprecisão conceitual. Conforme Bianchetti (2001), a imprecisão conceitual das competências se manifesta numa falta de relação entre

diploma e posto de trabalho; entre posto de trabalho e remuneração; entre sindicalização e manutenção/avanço nas conquistas dos trabalhadores, cuja consequência direta é o conflito entre classes para o âmbito interno da própria classe trabalhadora. A noção de competência é caracterizada pela plasticidade ou a necessidade de constantes adequações dos trabalhadores às cambiantes exigências decorrentes das freqüentes mudanças da estrutura produtiva e organizacional das empresas. O trabalhador qualificado, a partir do modelo de competências no interior das empresas, além do conhecimento, deve destacar-se em aspectos relacionados ao comportamento, às atitudes, posturas, etc. Valoriza-se o conhecimento formal, mas o que vai determinar a permanência do trabalhador na empresa ou, eventualmente, sua promoção com melhoria salarial, individualmente e não enquanto categoria, é a capacidade de operacionalizar o conhecimento no momento de identificar e solucionar os problemas no processo de trabalho.

De acordo com Paiva (1990), a exigência de qualificação, neste contexto, visa às competências de longo prazo, compreendendo conhecimentos e atitudes, possibilidades de percepção e raciocínio, capacidade de comunicação e cooperação, além de conhecimentos diferenciados que incluem regras de organização, atualização de informações, manejo da linguagem de forma adequada à situação, facilidade de penetração comunicativa e situacional bem como capacidade específica de trabalho cooperativo.

O espectro de tarefas e o volume de decisões exigem uma atualização ampliada de conhecimentos profissionais por parte das pessoas que comandam. Dessas pessoas, exige-se capacidade de pensar e agir num horizonte muito mais amplo e de usar dados eletrônicos. A velocidade exigida no ajustamento do emprego, entre outros elementos como contratos de duração determinada e subemprego, apela à capacidade de dominar diferentes segmentos de um mesmo processo produtivo. Desta forma, a flexibilidade da produção e do trabalho é uma flexibilidade ofensiva que também afeta a formação e a requalificação dos trabalhadores (Boyer apud Paiva, 1990).

Na relação entre educação e trabalho, o mercado exige mais do sistema educacional – o qual, segundo Urrea (apud Paiva, 1990), deve passar por uma ampla reforma curricular no sentido de permitir a flexibilidade, a interdisciplinaridade, a transmissão de uma visão

globalizante dos processos tecnológicos, oferecendo à força de trabalho uma capacitação de natureza geral com ênfase na lógica matemática, na cultura informática e na atualização em diferentes áreas. Segundo este autor, essa reforma curricular amenizaria os efeitos das novas formas de inclusão-exclusão no mercado de trabalho, possibilitando aos países periféricos uma busca mais ampla de alternativas na economia informal ou na “vida alternativa”. Esta reforma estaria associada a níveis mais elevados de educação. Para Paiva (1990), o que toda população demanda, hoje, mesmo aquela que, possivelmente, está ou estará excluída do mercado de trabalho ou que terá nele menores chances, tendendo a embrenhar-se no mercado informal ou na “vida alternativa”, é uma educação de caráter mais geral.

O redimensionamento das qualificações no interior dos processos de trabalho passam a privilegiar as atividades simbólicas e de abstração em detrimento das atividades ditas concretas e passíveis de codificação. Neste contexto, surge o modelo das competências.

1.6.2 O modelo das competências

O modelo das competências ou especialização flexível é considerado um dos modelos alternativos ao fordismo e tem sido objeto de discussão dos debates mais recentes em sociologia e em economia do trabalho, sobre a evolução das qualificações e da divisão social do trabalho em decorrência das mudanças tecnológicas e organizacionais das empresas. No que tange ao padrão educativo, neste modelo, destaca-se: 1) a desvalorização da certificação escolar, tendo em vista a valorização na seleção para o trabalho de ⁸conhecimentos tácitos; 2) a não apresentação pelos estudos sobre a cognição de elementos que possibilitem o deslocamento autônomo dos indivíduos de um campo a outro do conhecimento; 3) a demanda por um padrão educacional que privilegie a autonomia no aprendizado e a mobilização do conhecimento individual em função da velocidade das mudanças e da competitividade.

⁸ Conhecimento anterior, fruto da vivência e da intuição do trabalhador (Arruda 2000).

Conforme Arruda (2000), no ambiente de trabalho, identifica-se como ganho a valorização do saber do trabalhador e de sua ação de trabalho, todavia salientado-se que a avaliação do desempenho do trabalhador tende a orientar-se para situações específicas e pontuais, tendo como parâmetro elementos de difícil hierarquização e codificação (criatividade, iniciativa, motivação). Segundo Hirata (1994), as novas modalidades de organização e desenvolvimento industrial, alternativas ao paradigma fordista, foram conceptualizadas, no início dos anos 80, como o modelo da “especialização flexível”, por economistas, nos Estados Unidos, e como um novo conceito de produção, por sociólogos na Alemanha. Este modelo representa o incremento das inovações internacionais e tecnológicas, a descentralização e a abertura ao mercado internacional, tendo como figura emblemática, no plano da organização da produção, a fábrica flexível; no plano da hierarquia das qualificações, o operário *prudhoniano* e, no plano da mobilidade dos trabalhadores, o trabalhador temporário, isto é, a possibilidade de mudar de emprego e o tempo de trabalho em função da conjuntura. Esta flexibilidade, que deve permitir a superação da crise da produção de massa fordista, tem, como corolário, a volta a um trabalho do tipo artesanal, qualificado e uma relação de cooperação entre *management* e operários multifuncionais. Desta forma, este novo conceito de produção representa uma ruptura com o taylorismo e o fordismo, com uma nova lógica de utilização da força de trabalho, com uma divisão menos pronunciada do que no taylorismo e uma integração de funções tornando-se perceptível. A automatização da produção é considerada como representando um impulso para a formação e para a reprofissionalização da mão-de-obra direta nos três ramos industriais estudados por esses autores (química, máquinas-ferramentas, automobilística), mesmo naqueles setores onde a mão de obra não qualificada representa ainda a maioria dos efetivos (54%), como na indústria automobilística alemã.

O novo conceito de produção exige uma nova massa de conhecimentos e atitudes bastante diferentes das qualificações formais requeridas pelas organizações do trabalho do tipo taylorista e mais próximas daquelas requeridas pela empresa japonesa em oposição à empresa americana. O enfoque na empresa japonesa explica o ressurgir do debate sobre a

qualificação pela questão do seu nível de formalização contemplar: componentes implícitos e “não organizados” da qualificação (comportamentos, atitudes, dedicação, responsabilidade) e componentes “organizados” e explícitos como: educação escolar, formação técnica, educação profissional. Um enfoque por postos de trabalho e por alocação do indivíduo ao posto daria ênfase aos últimos; um enfoque sobre equipes de trabalho e responsabilização coletiva na execução do trabalho tenderia a enfatizar os primeiros.

Enfim, a tese da requalificação dos operadores com a adoção de novas condições de produção vai conduzir – dentro da sociologia das qualificações – a uma superação do paradigma da polarização das qualificações, dominante desde o fim dos anos setenta e à emergência do modelo da competência, que corresponde a um novo modelo pós-taylorista de qualificação. Sua gênese está associada à crise da noção dos postos de trabalho e à de um certo modelo de classificação e de relações profissionais. No modelo de competências toda sorte de conhecimento manifesta-se na atividade. Não são os saberes designados que permitem caracterizar as abordagens, mas o raciocínio no qual elas se inserem.

As competências no trabalho são mais importantes do que se acreditava e distribuem-se em três raciocínios, às vezes, combinados: uma **revelação** empírica que presume que os conteúdos do trabalho atual sinalizam para uma **revalorização** das competências e a **qualificação** que não é automaticamente determinada pelo conteúdo do trabalho. No passado, era a idéia da representação do operário especialista como um robô ignorante, no presente, é uma extensão das estratégias cognitivas que subentendem as tarefas aparentemente rotineiras. (Lucas, Jones e Wood, apud Ropé, 1997). Há uma reviravolta metodológica na qual as competências apontadas como uma construção social levam em conta os processos locais no decorrer dos quais os atores valorizam suas competências.

A palavra competência designa simultaneamente o direito e a capacidade de conhecer. Para conhecer os meios de compreender a maneira como as competências se diferenciam, é necessário considerá-las como produtos de processos e não como pontos de partida, encarando esses processos como conseqüências de “habilitações”. Será competente aquele que está habilitado a tornar-se hábil em um domínio do conhecimento (Ropé, 1997).

As tecnologias cognitivas evidenciaram a importância de capacidades insuspeitas, como andar, falar, reconhecer cores ou formas. As diferenças entre homens e máquinas não são banais, mas são banalizadas no mercado de trabalho; não bastam para distinguir os trabalhadores entre si (Stroobants, 1997). As capacidades mais comumente partilhadas tornam-se invisíveis e literalmente inqualificáveis. Por conseguinte, é arriscado mostrar às pessoas a possibilidade de valorizar demasiadamente tais competências em detrimento de outros referenciais que os diferenciam, como, por exemplo, níveis mais elevados de letramento.

As mídias, cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, invadem também o mundo do trabalho e, influenciam os modos de pensar, de agir, e de aprender dos sujeitos. Estes meios, pelo fascínio que exercem sobre as pessoas, oferecem amplas possibilidades às instituições de socialização, principalmente às escolas, no desenvolvimento da leitura crítica e de uma postura ativa dos indivíduos. Para tal, o caminho é a educação para a mídia, a formação do telespectador crítico e inteligente, com repercussão no comportamento do trabalhador nos espaços de trabalho.

A seção a seguir, traz uma abordagem sobre as concepções de letramento veiculadas pelas mídias e as possibilidades de utilização dos recursos eletrônicos como componentes pedagógicos na educação continuada, especialmente de jovens e adultos.

1.7 O letramento e as mídias

As mídias, ao tratarem de assuntos referentes ao letramento, procuram dar nova roupagem a velhas concepções de alfabetismo. Nas mensagens veiculadas por elas sobre a natureza funcional do letramento, por exemplo, tanto na sua dimensão individual quanto social, são ressaltadas as concepções do analfabetismo como principal obstáculo para o desenvolvimento e a educação sistematizada é colocada como uma condição, não apenas necessária, mas também suficiente para a resolução dos problemas sociais enfrentados no país.

Para situar os números do analfabetismo, a mídia utiliza termos como, analfabeto, não-alfabetizado, semi-analfabeto, analfabeto absoluto, analfabeto funcional ou iletrado,

muito raramente referindo-se a critérios de classificação para se chegar a estas categorias e, quando os utiliza, o fazendo de forma muito vaga (Matêncio, 1995). Para esta autora, as imagens do analfabetismo na mídia filiam-se a inúmeras práticas sociais e culturais, sendo trabalhada, materializada e veiculada como um mal que deve ser “erradicado”. É comum a mídia utilizar-se de metáforas que levam a população a se convencer que a erradicação do analfabetismo é uma “guerra”, uma “luta”, um “combate” a ser travado e vencido. Ou, ainda, que o analfabetismo é uma “praga” a ser destruída. A mídia constrói, assim, a imagem de que deve haver uma “caça ao analfabeto” e que esta exige muita munição.

Considerando a marcante presença das mídias nas sociedades atuais e sua forte interferência na prática social, uma educação que não leve em conta a leitura crítica das mídias, nos dias de hoje, é no mínimo, uma educação capenga. Pois, segundo Belloni (1991), o modo de vida num mundo onde há o predomínio da tecnologia modifica as relações do homem com a natureza, intensificando a necessidade de maior aprendizagem científica. Esta situação agrava-se em função de que o acesso aos objetos técnicos vem sendo cada vez mais marcado por profundas desigualdades sociais, especialmente nos países em desenvolvimento. E a educação não pode continuar ignorando isto.

Segundo a autora citada, desde os anos 80 do séc. XX, vários órgãos internacionais que atuam nas áreas da cultura, educação e saúde, vêm discutindo com especialistas em comunicação de massa, assuntos ligados à saúde e à psicologia, visando a sistematizar os conhecimentos na área e definir políticas de ação.

Atualmente, estudiosos de diferentes países têm demonstrado preocupação com o tempo gasto pelas pessoas frente à televisão e a influência que as imagens televisuais podem exercer sobre a estruturação da consciência e do comportamento dos indivíduos. A sociedade civil também tem demonstrado sua preocupação através das associações de pais e educadores e outros organismos comunitários, buscando a defesa dos valores familiares contra os quais considera que há uma invasão de mensagens negativas, familiarizando, principalmente as crianças com as aparências da morte violenta, como uma diversão cotidiana.

A televisão tem se sobressaído como mídia mais acessível para todas as classes sociais. Ela vem cumprindo o duplo papel de socializar as novas gerações e estabelecer o controle social. Segundo Gomez (1992), as pesquisas sobre a influência das mídias, especialmente a televisão, têm aumentado quantitativamente, no entanto faltam dados sobre o modelo padrão de conteúdo da experiência visual em termos de programas e gêneros e quais as conseqüências culturais deles derivadas.

Apesar do impacto da televisão sobre o processo de socialização ser incontestável, principalmente nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, sua importância cultural permanece muito mais difícil de ser discernida do que as suas funções puramente econômicas. Primeiro, pelo fato da televisão ser o veículo de ponta do sistema midiático, constituindo-se na mídia mais popular. Segundo, porque as outras instituições de socialização são precárias e têm dificuldades de cumprir de maneira satisfatória suas tarefas socializadoras (Belloni, 1999).

Conforme esta autora, a tecnificação crescente da sociedade, nesta nova fase do capitalismo mundial, de um lado, tem permitido maior eficácia dos mecanismos de controle social; e de outro, tem gerado uma tendência inelutável à mundialização da cultura. Estes fatores articulados têm atuado no sentido de criar uma “subcultura” no âmbito planetário, cujas características mais visíveis são a integração e a conseqüente “naturalização” dos objetos técnicos às experiências vividas pelas pessoas, de um modo geral, e de uma forma especial as crianças e os adolescentes. Esta “subcultura” vem gerando novos modos de perceber, sentir, pensar e, por conseguinte, novos modos de aprender.

As mídias têm funcionado, sobretudo, como arautos do sistema capitalista, em escala planetária. Através delas, os produtos da indústria cultural e publicitária invadem o tempo livre, reiterando os conteúdos do discurso ideológico dominante em nível mundial. O livre acesso de todas as camadas sociais à televisão, aos novos brinquedos técnicos soma-se à perda relativa das funções de socialização sofrida pela escola e pela família. Todos esses fatores fortalecem a televisão como um instrumento cada vez mais poderoso no processo de socialização.

Segundo Costa (apud Brasil 1997), os meios de comunicação de massa se instituíram na sociedade na forma de aparelhos culturais, como canais de propagação dos interesses capitalistas e de produção de uma visão de mundo voltada para um determinado projeto de desenvolvimento sócio-econômico e cultural. Desde então, estes meios tiveram um papel fundamental no processo de uniformização dos padrões de vida. Através deles, principalmente da televisão, o sistema capitalista oferece, ao olhar e à cobiça, um mundo de imagens e representações que se condensam em um imenso e fantástico espetáculo. Pretendendo que o desejo não se esgote pela via da contemplação e que exista sempre um lançamento a ser consumido, seja de bens materiais ou simbólicos, estes meios fazem com que o sujeito se sinta sempre com a sensação de falta e se lance ao consumo desenfreado. Como a maioria da população, no caso dos países periféricos, não tem suporte financeiro para consumir, resta-lhe apenas a exclusão da nova velha ordem social

O crescimento e a expansão dos meios de comunicação significaram sua centralização e controle por uns poucos – tendência ocorrida mundialmente, a partir da segunda metade do século XX. No Brasil, apenas nove famílias detêm mais de 90% dos meios de comunicação. Esse monopólio não significa apenas o controle do espetáculo, pois esses meios se tornaram quase um fórum de decisões políticas, pela influência que exercem junto aos eleitores, orientando desfechos que interessam ao poder dominante. Os meios de comunicação de massa, assim como outras instituições sociais (família, escola...) passaram a ser os maiores responsáveis pela produção de sujeitos, de saberes, de verdades e, por consequência, da própria realidade. Entretanto, a mídia, ao contrário do que parece, não é o monstro manipulador e produtor exclusivo das consciências, pois sempre há possibilidade de resistências. Mas essas possibilidades só existirão se forem construídas, se as instituições de socialização desenvolverem a leitura crítica e uma postura ativa dos sujeitos e, para isso, **o único caminho é a educação para a mídia**, a formação do telespectador crítico e inteligente.

A televisão, como um eficiente veículo de comunicação e informação, revela-se possuidora de muitas virtudes pedagógicas, podendo funcionar como uma grande janela para o mundo (Belloni, 1991), principalmente para as pessoas que não têm condições de acesso a outros meios de informação.

O caso chinês é um exemplo que demonstra como o uso deste meio pode contrariar os objetivos de controle da manipulação e mostrar uma luz em direção ao potencial libertador da televisão.

Segundo Lull (apud Gomez, 1992), o governo chinês pretendia usar politicamente a influência exercida pela televisão naquele país. Contudo na China este meio de comunicação tem se convertido no agente central da resistência popular contra o sistema político e econômico e, apesar do monopólio governamental, a televisão tem fugido ao controle ideológico nacional, tem intensificado a informação e tem produzido alterações nos perfis culturais da nação. Como um “novo membro da família chinesa”, a televisão tem possibilitado ao povo, a formação de uma nova consciência política, amortizando a áspera realidade da vida cotidiana e possibilitando uma realidade alternativa, intensificando a intimidade e a importância da coletividade natural – a família.

Para McLuhan (apud Carmo, 2001) as alterações técnicas não transformam apenas os modos de vida, mas também as formas de pensar e a escala de valores. Enfim, o audiovisual produz um tipo diferente de homem. Desta forma, a televisão altera a percepção de mundo e as relações com os outros. Segundo este autor, as sociedades têm sido mais modeladas pelo tipo de meios com os quais seus cidadãos se comunicam que pelo conteúdo da comunicação. Uma vez que os meios modificam os ambientes e suscitam novas percepções sensoriais, ele conclui que “o meio é a mensagem”. A influência do papel estético da televisão se comprova nos jornais e, especialmente, nas revistas que trazem muitas imagens, muitos títulos e pouco conteúdo. Confirma-se, também, na edição dinâmica e nas imagens enigmáticas dos videoclipes que influenciam a publicidade e os filmes de longametragem. Os atrativos do videoclipe são o movimento, o ritmo frenético e a rapidez das imagens. Nenhum plano dura mais que cinco segundos e, não raras vezes, o enredo é substituído pela estimulação dos efeitos visuais (Carmo, 2001).

Frente a toda essa estimulação decorrente das mudanças tecnológicas, como fica a escola? A educação não pode permanecer ignorando todas estas transformações.

Para Cairncross (2000), há um descompasso entre o acúmulo de informações desta era tecnológica e a capacidade das pessoas em absorver todas essas novas informações. Para

Carmo (2001), isto se dá, também, porque o tempo biológico do pensamento requer assimilação, fermentação e maturação dos acontecimentos. Este autor faz a seguinte citação:
⁹ “O Concorde atravessa o Atlântico em três horas e meia, mas será sempre preciso quinze dias para ler Guerra e Paz”, diz o escritor Francês Régis Debray” (Carmo, 2001:18).

Por outro lado, para Ferrés (1999), no mundo ocidental, praticamente desde que nascem, as pessoas são expostas a uma cultura de persuasão e de sedução exercida pelas mídias, sem receberem, no entanto, um mínimo de formação no âmbito da sua influência sobre suas vidas. Existe, para este autor, uma notória contradição entre os parâmetros a partir dos quais se educa nas escolas e universidades e o contexto no qual vivem os cidadãos. Educa-se na racionalidade, mas vive-se num meio social no qual prevalece a emotividade. Vive-se num ambiente comunicativo no qual são privilegiadas as imagens e a exploração irracional das tendências e dos impulsos emocionais e inconscientes. Entretanto, segundo este pensador, a escola deve utilizar-se destes meios que tanto seduzem e fascinam como componentes pedagógicos, para a educação numa perspectiva libertadora.

Freire (1997), em seu texto “Alfabetização em televisão”, refere-se ao papel da educação no desenvolvimento da criticidade frente aos instrumentos tecnológicos de comunicação, pronunciando-se nos seguintes termos:

[...] uma das tarefas precípua da prática educativo progressista é o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil [...] Uma leitura de mundo crítica implica o exercício da curiosidade e o seu desafio para que se saiba defender das armadilhas, por exemplo, que lhe põem no caminho as ideologias. As ideologias veiculadas de forma sutil pelos instrumentos chamados de comunicação. Minha briga, por isso mesmo, é pelo aumento da criticidade com que nos podemos defender dessa força alienante. Esta continua sendo uma tarefa fundamental de prática educativo-democrática” Que poderemos fazer, sem o exercício da curiosidade crítica, em face do poder indiscutível que tem a mídia” p.107

Para Belloni (1991), a escola, como depositária do espírito crítico e como responsável pela elaboração das aprendizagens e pela coerência da informação, detém a

⁹ Cf. Artigo Rebelde com pressa do autor Paulo Sérgio do Carmo, publicado no Jornal Bolando Aula de História Número 30 p. 18 – Junho/Julho de 2001.

legitimidade cultural e as condições práticas de ensinar a lucidez às gerações. Sendo assim, a escola deve se abrir para o mundo, integrando em seu ensino as novas linguagens e os novos modos de expressão. É ilusório pensar que a televisão irá renunciar o seu poder e se adaptar aos objetivos educacionais. Também é ilusório pensar que as famílias, principalmente as mais pobres, tenham condições de conscientizar seus filhos e educá-los para a leitura crítica das mídias. Somente a educação formal – teórica e praticamente – pode conceber e executar esta tarefa fundamental de educar para a informação midiática. Para cumprir sua missão socializadora é preciso que a educação, em qualquer modalidade em que se efetive, tenha integrada, em seu ensino, a mídia com sua linguagem e seus códigos que, por sua vez, geram novos modos de pensar, sentir e agir e por conseqüência, de aprender.

Para Greenfield (1995), a televisão pode auxiliar à ampliação da visão de diferentes grupos da sociedade, principalmente se aumentar seu impacto educativo com discussões em sala de aula, aliado ao entusiasmo dos professores com os resultados obtidos, provando, desta forma, que é possível integrar a televisão no currículo escolar.

A televisão pode ser um instrumento libertador, quando numa experiência integradora, permitir que a racionalidade e a emotividade interajam de maneira lúcida (Ferrés, 1999). Isto só será possível quando os processos educativos e comunicativos da sociedade comungarem os mesmos objetivos, rumo à construção conjunta de um conhecimento que seja resultado de uma experiência humana integral.

A escola, assim como os meios de comunicação de massa em geral e outras instituições sociais, utilizando-se da força e da sedução desses meios, poderia propor formas críticas, outras práticas e discursos que possam desenvolver novas perspectivas de uma prática social libertadora.

Mas, será que existe interesse em uma educação crítica para o telespectador?

O Manual Latinoamericano de Educação para os Meios de Comunicação diz:

El gran problema reside en la desautorización proveniente de los sectores para los cuales el trabajo de los grupos de educación para los medios representa una amenaza a las tesis neoliberales. Se suma a eso, naturalmente, la fragilidad organizativa de los grupos; el reducido alcance de su actuación; la dificultad en renovar sus cuadros de capacitación, además de la carencia de recursos técnicos y financieros. (p. 288)

Considerando as dificuldades apontadas, o *Manual Latinoamericano de Educação para os Meios* coloca uma pauta de debates e estratégias para a área. No plano de ações, sugeridas nesse documento, encontram-se exemplos de organizações que já têm avançado no sentido de elaboração de metas, recomendações e projeções de um programa de educação para as mídias para a América Latina, que giram em torno de quatro grandes temas:

- análise do panorama que apresenta a educação para os meios na América Latina;
- trabalho prospectivo sobre metas da educação para os meios nos próximos 20 anos (1992-2012);
- propostas para o desenvolvimento da educação para os meios em diferentes âmbitos de trabalho.
- elaboração de um conjunto de recomendações aos Ministérios de Educação, às Universidades, às ONGs, às Agências Internacionais, aos meios de comunicação e ao governo.

O que se percebe, entretanto, é que quase dez anos se passaram desde que as discussões mencionadas acima foram propostas e, apesar do grande avanço das tecnologias neste período, o sistema de comunicação nos países de terceiro mundo ainda persiste no velho sistema de uns produzem e outros recebem.

Segundo Kaplún (1998), pensar a comunicação educativa limitada ao âmbito da mídia é uma visão redutora, pois esta, além de abarcar o campo da mídia, não se restringe apenas a esta área: abrange também, e em lugar privilegiado, o tipo de comunicação presente em todo o processo educativo, seja ele realizado com ou sem o emprego de meios. Isto implica considerar a comunicação não como um mero instrumento midiático e tecnológico e, sim, antes de tudo, como um componente pedagógico.

1.7.1 Implicações do letramento nos processos de comunicação midiática

A noção de comunicação cobre uma multiplicidade de sentidos. Se desde há muito é assim, a proliferação das tecnologias e profissionalização das práticas mais não fizeram que acrescentar novas vozes a esta polifonia (Mattelart, 1997).

O conceito de letramento, como “práticas e eventos relacionados aos usos, funções e impacto da escrita na sociedade”, pela sua ampla dimensão, abrange um conjunto de práticas sociais que envolve pessoas consideradas letradas mesmo que não sejam alfabetizadas. Estas pessoas podem ser capazes de participar, através de estratégias orais, de práticas de letramento, ou seja, práticas em que a escrita desempenha papel central, como por exemplo, o jornal televisivo. Este tem sua base na escrita, no entanto é oralizado (leitura em voz alta). Compreender o texto do jornal televisivo implica ter acesso às características de um tipo de texto escrito e desenvolver estratégias de reconstituição de sua coerência, analisar o potencial argumentativo do texto, entre outras habilidades requeridas para a compreensão da leitura. Em suma, é uma prática social de leitura a que os não-alfabetizados têm acesso.

O letramento constitui um conjunto de práticas sociais em que se usa a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, com finalidades e propósitos específicos. Assim, pode-se inferir que, em sociedades que adotam um sistema de escrita em sua prática social, não existe grau zero de letramento, desde que os homens e as mulheres, enquanto seres sociais, participem das interações sociais e elaborem estratégias próprias para lidar com elas.

É nesta perspectiva que Tfouni (1995) fala sobre graus de letramento, uma vez que as sociedades letradas impõem ao indivíduo a necessidade de participar de situações em que a escrita funciona como mediadora ou organizadora. Estes graus variam de acordo com a complexidade ou níveis de participação destes indivíduos na prática social.

Atualmente, a compreensão das características que particularizam o texto escrito, nos meios eletrônicos, demanda maior reflexão sobre as diferentes maneiras pelas quais, historicamente, os avanços tecnológicos promoveram alterações na estrutura linguística e nos modos de interação, via linguagem escrita, privilegiados em diferentes épocas e

contextos. Segundo estudiosos como (Havelock, Illich, Lévy apud Braga, 2000), considerando as práticas de leitura, é possível perceber uma transformação que vai desde a dependência total da modalidade oral, que caracterizava a recepção de textos escritos mais antigos, até uma segunda fase mais intermediária na qual a recepção da escrita passa a se ancorar mais no aspecto visual do texto.

Neste momento, a escrita passa a desenvolver características próprias, mas não houve uma ruptura entre as práticas orais e escritas. Mesmo os grupos com alto grau de letramento não excluíram as práticas da modalidade oral. Ao contrário, o que ocorreu foi uma complexa integração nas quais textos orais e escritos passaram a conviver de forma complementar e, muitas vezes, mista.

O contexto cibernético não só permite que a escrita ocupe espaços antes reservados a interações orais, como também viabiliza a existência de um novo tipo de texto, o hipertexto, que é híbrido na constituição de fatos lingüísticos, ou seja, se incorpora a textos escritos e orais, bem como a diferentes recursos, vislumbrando novas e amplas possibilidades. Questionamentos, então, podem ser feitos: Quais serão, para o letramento, as interferências da internalização das formas comunicacionais na chamada cultura digital? Como fazer a leitura da teoria da interação com o meio através da linguagem, neste momento em que os signos se multiplicam e o espaço virtual reproduz as formas, a variedade e os conflitos lingüísticos do mundo real? É neste sentido que as novas tecnologias de informação e comunicação encerram possibilidades de construção de salas de aula sem paredes, abertas à pluralidade das vozes, à construção coletiva, à partilha de interpretações, à democracia da palavra.

Segundo Rouanet (1997) as novas tecnologias, poderão contribuir para a construção de um processo educativo como um acontecimento de interação de consciências no qual as pessoas poderão ser participantes ativos, livres e iguais, independente de sua nacionalidade e etnia, tendo acesso a todos os bens culturais produzidos pela humanidade, em todos os países do mundo.

A pesquisa que ora se apresenta aponta para a necessidade de construção de uma experiência integradora, na qual as novas tecnologias de informação e comunicação e o conhecimento científico integrem-se para impulsionar ações educativas que contemplem níveis mais elevados de letramento a todos os trabalhadores, desenvolvidos numa perspectiva libertadora que una as dimensões: humana, política, social e técnica da escrita.

O CAPÍTULO II, a seguir, apresenta os passos metodológicos trilhados na realização da pesquisa.

II - PERCURSO METODOLÓGICO: A PESQUISA NAS EMPRESAS

Ter um método significa apenas a indicação de que se exhibe, na ação, um estilo, que permite distinguir essa ação de uma outra que seja arbitrária, ou aleatória ou desordenada” Azanha (1992 p.179).

Desconhece-se a existência de outras pesquisas que visem a identificar as concepções de letramento presentes no discurso dos empresários, bem como sobre os usos da leitura e da escrita no mundo do trabalho. Isso aumenta os desafios na realização desta tarefa, de uma forma especial, neste momento em que as transformações tecnológicas atingem a escrita, desde seus suportes até as suas formas, seu armazenamento e, ainda, somam-lhe novas características que, por sua vez, exigem novas aprendizagens e novos comportamentos por parte de toda a sociedade.

Este é, sem dúvida, um grande desafio. Alguns aspectos desse desafio dificultam e outros fascinam. Entre os que dificultam, encontram-se a falta de modelos a serem seguidos, acarretando alguns riscos pela falta de parâmetros de comparação. Segundo Ronca (2001 p. 155), “os modelos ampliam nossas possibilidades de combinação”. Entre os aspectos que fascinam, encontra-se a produção do conhecimento inédito sobre processos relativamente antigos como são os usos da leitura e da escrita nas sociedades humanas. Este fator, ao mesmo tempo que impõe uma responsabilidade maior, permite transitar mais livremente por este campo, ampliando as possibilidades de fazer *links* da leitura da realidade manifestada na empiria com vários teóricos, fatos e fenômenos, porém tendo a preocupação sempre presente de centrar a análise no referencial teórico adotado para a fundamentação deste trabalho.

É, portanto, neste espaço que se coloca a possível contribuição do presente estudo. Os dados nele reportados deverão ser considerados à luz do caráter inicial, exploratório, o que afasta qualquer pretensão de análises conclusivas. Os aspectos apontados servirão de guia para a reflexão e o estudo mais aprofundado, assim como para a definição dos critérios e procedimentos a serem empregados na próxima etapa da pesquisa. Com isto, pretende-se

deixar claro que o principal objetivo deste trabalho é identificar as concepções de letramento e de novas tecnologias presentes no discurso de empresários, e as conseqüências destas para a leitura e à escrita. Não se tem a pretensão de apenas com este trabalho apreender a totalidade das concepções de letramento, de novas tecnologias e da interferência destas nas competências da leitura e da escrita necessárias ao mundo do trabalho. O que se pretende é, portanto, iniciar um processo de reflexão e discussão sobre o qual esta pesquisa constitui apenas a primeira etapa. Entretanto, a análise das entrevistas, no terceiro capítulo deste trabalho, confere a esta etapa da pesquisa, a condição de terminalidade no que diz respeito às concepções de letramento e de novas tecnologias presentes no discurso dos empresários. A segunda etapa será o cotejamento das questões levantadas sobre as concepções dos empresários com a empiria, considerada a partir das práticas efetivas de letramento dos trabalhadores das empresas pesquisadas e que será, futuramente, objeto de pretendida tese de doutorado.

2.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa científica, conforme orienta Eco (2001), deve responder aos seguintes requisitos: 1) a existência de um objeto de estudo que o pesquisador e outros reconheçam e identifiquem como “o objeto de estudo”; 2) o estudo do objeto deve ser algo novo ou deve ser abordado sob uma nova ótica, que se diferencia na nova produção o que foi dito sobre ele; 3) o estudo realizado deve ser necessário para outros estudos, do ponto de vista científico; 4) o estudo do objeto deve proporcionar elementos para que as hipóteses apresentadas em sua investigação sejam verificadas ou contestadas, permitindo, assim, que outros possam continuar a pesquisa, constestando-a ou aprofundando-a, fazendo o conhecimento avançar; 5) o trabalho científico deve contribuir para o conhecimento em geral e motivar para que outros queiram, sob o impulso de sua proposta, dar início a novos estudos.

Esta pesquisa se desenvolveu dentro da perspectiva qualitativa. Nesse tipo de pesquisa, os dados são predominantemente descritivos. O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador e a análise dos dados tende a seguir um caminho indutivo, conforme orientam Lüdke e André (1986). A principal preocupação neste trabalho foi com a identificação da concepção de letramento e de novas

tecnologias que os dirigentes das empresas pesquisadas revelam em seus discursos. A identificação destas concepções possibilitará, posteriormente, investigar as influências dessas concepções sobre as competências de letramento requeridas dos trabalhadores e as possíveis interferências disso para o acesso e a permanência dos indivíduos no mundo do trabalho. O interesse em saber mais sobre esse tema conduziu, entre outras inquietações, aos seguintes questionamentos: as mudanças que vêm se processando no mundo do trabalho, em decorrência da descentralização do processo produtivo, das novas formas de gestão e, especialmente, do advento das novas tecnologias, implicam em novas competências de letramento para os trabalhadores? Que competências seriam essas na visão dos empresários? Quais são as concepções de letramento e de novas tecnologias dos empresários?

O interesse pelo letramento justifica-se, sobretudo, por tratar de um novo enfoque sobre os processos de leitura e escrita, num momento de intensas mudanças nas bases da sociedades, especialmente de profundas transformações tecnológicas no mundo do trabalho. Estas mudanças vêm tornando as sociedades cada vez mais grafocêntricas e isto vem repercutindo na necessidade de novas aprendizagens e no desenvolvimento de novas competências, exigidas dos trabalhadores, tanto no âmbito individual quanto social. As implicações das novas tecnologias para o letramento dos trabalhadores, transforma-se num obstáculo a mais a transpor num país como o Brasil, onde ainda não se resolveu o problema do analfabetismo absoluto e da educação fundamental. Outras razões para a escolha do tema foram as inquietações e questionamentos presentes em mais de vinte anos de prática pedagógica como professora de Didática nos cursos de formação de professores para atuarem no ensino fundamental e em projetos de educação de jovens e adultos trabalhadores. Alguns destes projetos, desenvolvidos diretamente no chão das fábricas.

A idéia inicial era a de investigar as demandas de letramento, aplicando dois diferentes tipos de questionário, um para os empregadores e outro, para os empregados, com questões que visavam a investigar os usos da leitura e da escrita no mundo do trabalho. Os resultados da pesquisa-piloto, juntamente com outros fatores, como o tempo disponível para a realização da pesquisa, o tratamento dos dados e os prazos regulamentares para a conclusão das atividades inerentes ao curso de mestrado, revelaram a necessidade de

redimensionar a pesquisa propriamente dita, bem como os instrumentos para a obtenção dos dados. Desta forma, a pesquisa foi redimensionada para a investigação das concepções de letramento e de novas tecnologias presentes no discurso dos empresários e a influência destas tecnologias nas demandas de letramento nas empresas de serviços de transporte coletivo, de produção de tecnologia de ponta na área de telecomunicações e de informação escrita em suporte impresso e eletrônico – jornalismo.

Utilizou-se, para a obtenção dos dados da pesquisa propriamente dita, a aplicação de entrevistas semi-estruturadas com o Diretor Geral e Diretor de Recursos Humanos de cada uma das cinco empresas que constituíram o campo desta pesquisa. Para Lüdke e André (1986), a entrevista é uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais (p. 33). A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Utilizou-se a entrevista semi-estruturada, que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as devidas adaptações. O critério utilizado para a escolha das empresas, foi o de que elas representassem três categorias gerais marcantes na sociedade atual. Portanto, para este estudo, a identidade social das empresas escolhidas, bem como o produto que colocam no mercado, são considerados secundários.

Foram sujeitos da pesquisa os empresários, representados pelo Diretor Geral e Diretor de Recursos Humanos das cinco empresas mencionadas. O instrumento (entrevista semi-estruturada) de pesquisa, elaborado de modo a abarcar as respostas às questões levantadas, foi organizado em cinco blocos: I – Identificação, II – A questão do letramento no mundo do trabalho, III – A empresa e as novas tecnologias, IV – Nível de escolaridade do pessoal da empresa e V – A relação entre o letramento e as mídias. As questões que faziam parte de cada um destes blocos visavam a levantar: a) a concepção de letramento e de novas tecnologias dos entrevistados; b) a importância da leitura e da escrita para o desenvolvimento das atividades nestas empresas; c) a interferência, ou não, das novas tecnologias nas práticas de leitura e escrita nas empresas; d) a relação possível entre as concepções de letramento dos empresários e o letramento desenvolvido pela escola; e) as

ações possíveis de serem desenvolvidas pelas empresas e pelas escolas para aperfeiçoar e ampliar as competências de letramento dos trabalhadores na visão destes empresários; f) a disponibilidade de materiais de leitura por parte destas empresas para aprimorar o grau de letramento dos trabalhadores; g) a opinião dos entrevistados sobre a influência das mídias no desenvolvimento das habilidades de letramento; h) os programas de qualificação profissional desenvolvidos com a utilização das novas tecnologias nas empresas em questão; i) os níveis de escolaridade exigidos por estas empresas e sua relação com os níveis de letramento dos empregados; j) a interferência do letramento nos conceitos de qualidade, desperdício, produtividade e cidadania, na visão destes empresários.

2.2 Pesquisa-piloto

Com o objetivo de verificar a eficácia dos instrumentos de pesquisa em relação aos objetivos pretendidos, bem como propiciar experiência prévia com sujeitos, cujas características se assemelhassem aos da pesquisa propriamente dita e, ainda, para promover maior familiaridade da pesquisadora com os instrumentos de pesquisa, realizou-se uma pesquisa-piloto. As questões levantadas nos instrumentos da pesquisa-piloto visaram a obter informações gerais sobre os sujeitos, sua inserção em contextos institucionais de letramento no passado e no presente (grau de escolaridade e outros cursos), além de seus hábitos e interesses em relação à leitura e à escrita. Para explorar mais a fundo em que medida a leitura e a escrita podem influenciar, ainda que indiretamente, o comportamento dos sujeitos, distinguiram-se situações especialmente do contexto do trabalho nas quais poderiam manifestar hábitos e atitudes ligados à leitura e a escrita, bem como comportamentos e atitudes em relação às novas tecnologias e exposição às mídias.

2.2.1–Resultados da pesquisa-piloto

A análise dos resultados da pesquisa-piloto revelou a necessidade de reformulação dos instrumentos e mudança das estratégias na pesquisa propriamente dita, pelos seguintes motivos: a) a relutância do empregador (gerente de supermercado) em ceder o tempo para que os empregados respondessem ao instrumento dentro do horário de trabalho, forçando a auto-aplicação; b) a auto-aplicação foi prejudicada pela falta de compreensão na leitura dos

instrumentos pelos “respondentes”, que deixaram em branco itens determinantes para a análise dos dados; c) a resistência do empregador (no caso o gerente), em reconhecer a importância da pesquisa, repercutindo na demora da devolução do questionário preenchido, que só foi devolvido mediante muita insistência da pesquisadora. Por estes motivos, e pelas razões anteriormente expostas, mudou-se o tipo de instrumento e a estratégia de aplicação para uma entrevista semi-estruturada a ser aplicada com os empresários, individualmente, em um único momento.

2.3 A pesquisa propriamente dita

As entrevistas, realizadas com a finalidade de obter os dados da pesquisa propriamente dita, possibilitaram o levantamento das concepções de letramento e de novas tecnologias e a influência destas tecnologias nas expectativas relacionadas às competências de leitura e de escrita dos trabalhadores, na visão dos dirigentes das cinco empresas de três diferentes categorias de atividade: Serviços, Produção de tecnologia e Informação. Estas empresas estão localizadas na Micro-região da Grande Florianópolis e empregam juntas um total de 3.033 trabalhadores, assim distribuídos: empresas de transporte coletivo, 1228 empregados; empresas de produção de tecnologia de ponta, 1349 empregados e a empresa de informação escrita em suporte impresso e eletrônico, 456 empregados em Santa Catarina e, três, no Rio Grande do Sul.

As entrevistas foram realizadas diretamente pela pesquisadora no local de trabalho dos entrevistados, conforme prescreve a metodologia da pesquisa qualitativa. Foram entrevistados um total de oito sujeitos, no período de março a maio de 2001, sendo que as entrevistas tiveram duração aproximada de duas horas e meia cada uma. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Foram entrevistados dois diretores gerais e uma diretora de recursos humanos, nas duas empresas de serviços de transportes coletivos; um diretor geral, um diretor e uma diretora de recursos humanos das duas empresas de produção de tecnologia de ponta, na área de telecomunicações; um diretor geral e uma diretora de recursos humanos, na empresa da categoria de informação escrita em suporte impresso e eletrônico – jornalismo. Como se pode observar, os dirigentes que ocupam os cargos de diretor geral nas empresas pesquisadas são todos do sexo masculino, existindo

um equilíbrio, no entanto, entre homens e mulheres, no cargo de diretor de recursos humanos. Observou-se, ainda, que as três entrevistadas do sexo feminino têm formação superior em Psicologia.

2.3.1 Procedimentos na aplicação dos instrumentos da pesquisa

O contato inicial com os sujeitos da pesquisa com vistas à disponibilidade para conceder a entrevista foi feito via telefone e/ou e-mail. Desde os primeiros contatos, os sujeitos das empresas dos transportes coletivos foram, especialmente, receptivos. A primeira entrevista aconteceu no dia vinte um de fevereiro de dois mil e um, com o diretor de uma empresa de transporte coletivo. No dia vinte e três de fevereiro entrevistou-se a psicóloga responsável pelo setor de recursos humanos de uma das empresas de produção de tecnologia de ponta na área de telecomunicações. As entrevistas, na segunda empresa de transporte coletivo, aconteceram no dia vinte e quatro de abril de dois mil e um. Ao entrar na sala de um dos diretores para entrevistá-lo, o mesmo lia o livro *Ócio Criativo*, do autor italiano Domênico de Masi. Após uma breve apresentação, iniciou-se a conversa. A seguir, entrevistou-se a psicóloga responsável pelo setor de recursos humanos desta empresa. Nos dias vinte e três e vinte e sete de abril, realizaram-se as entrevistas com a responsável pelos recursos humanos e com o diretor geral da empresa de jornalismo. Era um final de tarde de sexta-feira e o telefone não parava de tocar, atrapalhando a concentração do diretor e exigindo que as questões fossem repetidas várias vezes. Felizmente, a secretária, percebendo a dificuldade, começou a filtrar as chamadas telefônicas e a conversa pode transcorrer normalmente.

A dificuldade maior foi encontrada no estabelecimento do primeiro contato com os sujeitos de uma das empresas de produção de tecnologia de ponta. Nesta empresa, o filtro dos contatos com a diretoria são muito rígidos e criteriosos. O acesso, visando à concessão das entrevistas, só foi possível com a interferência da orientadora da pesquisa e de uma secretária que se mostrou sensível à solicitação e marcou a data e o horário com o diretor geral e de recursos humanos. Essas entrevistas ocorreram no dia quinze de maio de dois mil

e um. Um dos diretores justificou a rigidez nos critérios de atendimento a solicitações de pesquisas no interior da empresa em razão de as pessoas solicitarem autorização para pesquisarem e, após obterem os dados, não darem retorno dos resultados. Ele disse, ainda, que sua empresa sempre deu apoio às pesquisas feitas através de entrevistas, pois esta técnica, na sua opinião, é mais eficiente, dando menor trabalho para a empresa e garantindo melhores resultados para o pesquisador.

Inicialmente utilizou-se o roteiro de uma forma mais pontual para a realização das entrevistas. Entretanto, à medida que se foi adquirindo mais segurança em relação às questões que levariam ao alcance dos objetivos da pesquisa, o diálogo foi se tornando mais solto e descontraído.

De um modo geral, todos os sujeitos pesquisados demonstraram muito interesse pelas questões apresentadas e atribuíram grande valor a esta pesquisa.

2.3.2 – Categorização dos dados

O agrupamento dos dados deu-se em função da grande quantidade e da variedade de dados obtidos. Desta forma, para melhor orientar a análise, os dados foram agrupados em três categorias:

- a) concepção de letramento;
- b) concepção de novas tecnologias;
- c) compreensão do letramento no contexto das transformações tecnológicas.

Os dados correspondentes a cada uma das categorias foram analisados separadamente seguindo o critério de inserção das empresas nas suas respectivas áreas de atuação. Assim, foram analisadas as concepções de letramento e de novas tecnologias e a compreensão do letramento no contexto das transformações tecnológicas, primeiramente, na visão dos dirigentes das empresas de transporte coletivo, a seguir, dos dirigentes das empresas de produção de tecnologia de ponta e, por último, da informação escrita em suporte impresso e eletrônico – Jornalismo.

A seguir, o capítulo IV, apresenta os elementos estruturantes do discurso dos empresários e a análise de fragmentos dos dados das entrevistas. Como referencial teórico para a análise da empiria, foram adotadas teorias cujos autores se fundamentam na concepção histórico-cultural que entende o letramento e as novas tecnologias como produto e processo da dinâmica social, sobre as quais se discorreu no capítulo anterior.

III - DEMANDAS DE LETRAMENTO DO MUNDO DO TRABALHO: UMA VISÃO DE EMPRESÁRIOS

Tratar das demandas de letramento do mundo do trabalho implica confrontar as teses dominantes sobre os usos da leitura e da escrita num espaço atualmente marcado pela presença das novas tecnologias com a realidade manifestada na empiria. A realidade manifesta, ainda, particularidades de cada uma das empresas pesquisadas, bem como do ramo de atividades que desenvolvem na sociedade.

Para este estudo, no entanto, a identidade social de atuação e de inserção das empresas pesquisadas na sociedade é considerada secundária. A preocupação primeira não passa pela necessidade, nem pelo tipo de produto que colocam no mercado, mas, sim, pela importância atribuída à leitura e à escrita e os usos que delas fazem no desenvolvimento das atividades de labor e se esses usos se modificam em função do surgimento das novas tecnologias, em que proporção e de que forma isso ocorre, na visão dos dirigentes das empresas pesquisadas.

Subdividir-se-á este capítulo em três subcapítulos, cada com três seções, contendo as análises das concepções de letramento, as concepções de novas tecnologias e a compreensão do letramento no contexto das transformações tecnológicas nas quais procurar-se-á fazer a leitura para além das aparências, a partir da análise das manifestações dos dirigentes das três categorias de empresas sobre a importância atribuída à leitura e à escrita, o impacto das novas tecnologias sobre as atividades da empresa e, neste contexto, a interferência (ou não) das novas tecnologias nas práticas de letramento. A literatura especializada, referida no capítulo II desta dissertação, auxiliará a evidenciar as manifestações que foram consideradas relevantes, relacionadas a posicionamentos e definições dos entrevistados.

Embora não se tenha como objetivo ressaltar as características específicas de cada empresa em particular, as peculiaridades evidenciam-se, tanto nas concepções de letramento e de novas tecnologias, como no que se refere aos usos da leitura e da escrita e

na forma como os meios eletrônicos estão inseridos nas atividades de cada uma destas empresas. Os elementos estruturantes das manifestações dos dirigentes, diretores e responsáveis pelo setor de Recursos Humanos, serão apreendidos, de forma geral, como meios que nos possibilitarão acessar o cerne da questão, tendo como base o setor de serviços de transporte coletivo, a informação em suporte impresso e eletrônico (jornal) e a produção de tecnologia de ponta na área de telecomunicações.

Destacam-se nas manifestações dos entrevistados, entre outros, os seguintes elementos: a tentativa de apreender a importância da leitura e da escrita na sociedade em geral e, especialmente, no mundo do trabalho; as novas tecnologias e a percepção de diferenças nos usos da leitura e da escrita “antes e depois” destas; as diferenças entre a escrita em meios impressos e a escrita em meios eletrônicos. As habilidades demandadas, ou não, de leitura e escrita como condição básica para lidar com as novas tecnologias e a decorrência disto para os trabalhadores, o papel da escola no contexto das novas tecnologias e a importância atribuída ao letramento nos aspectos relacionados à qualidade, produção, desperdício e cidadania e considerações sobre a influência das mídias no desenvolvimento de habilidades de letramento.

É preciso ressaltar que as empresas tomadas como base empírica para a pesquisa não nos autorizam a falar da visão dos empresários em geral sobre as demandas de letramento no mundo do trabalho, pois o próprio recorte feito, em razão de se estar atrelado a prazos para o desenvolvimento da pesquisa, restringiu o universo das empresas e também, dos sujeitos. Desta forma, foram entrevistados apenas os diretores e responsáveis pelos setores de recursos humanos, privilegiando, portanto, entrevistados com qualificação formal, portadores de diplomas de, no mínimo, 3º grau que, nos seus discursos, além de relatarem as práticas de leitura e escrita da empresa, colocam seus pontos de vista em função do que seria ideal em termos de posse (ou não) das habilidades de letramento pelos operacionais.

Diante disso, pretende-se com este estudo possibilitar maior conhecimento dos elementos norteadores que evidenciam as concepções de letramento, de novas tecnologias e

da influência destas nas práticas de letramento, consideradas sob a ótica dos dirigentes das empresas pesquisadas.

3.1 – A ANÁLISE DOS DADOS

As particularidades evidenciadas em cada categoria em que as empresas pesquisadas se inserem, interferem nas concepções de letramento e de novas tecnologias e dos usos que se fazem da leitura e da escrita nas atividades desenvolvidas. Estes fatores apontaram para a necessidade de analisar separadamente cada uma das categorias. Desta forma, iniciou-se pela categoria de serviços na área do transporte coletivo, seguida da produção de tecnologia de ponta na área de telecomunicações e, finalmente, a informação escrita em suporte impresso e eletrônico – jornalismo.

3.2 – CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO

3.2.1 – Transporte coletivo

As duas empresas de transporte coletivo nas quais foram aplicadas as entrevistas, além de trabalharem com o mesmo ramo de atividades, têm outras características em comum. Ambas iniciaram como empresas familiares e com o tempo foram passando de pai para filhos. Como nem sempre os descendentes cultivam os mesmos interesses dos seus genitores, a tendência, nestes casos, é que a empresa passe para a mão de terceiros ou, na pior das hipóteses, entre em processo de falência, o que estava em vias de acontecer com uma delas, quando seus responsáveis resolveram contratar um serviço de consultoria. O consultor designado apaixonou-se pela empresa e demitindo-se da sua instituição de origem, responde, atualmente, pela diretoria geral. Conforme relata o responsável pelo setor de recursos humanos, “esta empresa passou a ser dirigida por um conselho de sócios que contratou um gerente geral, possuidor de um cabedal de trinta anos de experiência no ramo de transporte coletivo, diplomado em curso superior e pós-graduado”. Atualmente, esta empresa possui três gerências, a saber: gerência operacional, gerência administrativo-financeira e gerência de recursos humanos, conforme relato abaixo:

É uma empresa familiar, caracterizada de forma diferente. A distribuição do poder é diferente. Quem manda na empresa é um conselho de sócios que contratou um gerente geral. Esse gerente geral tem gerentes de área: operacional, administrativo-financeira e recursos humanos.

Em relação aos usos da leitura e da escrita, os dirigentes destas empresas revelam o predomínio das tradicionais interpretações progressistas de letramento e educação, denominadas por Graff (1995:66) de “o mito da alfabetização”, que se reflete numa tendência central de superenfatizar o poder do letramento. Por exemplo: a ênfase dada à importância da leitura e da escrita, pela psicóloga responsável pelo setor de recursos humanos de uma das empresas, faz parecer que a posse das habilidades de letramento é quase uma situação de ‘vida ou morte’. A este respeito ela, assim, se manifesta:

Sem saber ler, tu não consegues. É fundamental, é básico, não tem como não saber ler e escrever. E em todas as funções, todas. Inclusive, no caso de um lavador de ônibus, não basta ser só um lavador de ônibus, tem que saber ler e escrever, porque vai precisar disso para fazer um relatório, participar de um treinamento. Precisa saber ler, escrever e interpretar. É fundamental. [...] hoje não temos mais nenhum analfabeto na empresa, graças a Deus. Todos já sabem ler e escrever. Até as pessoas mais velhas, além dos 40, que achavam que não aprendiam mais, estão revertendo essa idéia. Isso é um sucesso muito grande, aos pouquinhos vamos subindo os degraus. Isso é legal, é muito legal!

Quando indagados sobre os níveis de escolaridade exigidos dos funcionários, as respostas dos entrevistados se assemelham nas duas empresas: a diretoria deveria ter curso superior, se possível, curso de pós-graduação e experiência na área. O pessoal que atua no setor administrativo deveria possuir no mínimo ensino médio que poderia ser curso técnico ou outro, dependendo da função. Os operacionais, motoristas e cobradores, têm de ter no mínimo a quinta série e para os que atuam nos serviços gerais basta ter alguma escolaridade que os possibilite ler e escrever. Vejamos o depoimento:

O nível de escolaridade da diretoria deveria ser nível superior, não é exatamente o que acontece, hoje, mas na minha opinião, um diretor além do curso superior, pós-graduação, também deveria ter o conhecimento técnico e de campo. Conhecer a empresa, seu funcionamento, o negócio com que a empresa trabalha. O pessoal do administrativo tem que ter no mínimo o segundo grau prá não dizer o curso superior, mas não é o que está acontecendo ainda hoje na empresa. Seria uma condição para sobreviver no mercado no futuro. Para os operacionais basta o ensino fundamental [...] o importante é que saiba fazer o trabalho.

Quando se trata de admissão de novos funcionários, o que é raro, já que a empresa possui um quadro estável de empregados, a manifestação é a seguinte:

a exigência de ter o primeiro grau é apenas pré-requisito, faz parte do perfil da função. A gente avalia mesmo é no processo de seleção. Tem pessoas que chegam com o primeiro grau completo, mas não passam numa prova simples de raciocínio numérico. O certificado se coloca como um critério para evitar uma demanda muito grande de candidatos.

Esse depoimento aponta para o fato de que as competências de letramento não estão atreladas tão somente aos níveis de escolaridade. Segundo Tfouni (1995), a “relação entre letramento e escolaridade não resiste a um olhar mais profundo.” Na verdade, quando a entrevistada afirma que o “certificado se coloca como um critério para evitar uma demanda muito grande de candidatos”, ela o está utilizando como um mecanismo de controle e, principalmente, como um mecanismo de exclusão, pois o que vai ser considerado mesmo não é o nível de escolaridade e, sim, as competências de letramento que o candidato irá demonstrar no teste. A comprovação do grau de escolaridade não assegura que o candidato possua as competências requeridas para as funções a serem desenvolvidas na empresa. Soares (1998), a este respeito, assim se manifesta:

Na verdade, as habilidades e práticas de letramento, em outros contextos sociais, parecem ir muito além das habilidades de leitura e escrita ensinadas e medidas em contextos escolares, ou seja, muito além de um letramento escolarizado. A consequência, como afirmam Castell et al. (1986), é “uma discrepância significativa entre o que conta como letramento na escola e os tipos de competências de letramento realmente necessárias nas atividades profissionais e comunitárias” (p. 100).

Os depoimentos revelam também a existência de materiais na empresa, cuja leitura é obrigatória por todos os empregados:

Na empresa, em termos de material que eles precisam ler, tem o manual de normas internas que eles têm que entender, o regulamento da empresa e todo o trabalho do treinamento que é feito com textos e apostilas.

Os poderes atribuídos à escrita, no contexto das empresas de transporte coletivo, embora as manifestações não raras vezes se contradigam, não diferem dos que lhe são conferidos pela sociedade em geral. Atribuem ao letramento enorme gama de efeitos

positivos e desejáveis, poderes quase mágicos, não só no âmbito da cognição, mas, também, em outros aspectos da prática social. Assim estes efeitos vão desde melhorar o nível cultural, passando pela alteração da personalidade, combate à ineficiência, até gerar satisfação e auto-estima. A manifestação que segue reflete estes sentimentos:

Quando cheguei na empresa, há 4 anos, o nível de letramento era muito baixo de um modo geral. Tinha pessoas aqui, com qualificação tanto cultural como de personalidade muito baixa [...]. O novo ambiente criado pelas mudanças propostas, incentivou a melhoria do nível de letramento do pessoal da empresa. Hoje, a empresa tornou-se num ambiente melhor, prazeroso, saudável, onde as pessoas trabalham com satisfação. Isto fez com que as pessoas em todos os níveis, desenvolvessem o senso de racionalidade, praticando a produtividade, combatendo a ineficiência. Hoje, temos um relacionamento de interface global [...], conseqüentemente temos resultados fantásticos.

Outro efeito é o de melhorar o nível sócio-econômico, organizar o universo financeiro, livrar da inadimplência, resultando em economia de mão de obra para a empresa, como também de recursos financeiros para pagamento de indenizações por reclamações trabalhistas:

Tínhamos um grande nível de inadimplência, gerando um *tour-over* elevado, pois as pessoas que gastam sem ter noção de como vão pagar seus compromissos, vinham propor acordo para pagar suas dívidas. As pessoas que fazem assim, têm seu nível de letramento muito baixo. Hoje não acontece mais isso. Eles conseguem situar-se dentro do seu universo financeiro. Houve essa transformação. A empresa com isso, economizou em mão de obra, indenizações e reclamações trabalhistas. Muitas dessas mudanças foram ligadas às normas de gerenciamento, mas o básico mesmo, foi porque trouxemos o nosso pessoal para a sala de aula, treinamos essas pessoas, qualificamos através de cursos, ampliando seu grau de letramento.

Enfatizam, ainda, que é através do letramento que as pessoas desenvolvem sua visão de mundo, a capacidade de comunicação, as possibilidades de ascensão profissional, fatores, estes, primordiais para a imagem positiva da empresa, conforme os depoimentos que seguem:

a leitura e a escrita são imprescindíveis, pelo fato de nossa empresa trabalhar com o transporte de pessoas, então a sua competência deve ser como atender bem as pessoas, independente do recurso tecnológico que tivermos e entendemos que isto só será possível se nossos funcionários souberem no mínimo ler e escrever [...] para prestar um bom serviço é necessário que os trabalhadores tenham uma visão ampliada de cultura, de relações humanas que são possibilitadas pela leitura e escrita. A leitura e a escrita são facilitadoras nestas relações.

Os funcionários têm que ser conquistados para a leitura. Se isto não acontecer, eles vão morrer motoristas. Se não tiverem a visão de suas possibilidades que só a leitura pode trazer. [...] O letramento é fundamental para a imagem positiva da empresa.

A visão de mundo de uma pessoa depende do seu grau de letramento. Sua maneira de ver o mundo é aquilo que ela transmite para as pessoas. É fundamental, pois ele é que possibilita a pessoa a expressar suas opiniões, saber conversar. É fundamental para a imagem da empresa, em todos os níveis, termos condições de nos comunicar. Essa condição é proporcionada pelo letramento.

Ao mesmo tempo em que os empresários afirmam ser o letramento altamente desejável e necessário para a imagem positiva e até para a própria sobrevivência da empresa, observam-se contradições em alguns depoimentos, nos quais dizem que, em determinadas condições de trabalho, certos níveis de letramento são vistos como fatores de exclusão e impeditivos do acesso à participação em processos de ascensão na empresa.

Tais depoimentos revelam a existência de um grau ‘ideal’ de letramento para cada categoria funcional. Isto é demonstrado quando uma entrevistada manifesta que “o grau de letramento dos funcionários não pode fugir da média” e, ainda, quando diz “temos que ter equilíbrio para menos e para mais”. Desta forma, sujeitos com letramento ‘acima da média’, segundo ela, poderão se transformar em ameaça, inclusive, liderando grupos que irão criticar e questionar procedimentos dos dirigentes da empresa, colocando em risco a ‘estrutura de poder’, nela instituído. Isto estabelece uma profunda contradição em relação ao que se afirmava anteriormente sobre a gama de efeitos positivos do letramento para a empresa. O depoimento a seguir reafirma a contradição mencionada:

Às vezes as pessoas que têm um grau de letramento maior do que a média, para a empresa hoje, ela cria alguns problemas, pois vai questionar procedimentos. Como ela tem uma capacidade crítica maior, vai criar um grupo que vai bater de frente com procedimentos que a empresa tem com a maioria. Às vezes alguns cobradores participam de processos de seleção e são reprovados por excesso de qualificação. Então o grau de letramento dos funcionários não pode fugir da média. Não posso colocar aqui dentro uma pessoa extremamente inteligente, criativa, pois eles não podem ser muito qualificados para a função. Temos que ter equilíbrio para menos e para mais.

Conforme Soares (1998), o indivíduo que se apropria do letramento muda seu lugar social e cultural, seu modo de viver na sociedade e sua inserção na cultura – sua relação

com os outros, enfim, torna-se diferente. O convívio com a língua escrita tem como conseqüências mudanças no uso da língua oral, nas estruturas lingüísticas e no vocabulário, levando o indivíduo a um outro estado ou condição em relação a aspectos sociais, culturais, cognitivos e lingüísticos.

Para Smith (apud Saviani 1994), a instrução para os trabalhadores é importante para torná-los mais aptos para viver em sociedade e se inserir no processo produtivo, tornando-se mais flexíveis, com pensamento mais ágil e mais adequados às necessidades da vida moderna. O lema de Smith era, portanto, “Instrução para os trabalhadores, porém em doses homeopáticas”. Quer dizer, é preciso um mínimo de instrução para os trabalhadores, entretanto, ultrapassando esse mínimo, entra-se em processo de contradição com a ordem social capitalista. Esse pressuposto está presente nos depoimentos da entrevistada, quando afirma que o letramento dos funcionários não pode fugir da média. “Temos que ter um equilíbrio para menos e para mais”. A partir do momento que não se consegue manter esse equilíbrio, o letramento, em graus inferiores, passa a representar uma ameaça à imagem positiva da empresa e, em graus muito elevados, ao poder constituído hierarquicamente na empresa.

Para Cury (1995), a educação enquanto instrumento de disseminação de um saber mais abrangente entra em contradição com a sociedade capitalista. As classes subalternas, ao incorporar o saber às suas práticas, o tornam instrumento de crítica. A ação pedagógica, enquanto apropriação pelas classes dominadas de um saber que tem a ver com seus interesses, concorre para o encaminhamento da modificação das condições sociais e a oposição entre o saber do dominante e o fazer do dominado entram em choque. Nesse sentido, Cury (1994) se manifesta:

Na medida em que explicita aquelas condições que determinam o caráter da dominação, a ação pedagógica conflita com o sistema capitalista. Conflita porque a falsa consciência cede espaço à consciência mais totalizante (p.71).

Segundo Graff (1995), a relação do letramento com trabalho, ocupação e mobilidade é imprecisa, complexa e contraditória. A influência do letramento se dá, em grande parte, no domínio de atitudes e valores e não de comportamentos e habilidades. A

este respeito, Ribeiro (2001) confirma a hipótese de que as intervenções pedagógicas visando ao desenvolvimento do alfabetismo devem se ocupar das dimensões atitudinais tanto quanto dos aspectos cognitivos relacionados ao aprendizado da linguagem escrita. Sobre o velho debate da eficácia dos métodos de alfabetização, esta autora diz:

Em décadas passadas, quando a atenção estava voltada para o ensino da decodificação das letras, a indicação mais consistente a que puderam chegar, no conjunto, as inúmeras pesquisas sobre o tema é a de que com qualquer método de ensino essa aprendizagem pode se realizar. Quando, entretanto, o foco é o desenvolvimento de atitudes favoráveis ao uso da linguagem escrita para diversos fins, interesse pelo desenvolvimento cultural e pela educação continuada, o problema deve ser redefinido em termos de qual metodologia de ensino favorece não apenas a dimensão cognitiva, mas também a atitudinal (p. 53).

Algumas manifestações dos entrevistados reproduzem a ideologia moral que presidiu a disseminação da alfabetização no início da Revolução Industrial no século XIX (Graff 1995), quando os conservadores afirmavam que o letramento destituído de sua base religiosa e moral que lhe servia de controle era potencialmente perigoso. Segundo este autor, no século XIX:

Muitos conservadores temiam a aquisição da educação formal pelas massas achando que elas se tornariam inadequadas [...], inquietas em suas funções e desobedientes aos seus superiores, [...] indisciplinadas, indispostas para trabalhar em nível de subsistência e a aceitar sua falta de poder. (p. 67).

Estas idéias que remontam ao século dezanove e que permanecem enraizadas no imaginário dos empresários, juntamente com outros fatores, teria retardado o despertar para a importância do letramento dos trabalhadores do transporte coletivo e vêm até os dias de hoje servindo como um freio controlador dos graus de letramento nesta categoria de empresas.

A grande importância atribuída à leitura e à escrita diz respeito mais ao imaginário dos entrevistados, pois ao mesmo tempo em que as consideram como fundamentais e imprescindíveis, em alguns momentos a contradição se manifesta em relação à função do letramento e ao seu impacto sobre os trabalhadores. Desta forma, o letramento dos trabalhadores pode se constituir numa 'faca de dois gumes', operando tanto a favor como contra as relações de trabalho no sistema capitalista.

Afirmações como a que segue confirmam esta constatação:

o importante mesmo é que saiba fazer o trabalho [...], temos vários níveis, sendo que o mais baixo é o nível do pessoal dos serviços gerais. [...] Para os que atuam nos serviços gerais, basta ter uma escolaridade que possibilite ler e escrever.

Por outro lado, as manifestações dos entrevistados dão a entender que as pessoas, que gerenciam os sistemas de produção na empresa capitalista, possuem uma visão utilitarista de educação, em particular, de leitura e de escrita. Desta forma, os programas de capacitação, de treinamento e de escolarização proporcionados aos trabalhadores, objetivam o desenvolvimento individual com programas de ensino voltados unicamente para o interesse de cada categoria funcional presente na empresa e não para o desenvolvimento do trabalhador enquanto cidadão.

Os entrevistados fazem parecer que existem no mínimo três grupos de trabalhadores no interior das empresas, o grupo constituído pelos dirigentes, para o qual seria desejável a posse de um alto grau de letramento, entendido, aqui, como escolaridade mínima de terceiro grau; o grupo dos trabalhadores dos setores administrativo e financeiro, para o qual se defende a posse de curso superior ou no mínimo ensino médio e o grupo de operacionais (motoristas, cobradores, mecânicos e serviços gerais) e, para este grupo, basta possuir o básico em termos de conhecimentos e habilidades de leitura e escrita, apenas o suficiente para ler instruções e participar de treinamentos.

Em relação ao papel da escola, ao contrário do que nos relata Bianchetti (2001 p. 206), por ocasião de sua pesquisa realizada na Telesc, quando os “entrevistados chegam a afirmar ser possível prescindir-se dela”, os depoentes nas empresas de transporte coletivo reconhecem-na como o lugar onde as pessoas irão receber uma base geral de conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento da compreensão das atividades requeridas pelo mundo do trabalho, depois, afirmam eles, “cada um vai procurando seu próprio caminho”. Segundo Bianchetti (2001), os documentos oficiais da Telebrás e as manifestações dos entrevistados da Telesc, enfocam a relação empresa-escola e o prescindir, refere-se à escola, da forma como está funcionando hoje e, não, à escolarização, genericamente falando.

Os empresários dão grande ênfase à idéia de educação continuada. Sobre isto, manifesta-se um deles, nos seguintes termos:

A escola sempre vai dar o básico, o mínimo para as pessoas atuarem no seu trabalho. O que acontece é que as pessoas têm que desenvolver novas habilidades de leitura e talvez até de escrita própria de cada segmento das atividades que irá desempenhar. Elas divergem muito. A escola fornece a formação básica, depois cada um tem que ir se aprimorando naquilo que faz.

São vários os depoimentos referentes à importância da educação permanente, nos quais os empresários afirmam que as empresas não podem mais serem vistas apenas como um local de trabalho, mas devem ser uma extensão da casa dos trabalhadores e da escola. Dizem que essa é uma tendência inevitável para a sobrevivência da empresa num mercado globalizado. Esse entendimento os levou à contratação de programas de educação de adultos que oferecem escolaridade em nível de ensino fundamental e médio para os trabalhadores nas dependências da própria empresa, bem como a disponibilizar bibliotecas e salas de leitura e, segundo eles, “num curto período de tempo, todos terão livre acesso a computadores ligados à Internet”.

Sobre a importância dada ao funcionamento de uma escola nas dependências da própria empresa, um dos diretores assim se manifesta:

A escola dentro da empresa é comparada ao fogo para cozinhar. A empresa que não se preocupa com o desenvolvimento educacional dos seus funcionários é como um fogão apagado. Pois através do estudo, principalmente através da escola dentro da empresa, aguça a curiosidade pelo novo, erradica a acomodação, o ostracismo. É como adicionar um novo tempero à culinária. O simples fato de as pessoas terem contato com os estudos, mantém o cérebro em exercício. Este é o grande mérito da escola dentro da empresa.

Tais manifestações corroboram a importância que os entrevistados atribuem aos programas de escolarização no interior das empresas como fator imprescindível ao desenvolvimento econômico e à qualidade do trabalho e dos serviços que prestam.

Os empresários referem-se, ainda, a necessidade de uma inovação das formas tradicionais de ensino e indicam que esta mudança deveria se pautar em práticas pedagógicas que estimulassem mais a competitividade. Um dos diretores afirma:

Ainda estamos atrelados à forma tradicional de ensino. Nisso precisamos inovar. Deveríamos usar mais a dramatização, os jogos de conhecimento. Competições de ensino, tipo modalidades esportivas mesmo. Não só desenvolver o conhecimento, mas de chegar à frente. Isto estimularia muito mais a busca de conhecimento.

Este depoimento tece uma crítica à escola, defendendo um letramento/educação centrados numa visão de mercado, regidos pela competitividade o que, para Kleiman e Tfouni (1995), estaria inserido no conceito de letramento autônomo, que separa a escrita do contexto social em que é produzida, neutralizando sua dimensão essencialmente humana e objetivando apenas o desenvolvimento técnico.

No depoimento do entrevistado acima, a questão da competitividade ressalta-se nas formas, nas técnicas, essencialmente competitivas, que se evidenciam nas expressões “jogos de conhecimento”, “competições de ensino” e “chegar à frente”.

Ainda em relação ao papel da escola, uma entrevistada afirma que “é nela que deveria ser plantada a necessidade de aprendizagem”. A escola é importante, mas, apenas, como início do processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Seria como o ‘ponta pé inicial’ e, a partir daí, o sujeito teria que se virar. Esta idéia aparece também nos depoimentos dos entrevistados das empresas dos outros ramos de atividade como será constatado mais adiante. Assim, ela afirma:

Não. Só a escola não. Eles têm que se atualizar com novas linguagens e novas formas de escrita. Só escrever não basta. Eles têm que estar dispostos a estar sempre aprendendo. [...] A escola é o início. É onde deveria ser plantada a necessidade de aprendizagem.

O letramento tem grande influência na diminuição dos desperdícios de materiais, sobre a produtividade e sobre a constituição do sujeito como cidadão. Somam-se a estes fatores maior capacidade crítica e novos valores. O domínio de determinado grau de letramento é visto como positivo para a produtividade, dependendo da função que o trabalhador desempenhe na empresa. Este pensamento evidencia-se nos depoimentos a seguir:

Quem tem um alto grau de letramento, tem uma capacidade crítica melhor, tem valores diferentes. Sabe que se não desperdiçar, isso pode vir em benefício para ela mesma. Na produção torna-se uma pessoa mais consciente, já na quantidade,

depende do serviço. Se a função for varrer ônibus, quanto menor o letramento melhor, pois ela baixa a cabeça e só faz o serviço sem pensar. Na cidadania interfere, pois a pessoa que sabe mais é mais crítica, pode olhar e analisar o que está acontecendo. Ela muda todo seu comportamento. Ela jamais vai depredar o patrimônio público, pois sabe que ajudou na construção deste patrimônio. Ele destrói menos e não se deixa manipular tanto.

Hoje a empresa tornou-se um ambiente melhor, prazeroso, saudável, onde as pessoas trabalham com satisfação. Isso fez com que as pessoas em todos os níveis desenvolvessem o senso de racionalidade, praticando a produtividade, combatendo a ineficiência em todos os níveis [...]. Em relação a cidadania, entendo que para você ser um verdadeiro cidadão tem que no mínimo saber conhecer os símbolos da sua nação. Não vejo como uma pessoa não-letrada reconheça os símbolos da nação. Nisso admiro os Estados Unidos. Aí eles começam o seu plano estratégico de mandar no mundo. Ensinando o seu idioma, ensinando sua história.

Para Kuenzer (1995), a divisão do trabalho imposta pelo modo capitalista de produção traz profundas implicações sobre a educação do trabalhador. As formas de organização do trabalho dividido aparecem como funções do capital e, por sua vez, determinam requerimentos de qualificação e de conduta a partir dos quais se define o processo de educação da força de trabalho. Desta forma, as funções mais diretamente ligadas à execução de normas e procedimentos exigem graus mais baixos de escolaridade bem como um número reduzido de habilidades específicas. Ao mesmo tempo que não implicam domínio do conteúdo do trabalho, excluem a possibilidade de participação nas decisões acerca de seu planejamento, organização e execução, além de corresponderem a índices inferiores de remuneração na estrutura salarial.

Por outro lado, à medida que o trabalhador ascende na pirâmide hierárquica da empresa, aumentam os requisitos mínimos exigidos, a necessidade do domínio do conteúdo do trabalho e correspondentes graus de letramento e poder. Contudo, independentemente do lugar que se ocupe na estrutura hierárquica, são exigidos, para todos, determinados padrões de comportamento compatíveis com a racionalização crescente do processo produtivo e vida social. As mudanças que vêm ocorrendo no mundo geram uma nova concepção de trabalho e colocam o letramento como uma categoria importante tanto para a conservação das relações de produção capitalista quanto para a sua superação. Isto significa que a “pedagogia do trabalho”, em suas dimensões contraditórias, nas quais o letramento encontra-se inserido, constitui processo de mediação entre o velho e o novo modo de

produzir, possibilitando a crítica ao velho e contribuindo na elaboração da nova concepção de trabalho, a partir das transformações concretas que ocorrem ao nível do processo produtivo.

Para Gramsci (apud Kuenzer, 1995),

A hegemonia vem da fábrica e toda relação hegemônica é uma relação pedagógica, devendo ser entendida não só como direção política, mas como direção moral e cultural. (p. 15).

A visão de letramento dos empresários está intimamente relacionada à “Pedagogia da Fábrica” (Kuenzer, 1995) entendida como os processos pelos quais a ‘fábrica’ capitalista educa o trabalhador, quer através de relações especificamente pedagógicas, presentes nos processos de qualificação técnica, quer através de relações amplamente pedagógicas, presentes nas formas de organização do trabalho e na política de recursos humanos voltados para a elaboração da concepção do mundo do trabalhador e, portanto, inserindo-se no quadro das relações de hegemonia.

3.2.2 - Produção de tecnologia de ponta

Os empresários desta categoria de empresas atribuem ao letramento grande importância na formação de valores, desde os econômicos, aos familiares e comunitários. Eles afirmam que a leitura fluente é imprescindível ao entendimento e à interpretação desde os manuais técnicos até à formação dos conceitos de desperdício, de qualidade, de produtividade e de cidadania. A este respeito, seguem algumas manifestações:

- letramento como fator gerador de economia, facilitador da percepção e do entendimento da realidade:

O letramento gera economia, pois se tenho um bom grau de letramento que me possibilite escrever uma mensagem, seja ela qual for, sem precisar repetir a escrita várias vezes, estarei economizando tempo, e tempo é dinheiro. Quanto mais perfeita for a escrita, maior é a garantia de o assunto estar sendo colocado de forma correta e ser entendido pelo outro, evitando retrabalho. A leitura facilita a percepção da realidade, o entendimento do sentido das coisas.

- A importância do letramento na promoção da qualidade de vida e do trabalho:

Com certeza, o grau de letramento melhora a qualidade de vida, o desempenho e o resultado das ações. [...] O grau de letramento é de fundamental importância no entendimento dos manuais técnicos, portanto interfere na qualidade para a correção e percepção dos erros e falhas a fim de corrigi-las.

- A interferência do letramento na produtividade:

Não visivelmente, mas certamente o letramento interfere na produtividade, embora as pessoas não consigam fazer esta relação direta. As pessoas sempre culpam as máquinas pela queda de produção, nunca o grau de letramento dos funcionários.

É nestas empresas, entretanto, que encontramos indícios de uma concepção mais abrangente de letramento, como também uma crítica à qualidade da escrita produzida nas escolas. Na visão destes entrevistados, as escolas estariam desenvolvendo uma concepção tecnicista de educação e, em decorrência disso, estariam deixando muito a desejar, tanto em termos de qualidade na formação profissional, quanto na qualidade da produção escrita de um modo geral. Ao mesmo tempo que parece ampliar a visão de letramento, para além dos muros da escola e da empresa, a noção de qualidade da escrita a que se referem resume-se à correção ortográfica e gramatical da escrita. Afirma um diretor:

Hoje a preocupação deve ser com a formação geral, pois ela levará ao específico. O letramento é a forma de comunicação primordial em todos os setores da sociedade. Uma empregada doméstica, por exemplo, tem que saber ler para informar-se sobre as coisas práticas da vida como saber a hora certa de dar um remédio, ler um aviso sobre dedetização no condomínio, etc. [...] A leitura e a escrita têm que ter qualidade. Devem ser gramatical e ortograficamente corretas. A qualidade da escrita, hoje, deixa muito a desejar mesmo nos níveis superiores.

Segundo Paiva (1993), as exigências de qualificação dos postos de trabalho, no contexto do novo paradigma da racionalização, são mais amplas e de nova natureza, exigindo reformas educacionais que atinjam não apenas a estrutura dos cursos mas os conteúdos curriculares, caminhando rumo à educação geral, posto que a ênfase dos empresários se situaria menos na qualificação específica e mais em qualidades como flexibilidade, disciplina e autonomia.

Entretanto, por mais que enfatizem a educação geral, os empresários deixam claro que nela estariam subtendidas o desenvolvimento de apuradas habilidades de letramento. Desta forma, alertam para a necessidade das instituições educacionais refletirem mais a

respeito das tecnologias e sobre o resgate de ações que visem à qualidade da expressão através da escrita em todos os níveis de ensino, manifestando-se:

A educação falhou confiando demasiadamente na tecnologia: máquinas de calcular, provas objetivas onde o aluno faz um x. Estamos impressionados com os engenheiros, até pós-graduados que não conseguem escrever um período. Por mais que a tecnologia avance, continua sendo muito importante a expressão do pensamento através da escrita. Ficamos impressionados e envergonhados como a universidade coloca no mercado pessoas com erros primários de escrita.

As manifestações dão indicativo de que as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores em relação às habilidades e competências de letramento seriam decorrentes de uma aprendizagem escolar ‘multifragmentada’¹⁰ de coisas que, no mundo do trabalho, ocorrem de forma simultânea. Essa fragmentação, segundo eles, estaria levando portadores de grau médio de escolaridade a se revelarem incapazes de realizar tarefas consideradas corriqueiras no mundo do trabalho, como preenchimento de formulários e, ainda, grandes dificuldades na leitura e na escrita. O depoimento de uma entrevistada sobre a relação possível entre as habilidades de letramento desenvolvidas pela escola e as demandas de letramento da empresa confirma essa visão:

A escola ensina de forma muito fragmentada coisas que no mundo do trabalho acontecem de forma simultânea. [...] Não tem havido entrosamento entre as habilidades desenvolvidas pela escola e as necessidades da empresa. A escola restringe e fragmenta muito. O reflexo disso são as deficiências na escrita, na leitura e na interpretação. A forma de ensinar por partes faz com que não consigam estabelecer relação entre as diversas partes. As deficiências manifestadas são reflexos da forma como aprenderam. Pessoas com nível médio não sabem preencher um formulário, escrevem mal, não lêem corretamente.

Este depoimento reporta a McLuhan e Fiori (1969), segundo os quais, a fragmentação do conhecimento decorre da forma pela qual o homem conhece o mundo. Para isso, o homem cria extensões dos seus próprios sentidos aumentando seus conhecimentos no espaço e no tempo. A extensão criada provoca reações de que não toma consciência, o “*feed-back* não lhe chega à razão”. Desta forma, os processos humanos de conhecimento e ação sobre o mundo seguiram um método de fragmentar a realidade para melhor conhecê-la. A fragmentação tornou impossível a um só homem abranger o universo e o

¹⁰ Fragmentada tanto em níveis, (séries), como em conteúdos (disciplinas).

conhecimento dividiu-se, especializando-se, o que multiplicou demográfica, econômica, geográfica, social e politicamente a capacidade do homem de abranger o mundo. Dividiu o conhecimento e a si próprio sem o saber. McLuhan diz ainda mais:

A reestruturação do trabalho e da associação dos homens foi moldada pela tecnologia da fragmentação da máquina. A essência da tecnologia da automação é o inverso. É integral e descentralizada em profundidade, exatamente como a máquina foi fragmentária, centralista e superficial ao modelar as relações humanas (p. 19).

O nível mínimo de escolaridade exigido para os funcionários das empresas de produção de tecnologia de ponta é o ensino médio completo, contudo, uma grande parcela possui ou está cursando nível superior.

Uma das empresas mantém biblioteca e sala de estudos com computador e acesso à Internet que permanecem abertas durante todo o dia, além de um projeto de ampliação destas atividades, a fim de disponibilizar todos os materiais de cursos oferecidos durante o ano, incluindo apostilas para revisão dos conteúdos destes cursos. Este projeto contempla, ainda, a contratação de uma bibliotecária para organizar e desenvolver técnicas de incentivo à leitura.

O depoimento a seguir comprova que embora a empresa exija o ensino médio como pré-requisito para compor seu quadro de funcionários, este fator não garante as habilidades necessárias para a função requerida, na contratação de um novo funcionário.

No simples preencher de um formulário de solicitação de emprego dá para perceber as dificuldades e/ou facilidades. Dependendo da função e da atividade, isto poderá ser decisivo para a contratação ou não. Por outro lado, tem uns que escrevem bem, mas não têm outras habilidades de precisão para pegar um componente e encaixar na placa com extrema rapidez, na prática, e assim não atendem aos pré-requisitos da função.

Esta manifestação comprova que as competências tradicionais “ler e escrever e contar” são instrumentos essenciais da vivência democrática em uma sociedade letrada, mas podem não ser pré-requisitos necessários para a aquisição de competências profissionais específicas. Estas são parte constitutiva, mas a sua aquisição poderá acontecer em tempos sucessivos à construção de um saber profissional (Meghnagi 1998).

Segundo Ribeiro (1999), muitos autores, seja da perspectiva psicológica, etnográfica ou histórica, relativizam a influência da aquisição da escrita no desempenho das formas modernas de organização social, sendo que alguns chegam a lhes negar qualquer potencial explicativo intrínseco. Para Street (apud Ribeiro, 1999), tomar a escrita como aspecto definidor de diferenças essenciais entre pessoas ou grupos é determinismo tecnológico, considerando que nela se ignoram, “se ocultam”, as relações sociais concretas, os conflitos de ordem política que determinam usos específicos da escrita em diferentes sociedades ou diferentes grupos dentro de uma mesma sociedade. Para Graff (1995), os limites da alfabetização devem ser avaliados.

Na perspectiva Vygotskyana, a alfabetização e a escolarização, mesmo em níveis rudimentares, são reconhecidas como fatores determinantes de diferenças nos modos de funcionamento cognitivo, ao lado de outras importantes inovações da prática social (Ribeiro, 1999).

Nestas empresas, o conhecimento específico, necessário para o desenvolvimento das atividades inerentes à empresa, é desenvolvido através de políticas internas de treinamento, que envolvem, entre outras ações, o incentivo ao investimento em si mesmo, conferência do mérito a todos, quando a empresa recebe prêmios e certificados de qualidade, descrição clara do plano de cargos e salários, avaliação de desempenho, jornada de idéias, conforme o depoimento a seguir:

O programa de treinamento é muito forte. Temos uma hora diariamente de treinamento das 8 às 9:00 horas. [...] Eu como RH tenho o desafio de conciliar a modernidade do funcionário com a empresa e sua necessidade e interesse de se desenvolver com a questão da pessoa com todas as necessidades do ser humano integral, com problemas na família, saúde, enfim. [...] Temos um plano de cargos e salários que possibilita uma descrição clara do cargo. [...] Temos avaliação de desempenho, temos a Jornada de idéias...

Em relação à importância atribuída ao grau de letramento dos trabalhadores, na formação de conceitos como qualidade, produtividade e cidadania, tivemos a seguinte manifestação de uma entrevistada:

O grau de letramento é de fundamental importância no entendimento de manuais técnicos, portanto interfere na qualidade, correção e percepção dos erros e falhas a

fim de corrigi-los. [...] Em relação à produtividade, não visivelmente, mas certamente interfere, embora as pessoas não consigam fazer a relação direta. As pessoas sempre culpam as máquinas pela queda de produção, nunca o grau de letramento dos funcionários. [...] Na cidadania, a tomada de consciência dos direitos e deveres de um cidadão depende do seu grau de letramento, embora isso seja uma questão de filosofia de vida [...] Cidadania é uma questão complexa. Tem pessoas sem cultura, mas que têm profundas noções de seus direitos, portanto têm condições de lutar por sua cidadania, independente do grau de letramento.

O depoimento acima deixa transparecer de forma bastante clara o caráter técnico e instrumental atribuído à leitura e à escrita no mundo do trabalho. Giroux (apud Tfouni, 1988) diz que a “ideologia instrumental expressa-se através de uma abordagem puramente formalista da escrita, caracterizada por uma ênfase em regras, exortações sobre o que fazer e o que não se deve fazer quando se escreve. Ao invés de tratar a escrita como um processo que é tanto o meio como um produto da experiência de cada um no mundo, esta posição despreza a escrita de suas dimensões críticas e normativas e a reduz à aprendizagem de habilidades que, em nível mais estreito, enfatiza o domínio de regras gramaticais. Em um nível mais sofisticado, mas não menos positivista – a ênfase é posta no domínio formalista de estruturas sintáticas complexas, freqüentemente sem considerar o conteúdo”.

Quando se refere a ‘pessoas sem cultura’ mas que têm profundas noções de seus direitos, independente do seu grau de letramento”, a manifestação da entrevistada nos reporta a Tfouni (1988), segundo a qual, não existe letramento “grau zero”, numa sociedade, cuja prática social é letrada, como é o caso das sociedades industriais modernas.

Estes empresários acentuam sua posição contrária sobre o que entendem como uma “formação puramente tecnicista”, aliada à falta de reflexão de alguns profissionais sobre as consequências sociais, quando se trata de substituição do “antigo pelo novo”, em se tratando de desenvolvimento tecnológico. Esta posição é demonstrada no depoimento a seguir:

Sou crítico da formação puramente tecnicista. As pessoas têm que saber como funciona uma sociedade.

3.2.3 - Informação escrita - Jornalismo

Os empresários do ramo da comunicação impressa e eletrônica – Jornalismo - concebem o letramento como elemento fundamental na comunicação entre os funcionários da empresa. Afirmam não contratar analfabetos. Entretanto, para algumas funções consideradas mais simples como serviços de limpeza e de servir cafezinho, por exemplo, admitem pessoas que demonstrem apenas a capacidade de identificar objetos por associação, conforme o depoimento abaixo:

O (nome da empresa) não contrata analfabetos. Para algumas funções, até são admitidas pessoas que têm a capacidade de associar e identificar as questões, embora não tenham leitura e escrita fluentes. Numa empresa, para não haver problemas de comunicação interna, as pessoas têm que saber se expressar bem, tanto oral como por escrito, senão a comunicação fica truncada.

Para estes empresários, determinados comportamentos e atitudes favoráveis ao bom desempenho no mundo do trabalho dependem mais dos valores culturais e familiares do que propriamente do letramento, conforme demonstram as manifestações a seguir:

Depende muito da cultura da pessoa. Tem pessoas que têm nível de escolaridade relativamente baixo e têm uma postura melhor posicionada e efetiva do que uma pessoa com curso superior. Dizer que independe é muito forte, mas o determinante é a base familiar.

Às vezes as pessoas têm uma certa empatia e o grau de letramento não faria diferença. Às vezes as pessoas têm um alto grau de letramento e têm dificuldade de se comunicar. O que pesa mais nestes casos é a questão cultural, os valores familiares e comunitários. Estes são mais fortes que o fator letramento.

No decorrer das entrevistas, os depoentes vão percebendo a contradição entre a importância atribuída à posse de habilidades de letramento pelos trabalhadores e o fato de a leitura e a escrita constituírem as ferramentas e o produto da empresa. Assim sendo, procuram justificar-se enfatizando o papel da leitura e da escrita, compreendidas dentro de uma concepção instrumental, autônoma e escolarizada de letramento. Vejamos a manifestação a seguir:

Como somos uma empresa que trabalha com um produto escrito, temos que saber utilizar bem a leitura e a escrita. Reconhecer o que está escrito, escrever bem, não ter erros de português, conseguir se expressar, passando as informações de modo

mais correto para que quem está na outra ponta, que vai pegar este produto, consiga absorver esta informação. [...] A outra ponta é o nosso assinante, que é o nosso leitor. Se não soubermos nos comunicar bem por escrito, não atingimos o nosso público.

Dentro da concepção tecnicista de letramento, reconhecem, os entrevistados, a necessidade de reforçar estas práticas, promovendo cursos de português e de complementação de escolaridade para os jornaleros e outros trabalhadores da área industrial. Entretanto, estas ações devem ser desenvolvidas com uma preocupação eminentemente técnica, como afirma um diretor:

Existe uma preocupação permanente na formação mais técnica das pessoas.

Essa visão se confirma nos materiais de leitura disponibilizados aos funcionários, segundo o diretor:

Disponibilizamos materiais técnicos, [...] manuais, artigos específicos da área de trabalho.

Uma entrevistada afirma que, para os jornaleros, a necessidade de ser alfabetizado resume-se ao preenchimento das planilhas de venda e entrega dos jornais e ao fazer os relatórios. Reconhece a importância da leitura dos jornais por parte dos jornaleros, entretanto, essa leitura deve ser dirigida à eficiência das técnicas de venda e não ao direito do jornaleiro à informação.

Cabe ressaltar que, em nenhum momento, na fala destes dirigentes, aparece a preocupação com a formação da cidadania. Atitudes críticas e criatividade sequer são mencionadas.

Para a responsável pelos Recursos Humanos, desta empresa, o papel das instituições educacionais é o de oferecer conhecimentos básicos de leitura e escrita, pois o desenvolvimento mais apurado destas habilidades vai depender do grau de ambição de cada um, ou seja, dos degraus que se quer galgar no futuro como profissional. Este depoimento se fundamenta em uma ideologia individualista presente na doutrina capitalista. Ao mesmo tempo que atribui à escola a função de proporcionar apenas o básico, levanta suspeitas de que os conteúdos escolares estejam inadequados à atualidade. Na concepção desta

entrevistada, a escola deveria estar totalmente voltada para a preparação do indivíduo para as atuais transformações tecnológicas do mundo do trabalho. Assim se manifesta:

A escola dá o básico. Como você vai utilizar depois é uma decisão individual. Depende do grau de ambição de cada um. Talvez o conteúdo da escola não esteja adequado para os dias de hoje.

O parecer de outro entrevistado é de que a escola sozinha não dá conta de preparar as pessoas para atuarem no mundo do trabalho. Para isso se deve promover maior integração entre as empresas e a escola, de forma a possibilitar uma vivência maior do estudante com o mercado de trabalho. Relata que a empresa mantém projetos de integração com instituições educacionais, visando a disseminar a comunicação escrita. Defende que toda escola deveria proporcionar aos alunos o acesso aos jornais impressos e, principalmente, instrumentalizá-los para a sua leitura. Afirma que a Secretaria de Estado de Educação e o próprio Ministério de Educação deveriam viabilizar a utilização dos jornais locais pelas escolas. Ao mesmo tempo, reconhece que os custos envolvidos nesta ação, somados a ausência de uma cultura de leitura, especialmente de jornais, seriam impeditivos ao desenvolvimento deste tipo de trabalho. Ressalta que a empresa e a Universidade Federal de Santa Catarina mantêm um projeto de integração, através de uma cadeira que promove uma relação teórico-prática dos acadêmicos da área de jornalismo com o mundo do trabalho. Assim se manifesta o diretor:

Os acadêmicos quando saem da universidade e entram no dia-a-dia do jornal, levam um choque. É tudo completamente diferente. Hoje existe uma integração da (nome da empresa) com a Universidade, através de uma cadeira que possibilita uma vivência maior do estudante com o mercado de trabalho. A universidade se aproximou, abrindo uma porta de comunicação entre a universidade e os veículos de comunicação. Isto está sendo extremamente saudável. Os alunos vêm pra cá, participam do dia a dia do jornal, os nossos profissionais vão pra lá, passam seus conhecimentos, suas experiências. A tendência é essa integração se consolidar cada vez mais.

A função primeira da escola não se resume na preparação para o mercado de trabalho. Conforme o que prescrevem os Parâmetros Curriculares da Educação Nacional, o objetivo da educação fundamental é formar cidadãos críticos e reflexivos.

O depoimento do empresário, sobre a necessidade de maior integração entre as empresas e as instituições de ensino, corrobora a manifestação de Kornhauser (2000), quando trata das vantagens da cooperação entre estas instituições:

Vários projetos universidade-indústria mostram que a participação direta de estudantes e professores universitários no mundo do trabalho é muito benéfica: aprende-se a trabalhar em grupo, depara-se com problemas concretos que fazem com que se passe do domínio das idéias para o domínio do mercado: verifica-se que a informação mais recente já não basta, de fato, para manter a concorrência econômica à escala mundial e que é preciso recorrer a sistemas de informação internacionais; aprende-se a adquirir e organizar informação recolhida de diferentes pontos; buscam-se sistemas de conhecimento susceptíveis de servir de base à formação de hipóteses; concebem-se interações entre o tratamento da informação e a investigação experimental e presta-se colaboração a produções piloto; buscam-se saídas comerciais e aprende-se como se cria um mercado; identificam-se as possibilidades de transferência de conhecimentos e tecnologias e estabelece-se a lista de tecnologias que não convém transferir, integram-se as normas sobre ambiente nas considerações tecnológicas e econômicas; adquirem-se as competências empresariais; aprende-se a conhecer as possibilidades de trabalho independente, isto é, a substituir a “esperança de um emprego” pela “criação de empregos”, etc. (p. 238).

Semelhantemente, ou até de forma mais intensa que nas empresas de produção de tecnologia de ponta, as manifestações dos entrevistados da informação impressa e eletrônica, talvez pelo tempo e pela intensidade com que lidam com essas novas tecnologias sinalizam um profundo entrosamento entre as práticas de leitura e escrita e estas últimas.

Ao referir-se à importância do letramento na formação dos conceitos de qualidade, desperdício, produtividade e cidadania, os entrevistados voltam a afirmar a importância do fator cultural, somado a uma “certa empatia”, e não do grau de letramento, na formação destes conceitos. A este respeito, assim se pronunciam:

As pessoas devem trazer de casa um grau cultural para se adaptarem à nossa equipe de trabalho. [...] Dependem também muito da cultura da pessoa. Tem pessoas que têm um nível de escolaridade relativamente baixo e têm uma postura mais bem posicionada e efetiva do que uma pessoa com curso superior. Dizer que independe é muito forte, mas o determinante é a base familiar.

Às vezes a pessoa tem uma certa empatia e o grau de letramento não faria diferença. Às vezes a pessoa tem um alto grau de letramento e tem dificuldade de comunicar. O que pesa mais nestes casos, é a questão cultural, valores familiares e comunitários são mais fortes do que o fator letramento. A produção depende do comprometimento e a questão dos valores e cidadania também.

Pelos depoimentos dos entrevistados, conclui-se que das três categorias de empresas pesquisadas, apesar de numa primeira leitura isso parecer contraditório, a imprensa escrita se inclui na categoria de empresas que menos importância dá ao fator letramento como determinante do sucesso de uma pessoa no mundo do trabalho. Para as empresas de jornalismo, a leitura e escrita representam apenas as ferramentas na produção da atividade comercial que desenvolvem. A importância atribuída ao letramento, nessas empresas, está na mesma proporção em que as centrais telefônicas estão para as empresas de tecnologia de ponta na área de telecomunicações ou para o transporte, nas empresas de transporte coletivo. A escrita e a leitura são concebidas, por estes empresários, apenas como instrumentos de comunicação, a serem utilizados no negócio desenvolvido pela empresa. Expressões emitidas por estes entrevistados, como: “Para os jornalistas, a necessidade de saberem ler e escrever liga-se apenas à necessidade de fazerem os relatórios de entrega” ou “jornalistas e braçais não têm acesso aos computadores” encerram sentimentos de discriminação e a falta de prestígio atribuídos às funções desempenhadas por estes trabalhadores na empresa.

Para Moraes (1996), além do contexto da vida profissional, atualmente a leitura e a escrita tornaram-se indispensáveis no cotidiano das pessoas. Os textos escritos substituem a informação falada nos metrô, nos ônibus, nos aeroportos, estações rodoviárias, nas lojas, nos bancos, nos *shopping centers*, nas bulas dos remédios, nas instruções para instalação e utilização de aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos. Portanto, independente dos usos funcionais do letramento no mercado de trabalho, ele se faz extremamente necessário em todos os outros espaços da prática social.

Tal fato torna-se mais relevante ao se considerar as atuais exigências de qualificação profissional. O modelo de competências, alternativo ao fordismo, exige um processo de educação continuada no desenvolvimento de um conjunto de habilidades, classificadas como básicas, específicas e de gestão. Estas habilidades são definidas por Deluiz (apud Manfredi, 1998) como:

Habilidades básicas entendidas em uma ampla escala de atributos, partindo de habilidades mais essenciais, como ler, interpretar, calcular, até chegar ao desenvolvimento das funções cognitivas que propiciem o desenvolvimento de raciocínios mais elaborados.

Habilidades específicas estreitamente relacionadas ao trabalho e dizem respeito aos saberes, saber-fazer e saber-ser, são exigidas por postos, profissões ou trabalhos em uma ou mais áreas correlatas.

Habilidades de gestão relacionadas às competências de autogestão, de empreendimento, de trabalho em equipe.

A linha de pensamento dos empresários da imprensa escrita – jornalismo, parece encontrar fundamentos no modelo de competências, no qual o domínio da leitura e da escrita está colocado apenas como mais uma entre muitas outras habilidades consideradas importantes para o mundo do trabalho.

3.3 - CONCEPÇÕES DE NOVAS TECNOLOGIAS

3.3.1 Transporte coletivo

As concepções de novas tecnologias, presentes nos depoimentos dos dirigentes das empresas de transportes coletivos, vão desde a idéia de que estas se constituem complementos da ação do homem sobre o mundo, até os benefícios possibilitadores da extrema agilização destas ações.

Contudo, estas tecnologias, colocadas a serviço do sistema capitalista como vem acontecendo, transformam-se num ‘mal necessário’, desqualificando as relações humanas, cerceando a convivência entre as pessoas no ambiente de trabalho e anulando a afetividade.

As manifestações sobre as novas tecnologias compõem uma mescla de ‘espanto e encanto’, conforme podemos verificar em diversos depoimentos, a exemplo do que descreveremos a seguir:

Estas ferramentas desqualificam a comunicação do ponto vista humano [...] cerceando as pessoas de conviverem no ambiente de trabalho, trocaram experiências, pois os resultados estão pressionando a todos, 24 horas por dia, forçando a ignorar as pessoas que estão a sua volta, anulando a afetividade em função do resultado. Na economia do mundo globalizado elas são essenciais, imprescindíveis, mas ao mesmo tempo, representam um grande mal, pois estamos iniciando a experiência de usar estas ferramentas, que possibilitam uma comunicação instantânea, hoje, em tempo real, mas ainda não temos a percepção de por quanto tempo ela será eficiente. Penso que estamos deixando a coisa mais importante de lado, que é o valor do ser humano [...]. Talvez estejamos caminhando com uma ferramenta voraz para a destruição da nossa civilização. Mas hoje, ainda a forma escrita tradicional e impressa é predominante dentro das organizações, para escrever os próprios manuais de orientação para uso dessas máquinas, bem como para escrever nelas.

Referindo-se aos benefícios trazidos pelas novas tecnologias, este mesmo depoente revela um certo deslumbramento em função dos resultados obtidos pela empresa, a partir delas, conforme revelado nesta manifestação:

Graças a essa tecnologia, melhoramos em muito a qualidade dos nossos serviços. Pois através delas, conseguimos identificar as necessidades essenciais dos nossos clientes. Isso resultou num trabalho de racionalização operacional. [...] A tecnologia, com sua capacidade de resolução, organizou os cálculos de sincronização de horários em trechos comuns e todos os usuários foram extremamente beneficiados. [...] O desenvolvimento tecnológico dos ônibus têm se aperfeiçoado graças à tecnologia, proporcionando rapidez, segurança, confiabilidade conforto e preço. O câmbio automático evita os solavancos, proporcionando conforto e segurança. A poluição sonora é evitada, proporcionando mais conforto aos usuários...

Alguns depoimentos superenfatizam, outros relativizam as ‘maravilhas’ das novas tecnologias e até fazem previsões a respeito do seu futuro, como as que se viu e se pode conferir nestes depoimentos:

A era da informática para nós é uma experiência como foi a da automação industrial, em que o homem passou a representar apenas um recurso.[...] Hoje falamos em capital humano. [...] as pessoas deixaram de ser seres humanos para se transformarem em capital, relacionados a dinheiro. Uma pessoa dentro de uma organização empresarial não é um ser humano, hoje é um capital, ligado ao financeiro, é um negócio. [...] Ignorou-se totalmente o lado espiritual, o lado social da convivência humana. [...] Entendo que em no máximo dez anos o uso das novas tecnologias terá que passar por um processo de revisão no sentido de sua utilização, não só como uma forma comercial, mas terá que adaptar sua aplicação à melhoria de qualidade do relacionamento interpessoal nos ambientes comunitário e de trabalho.

Tudo é controlado via computador, as ocorrências dos funcionários, as reclamações dos usuários, os acidentes... Agora temos a *Home page* onde o usuário pode ter acesso direto, pode ver todos os horários dos ônibus, todas as linhas, todos os percursos, pode reclamar, pode elogiar. É um canal aberto para o cliente, graças à informática. O próprio setor de treinamento que antes era tudo em fichinhas, hoje é tudo em banco de dados. [...]. Na área administrativa e financeira, então nem se fala, [...] como é uma empresa de transportes coletivos, entra dinheiro todo dia [...]. Todas as áreas estão informatizadas, bem ou mal mas estão. Uma escala manual de 170 motoristas, ela leva muito tempo, então você joga tudo no computador e só gerencia as exceções.

As novas tecnologias vieram para ficar, não tem como voltar atrás. A tendência é ampliar cada vez mais. O computador será como a TV, hoje.

As empresas estão investindo nas máquinas em detrimento do investimento no homem, através da leitura, da cultura e do ensinamento. Nós, os homens, somos a máquina mais perfeita do mundo, a mais completa, a mais inteligente. O homem que tem poder aquisitivo não está enxergando isso. [...]. A máquina é apenas a consequência do investimento no homem. A supervalorização das máquinas está fazendo com que nos transformemos numa delas, esquecendo dos valores que dão verdadeiro sentido à vida. A ganância está distorcendo os valores, deteriorando o homem. Posso ter as máquinas mais modernas do mundo, mas se não tiver um trabalhador consciente para operá-las, se não valorizo o humano de nada adianta. Quero ter 200 ônibus velhos e 400 homens treinados, educados, valorizados e felizes do que ter 400 ônibus novos e 200 homens analfabetos e infelizes. [...] Às vezes o governo dá apoio, dá incentivo fiscal, dinheiro a longo prazo, mas nada se faz, pois cada um só quer saber de si mesmo. A ganância e o egoísmo são muito grandes. Esquecem que se o povo receber uma educação de qualidade o benefício será de todos. As empresas se beneficiam, toda a sociedade se beneficia. Eu não sou PT, sou pelo certo. Essa ideologia do comunismo não existe mais.

A perplexidade dos empresários do setor de transportes coletivos, frente ao impacto combinado de uma revolução tecnológica, à formação de uma economia global e a um processo cultural em mudança, é perfeitamente compreensível. São muitas mudanças ocorrendo ao mesmo tempo, ocasionando uma transformação estrutural nas sociedades avançadas, como jamais tinha sido visto, previsto, ou imaginado.

Quando os empresários concebem as novas tecnologias como extensões da ação humana, corroboram às idéias de Bacon à respeito da “excelência e da acuidade dos engenhos” como extensões do homem para facilitar a sua ação sobre o mundo, como se pode ver na citação extraída do *Novum Organum* publicado em 1620. Vol. 1. Tradução de Andrade (1963)

É manifestamente impraticável, sem o concurso de instrumentos ou máquinas, conseguir-se em qualquer grande obra a ser empreendida pela mão do homem o aumento de seu poder, simplesmente pelo fortalecimento de cada um dos indivíduos ou pela reunião de muitos deles. (p. 7).

Na mesma obra, Aforisma II, Bacon diz:

Nem a mão nua nem o intelecto, deixados a si mesmos, logram muito. Todos os feitos se cumprem com instrumentos e recursos auxiliares, de que dependem em igual medida, tanto o intelecto quanto as mãos. Assim como os instrumentos mecânicos, regulam e ampliam o movimento das mãos, os da mente aguçam o intelecto e o precavêm. (p. 13).

Certamente, Bacon, em 1620, não chegaria jamais a imaginar a amplitude, os domínios e as formas que os ‘engenhos’ humanos tomariam trezentos e oitenta anos depois da sua publicação e, ainda menos, que estivesse servindo como referência para análise da fala dos empresários dos transportes coletivos no primeiro ano do terceiro milênio.

As duas empresas de transportes coletivos foram informatizadas, porém nem todos os trabalhadores têm acesso aos computadores. O diretor de uma delas afirma: “dos 450 funcionários da empresa, apenas 30 têm acesso ao uso fluente dos computadores no ambiente de trabalho”. A leitura e a escrita sobrepõem-se como habilidades básicas exigidas para lidar com os computadores.

As divergências observadas sobre o impacto das novas tecnologias no mundo do trabalho não diferem dos teóricos contemporâneos. Negroponte (1995), Turkle (1995), Papert (1994), Greenfield (1988) e Parente (1999), as percebem como grandes possibilidades de avanço e melhoria às condições de vida humanas. Para Virilo e Baudrillard (apud Parente 1999), as novas tecnologias constituem uma grande ameaça à humanidade, ligando a questão do virtual à uma estética do simulacro enquanto desaparecimento do real.

Outros teóricos, no entanto, como Negri, Guattari, Lévy, Weissberg (apud Parente, 1999), desmistificam as novas tecnologias, enquanto mecanismos monstruosos de escravidão política, defendendo que a atividade comunicacional das mídias constitui um espaço, entre outros, de luta para a transformação social, não tendo outro limite, senão a

finitude dos desejos humanos. Estes autores reafirmam as novas tecnologias do virtual como funções da imaginação criadora, como fruto de agenciamentos, os mais variados possíveis, entre a arte, a tecnologia e a ciência. E, neste sentido, as novas tecnologias seriam capazes de criar novas condições de modelagem do sujeito e do mundo.

3.3.2 – Produção de tecnologia de ponta

Para os empresários da produção de tecnologias de ponta na área de telecomunicações, as novas tecnologias de informação e comunicação representam uma grande revolução e trazem novas alternativas de trabalho para toda a sociedade. Entretanto, para que tragam benefícios, há a necessidade de se conhecer o lugar social ocupado por elas e sua influência sobre a vida das pessoas, dizem. E esse conhecimento servirá de base para se avaliar a conveniência ou não de sua utilização.

Este posicionamento vem ao encontro do Relatório Jacques Delors (2000), segundo o qual, “um jovem só será senhor de si mesmo na medida em que a educação lhe tiver dado competências bem dotadas no mercado de trabalho. O que implica a aprendizagem de competências sociais que só se adquirem quando compreendem como funcionam as sociedades, quais os sistemas de poder e as alavancas que os comandam, como ter influência nas decisões e a que ponto a dinâmica social conta com tudo isso”. Essa preocupação revela-se na manifestação de um diretor:

Têm profissionais que são incapazes de perceber a influência das tecnologias dentro da sociedade. Para se ter uma idéia, nós trabalhamos com coisas fantásticas tecnologicamente, mas sabemos que ficam muito caras, portanto, inviáveis. Tem profissionais que quando surge uma nova tecnologia, jogam a velha fora, jogam todo um trabalho, todo um esforço, desprezando tudo o que já foi produzido, sem se preocupar se a nova vai ser acessível, a quem vai atingir, se é viável, ou não. Falta reflexão...

Para McLuhan (1969), se as operações são necessárias, a inevitabilidade de infectar todo o sistema durante a operação deve ser pesada, pois ao operar sobre a sociedade com a tecnologia, não é a área de incisão que mais se infecta. É todo o sistema que é mudado.

Uma entrevistada de uma destas empresas vê as novas tecnologias como uma verdadeira revolução, e assim se manifesta: “elas tomaram conta do dia a dia das pessoas, oferecendo um enorme canal de informações”. Este grande acúmulo de informações dá a impressão de que o tempo ficou mais restrito e, que as pessoas têm de se tornar mais ágeis. Para Kenway (1999), os novos instrumentos de comunicação aumentam a pressão do tempo, o *stress* e a complexidade na vida das pessoas à medida que se torna mais difícil fazer uma distinção entre, de um lado, casa e local de trabalho e, de outro, entre trabalho e lazer. Desta forma, as pessoas podem ter ficado ricas em matéria de informação, mas, pobres em matéria de tempo. Ainda, segundo esta entrevistada, as novas tecnologias, pela multiplicidade de estímulos que oferecem, estariam acarretando prejuízos na qualidade dos procedimentos que exigem mais concentração, como a escrita, por exemplo. Por outro lado, reconhece os grandes benefícios que elas trouxeram para o mundo do trabalho: “Elas proporcionam as condições necessárias para a geração de resultados extremamente rápidos”, fator altamente desejável num processo de produção de um sistema que exige o máximo de competitividade. O depoimento abaixo reafirma sua manifestação a este respeito:

Um relatório que gerado manualmente eu levava três dias, hoje faço num segundo [...]. Oportuniza resultados mais rápidos [...] Ao mesmo tempo o número de atividades aumenta. [...] Estamos lidando com muitos estímulos ao mesmo tempo e certamente isso vai repercutir no ser humano, pois exige um nível de concentração muito grande gerando *stress*. Antes você trabalhava oito horas por dia num determinado ritmo e produzia 50, 60 por cento nas suas oito horas, hoje tem que produzir 100 por cento em oito horas. A própria condição do ser humano acaba se modificando, sendo alterada.

Sobre a invasão pelas novas tecnologias da maioria dos espaços ocupados pelas pessoas, esta entrevistada afirma que “isto refletirá numa vida diferenciada para a humanidade”. No seu parecer, a ocupação dos espaços da vida pessoal como profissional e social, por estas tecnologias, amplia a visão de mundo e aguça a percepção resultando num modo diferente de vida para as pessoas. Eis o seu depoimento:

A tecnologia não tem volta. Sua evolução é cada vez maior. O reflexo no ser humano é de uma vida diferenciada. Você sai do espaço profissional e isso tem continuidade no seu espaço familiar. O computador está dentro da sua casa, interferindo em toda sua vida. As relações estão mudando, de lazer, de vida pessoal. Hoje tem amizades, namoros pela Internet. As pessoas estão saindo menos, estão

ficando mais em casa. Os contatos pessoais estão diminuindo [...] Estas tecnologias ampliam a visão de mundo do ser humano, aguçam a percepção pela multiplicidade de estímulos. [...] Quanto mais você atende a estes estímulos, mais eles se ampliam. É um caminho sem volta.

Nestas empresas, todos os setores são informatizados e todos os funcionários têm acesso aos computadores:

No setor administrativo, todos têm a sua máquina. Na produção, são instalados terminais, onde os líderes determinam o acesso. Só nunca teve acesso quem realmente não quer.

Talvez pelo fato de a atividade-fim dessas empresas ser a própria produção e comercialização da tecnologia, estes dirigentes têm uma visão mais clara da interferência destas nos espaços ocupados pelo ser humano, sobre o seu papel e a sua função social, bem como a consciência da necessidade de uma avaliação sobre o momento, as condições e as conveniências das trocas ou alternâncias tecnológicas.

3.3.3 – Informação escrita – jornalismo

Estes empresários ‘endeusam’ as novas tecnologias, fazendo afirmações que revelam um profundo determinismo tecnológico, como se a própria continuidade da espécie humana sobre o planeta dependesse exclusivamente das novas tecnologias. Esse posicionamento fica claro em expressões como: “Não dá mais para viver sem as novas tecnologias. Estas geraram uma dependência tal que se tornaram indispensáveis no nosso dia-a-dia”. São sinônimos de agilidade, de facilidade de acesso e produção de informações.

Em se tratando da relação entre as novas tecnologias e as atividades desenvolvidas pela empresa, assim se manifesta um diretor:

Para a produção de um veículo de comunicação impressa, não existe mais como ser feito pelo processo convencional. Tem que se utilizar o processo digital.[...] Temos processo de atualização periódica do surgimento de novas tecnologias e sua aplicação no nosso negócio [...] Hoje o computador serve para desenvolver várias situações no dia-a-dia do nosso trabalho, desde a comunicação até o aporte de informações.

Por outro lado, este mesmo diretor afirma que as novas tecnologias vieram para ficar e que poderão ser utilizadas tanto para construir como para destruir. Quem vai decidir

sobre estas questões são as instituições educacionais, na forma pela qual irão preparar as pessoas para delas fazerem uso. A este respeito assim se pronuncia:

É um caminho sem volta. Elas vieram para ficar. Hoje já temos um impacto muito forte. Elas podem ser fantásticas para construir como para destruir, depende da preparação das pessoas.

A responsável pelo setor de recursos humanos afirma que todos os setores da empresa estão informatizados, aliás que a empresa foi pioneira, inaugurando o primeiro jornal com todas as atividades, até mesmo as de produção, informatizadas.

Hoje trabalhamos com paginação eletrônica. Mesmo as atividades de produção são informatizadas, quando o editor entra com os dados da notícia no jornal, ela já vai direto para a seção onde vai ficar. Nas outras áreas, temos correio eletrônico, Intranet. As atividades administrativas e financeiras também são informatizadas.

Em relação à disponibilidade de acesso dos trabalhadores às novas tecnologias e as habilidades exigidas para lidar com elas, percebe-se nítida separação entre os que têm e os que não têm acesso a estas tecnologias. Sobre isto, afirmam:

Só não têm acesso ao computador, os jornaleiros, os braçais[...]. As habilidades exigidas dependem de cada função, mas de um modo geral, cursos específicos e conhecimento básico das máquinas.

O depoimento “Só não têm acesso ao computador, os jornaleiros, os braçais” reafirma o ocorrido nos primeiros cinquenta anos da prensa tipográfica, chamados de incunábulo da imprensa (Postman, 2000). Nessa época, ainda não estava muito claro o que a escrita poderia fazer pelas pessoas, começando-se, então, um processo de separação das classes de trabalhadores, cujas atividades exigiam o desenvolvimento da escrita, daquelas que pelos mais diversos motivos não necessitavam ou não deveriam ter acesso a esses conhecimentos.

Graff (1995) questiona o quão importante, realmente, tem sido o letramento para o sucesso ocupacional e econômico. Embora a importância da educação seja proclamada aos quatro ventos, os depoimentos dos entrevistados demonstram que no mundo do trabalho, além do letramento, existem muitos outros fatores envolvidos na determinação do sucesso.

Para Pelandré (1998), o letramento continua sendo considerado como componente chave para o desenvolvimento econômico. Porém, na ideologia neoliberal o que se observa é a maquiagem deste problema. No Brasil, esta maquiagem se dá nas desigualdades caracterizadas pelo dualismo historicamente presente na qualidade da oferta educacional em todos os níveis, nas campanhas rápidas para “erradicação do analfabetismo” e na melhoria das estatísticas que retratam os níveis de letramento do país. Isto agrava-se ainda mais pelo atual processo de globalização que concentra a renda, cada vez mais, na mão de poucos, prevendo a existência de excluídos da condição de emprego e cidadania. Desta forma, segundo Pelandré, o domínio da leitura e da escrita, na perspectiva da construção da própria experiência, da democratização do saber, coloca em cheque tais questões, sobretudo por desvendar a supervalorização da linguagem escrita, enquanto forma de linguagem de prestígio, vinculada à distribuição do poder, em nossa cultura.

A partir da hipótese de que o letramento estende-se mais à formação de atitudes do indivíduo perante a vida, ultrapassando os limites da simples compreensão de textos escritos, Ribeiro (1999) realizou pesquisa em São Paulo, cujos resultados deixam evidente que a análise do significado histórico da expansão da alfabetização e da escolarização na sociedade industrial não pode se restringir à sua funcionalidade em relação ao trabalho fabril. Deve-se, portanto, abarcar sua relação com outros fenômenos sociais historicamente associados à industrialização, como por exemplo, a urbanização, o desenvolvimento científico e tecnológico, as expectativas expressas por pessoas ou grupos, as novas bases em que se dão as relações políticas e a dominação ideológica. Esta autora diz, ainda, que um fenômeno tão multifacetado e complexo como o letramento, que ocupa um lugar tão importante na cultura ocidental moderna, não pode ser interpretado monoliticamente pela consideração de fatos isolados, nem mesmo quando as explicações são geradas pelo modelo ideológico.

Para realizar os treinamentos, quando da implantação de um sistema, a empresa de jornalismo pesquisada, constrói laboratórios em ambientes de rede, nos quais os funcionários realizam as práticas para aprendizagem do novo sistema, conforme o depoimento de uma entrevistada:

Quando temos treinamentos técnicos, montamos laboratório em rede, fazemos um ambiente em rede de teste e as pessoas fazem na prática como vão trabalhar esses sistemas, os outros treinamentos são feitos através da exposição, através do *data-show*.

Quanto à opinião dos entrevistados sobre a interferência das mídias no desenvolvimento de habilidades de letramento, segundo um deles, “a pessoa que se condiciona a assistir muito à televisão não pode querer mais ler e escrever”. O depoente entende que a televisão deve exercer algum impacto para o desenvolvimento das habilidades de letramento dos telespectadores, mas não saberia avaliar sua intensidade. Contudo, afirma que o jornal, certamente, auxilia nestas práticas, pois “quanto mais se lê, mais se tem condições de ler e escrever. É um processo natural de desenvolvimento a partir da leitura”. O entrevistado apresenta uma visão confusa sobre os processos de leitura e escrita, como se um fosse consequência natural do outro. Sobre o computador e a Internet, se forem bem utilizados, “muito poderão contribuir”, diz. Refere-se, ainda, à necessidade das instituições educacionais desenvolverem programas de educação para a comunicação e conclui seu depoimento fazendo um alerta:

Acho que este é um papel da escola. Educar para as mídias. A questão de maior grandeza seria ensinar as crianças a utilizarem estes meios, pois a medida que as novas alternativas vão surgindo, certamente isto poderá impactar de forma muito negativa.

A outra entrevistada fala do potencial do jornal impresso e eletrônico, bem como da Internet como recurso no desenvolvimento de habilidades de letramento. Afirma que o jornal, por ser uma atividade organizada com início, meio e fim, carrega em si uma grande potencialidade de auxiliar neste processo. O computador e a Internet, pelo fato de proporcionarem a agilidade das informações, representam um grande auxílio no desenvolvimento da leitura e da escrita. Diz, ainda, que a utilização destes meios estaria formando uma ‘nova mentalidade’, ou seja, uma ‘mentalidade estritamente tecnológica’.

Segundo Parente (1996), atualmente, vive-se uma época de crise das antigas ordens de representações e dos saberes e, de uma forma ainda mais profunda, uma complexidade em relação às formas de produção de subjetividade. Para Guattari (apud Parente, 1999), a informática e a tecno-ciência não são nada mais do que formas hiperdesenvolvidas da própria subjetividade. Este autor observa, ainda, que não são apenas as atuais máquinas

informativas e comunicativas que nos permitem falar de uma produção maquínica de subjetividade, uma vez que, nas fases pré-capitalistas e arcaicas, as subjetividades eram engendradas por diversos dispositivos maquínicos de modelização das formas de existência. Se cada sociedade tem seus tipos de máquinas é porque elas são o correlato de expressões sociais capazes de lhes fazer nascer e delas se servir como verdadeiros órgãos da realidade nascente. A este respeito diz ainda:

As mutações e rupturas tecnológicas devem ser avaliadas em função de duas tendências: a tendência à homogeneização universalizante (territorialização) e a tendência à heterogeneização singularizante (desterritorialização) da subjetividade. Entretanto, o produto das tecnologias imagéticas, embora marcado pelos regimes sociais nos quais ele se produziu, é condicionado por relações de força que articulam as relações de poder de forma autônoma, ou seja, ele pode não liberar o real capturado pelas representações dominantes (p. 15).

Os depoimentos dos entrevistados desta categoria de empresas denotam a importância atribuída às novas tecnologias e até mesmo a dependência por elas desenvolvida em diversas instâncias da sociedade atual, principalmente no mundo do trabalho. Depoimentos como o do diretor “elas vieram para ficar e têm grande potencial tanto para construir como para destruir, dependendo de como as pessoas forem preparadas para lidar com elas”, constitui-se um alerta aos órgãos responsáveis pela definição de políticas educacionais quanto ao desenvolvimento de planos de educação para a comunicação.

3.4 O LETRAMENTO NO CONTEXTO DAS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS

3.4.1 Transporte coletivo

Embora reconheçam as implicações positivas das novas tecnologias nos usos da leitura e da escrita no mundo do trabalho, estes empresários não têm muita clareza sobre tais interferências e em que nível se situam. Esta percepção, ainda um tanto confusa, os leva a um certo sentimentalismo saudosista. Sendo assim, um diretor afirma que a escrita na era tecnológica é fria, destituída de beleza, de romantismo e de calor humano. O depoimento, a seguir, confirma esta manifestação:

Hoje nos limitamos a apertar botões. Esses botões resumem uma mega de sentimentos. [...] Uma carta de amor ou de amizade tem muito mais valor quando escrita à mão, com uma caligrafia bem feita, uma assinatura bonita, isso chega a arrepiar a gente e está sendo deixado de lado. Isto inspira muito mais afetividade, causa muito mais prazer do que uma carta escrita no computador.

Outras manifestações nesta mesma linha fazem uma verdadeira apologia às qualidades do suporte impresso da escrita, como portador de maior segurança, inviolabilidade, originalidade e autenticidade, contrapondo-se à vulnerabilidade, bem como à restrição do acesso pela maioria da população à escrita em meios eletrônicos. Vejamos o que diz um diretor a este respeito:

O pensamento transcrito para o papel é individual, original, inviolável. Nos outros suportes, como o computador, celular e demais tecnologias, a informação pode ser violada, alterada, apagada. A forma escrita (impressa) é personificada. Ela não pode ser transformada, o pensamento é daquela pessoa, é autêntica, é individual. A escrita, na sua forma tradicional, continua sendo importante, pela cultura ainda existente no Brasil, a maneira de se comunicar é a escrita, que tem como suporte o papel, pois o acesso à tecnologia ainda é restrito.

A presença de novas demandas de letramento, decorrentes das novas tecnologias, nas empresas de transporte coletivo, vêm manifestadas nas exigências de novas aprendizagens impostas aos trabalhadores, mesmo que estes não tenham, ainda, acesso direto a elas. Vários depoimentos, como o que segue, vêm confirmar esta constatação:

Os motoristas e cobradores já estão se familiarizando com o uso do computador. Naturalmente para eles é “um bicho de sete cabeças”. Mas porque eles já vão começar digitar eles próprios as atividades que antes tinha uma ficha de catraca que era levada para outras pessoas para digitar. Os próprios fiscais têm que aprender. Isto é um raciocínio, uma habilidade, acho que ainda não sei qual é, mas terá que ser uma habilidade tal que dê a eles as condições que eles consigam entender essas tecnologias, fazer um bom uso delas, para fazer com que os resultados sejam satisfatórios. Eles vão ter que se acostumar com essas mudanças. Eles vão ter que aprender, que se dispor a aprender, pois se não fizerem isso, alguém vai ocupar a vaga deles [...]. Acabou aquilo de dizer que aprendeu uma vez sabe sempre.

As novas tecnologias impõem exigências que passam pela aprendizagem de novas linguagens, exigindo dos trabalhadores novos comportamentos em relação à leitura e à escrita, apontando para uma transformação que está apenas iniciando nas empresas de transporte coletivo. Num curto período de tempo, a tendência é de esses comportamentos tornarem-se obrigatórios, dinâmicos e contínuos, diz uma entrevistada.

As mudanças, segundo os depoentes, impõem desde a transformação dos suportes e instrumentos, formas, fontes e métodos, até a dos padrões de comportamento, tais como: disposição em aprender, em se manter atualizado, mudança de hábitos, de atitudes, conforme podemos ver no depoimento:

Eles têm que aprender a mexer no computador. É uma atualização constante. Só o que ele escreve não basta, ele tem que estar predisposto para estar sempre aprendendo. A escrita em si é a mesma, porque é a mesma língua, os mesmos símbolos, as mesmas letras. A base é a mesma. O que muda são as formas e as fontes. Muda talvez a predisposição em interpretar essa escrita, essa leitura. Mudam os métodos, os instrumentos da escrita. Antes ele usava lápis e papel, agora ele usa o teclado. Isso muda muito. A transformação da idéia em escrita, agora foi facilitada, possibilitando digitar e imprimir os relatórios. Agora ele tem um arcabouço de auxílio para melhorar a escrita. Tem chance de fazer uma coisa mais limpa, mais clara... [...] A tecnologia traz novas alternativas. Muda a redação, porque tem características próprias. As regras de conduta para o tipo de comunicação, entre uma carta ou um e-mail são diferentes. Eu não posso mandar um e-mail de três a quatro páginas, já numa carta isso é comum. Quem usa e-mail tem pouco tempo. Eu vejo o e-mail como um hábito elitizado, pouco usado aqui na empresa. Quem usa e-mail aqui é a diretoria, é o CPD, é a gerência. Ainda não temos uma rede interna de comunicação. Mas é lógico que muda. Existe uma mudança de padrões.

Outro depoimento reafirma as transformações nos modos de escrever impostos pelas novas tecnologias no mundo do trabalho no âmbito dos transportes coletivos, dando indicativos para a necessidade de um tipo de formação que possibilite a correta utilização e a potencialização destes recursos. Um entrevistado assinala para o surgimento de um novo “tipo de escrita”, mais rápida, concisa e objetiva.

A demanda principal para a utilização das novas tecnologias é você aprender um tipo de escrita mais rápida, mais concisa, mais ágil. Existe uma linguagem muito própria da Internet. [...] Você tem que usá-la com objetividade. [...] Imagine uma empresa com 900 funcionários cada um recebendo e respondendo E-mails nos computadores da empresa, isto seria inviável. Existe necessidade de formação para a utilização correta desses recursos.

Além de imporem novas exigências em termos de aprendizagem de novas linguagens, novos modos de perceber o letramento no novo mundo do trabalho, as novas tecnologias estão gerando novos sistemas que, por sua vez, ampliam e criam novos usos para a leitura e para a escrita, conforme afirma outro diretor:

Desenvolvemos através da informática uma melhoria significativa das nossas operações. Para isso tivemos que desenvolver um sistema. Esse sistema é alimentado diariamente, por informações da própria operação. Temos, hoje, uma necessidade diária de leitura e processamento desses dados para dentro do computador para fazer a avaliação de desempenho.[...] Eles têm que ter agilidade na digitação dessas informações. Os motoristas preenchem as guias de tráfego, os cobradores têm mais necessidade de competência para preencher as planilhas. Eles têm duas planilhas para preencher. Uma financeira, outra de dados quantitativos e qualitativos do percurso de cada viagem

No parecer de um dos diretores, as novas tecnologias simplificaram as formas de escrever. Sobre isso ele diz:

Quanto mais simplicidade na escrita melhor é a comunicação. A própria tecnologia tenta simplificar o máximo sua forma de escrita nos manuais de instrução [...] quanto mais simples a forma de registro, de coleta desses dados, melhor. Não sofisticamos nada, procuramos simplificar o máximo. As tecnologias simplificaram a comunicação escrita.

Sobre a questão da simplificação das formas de escrever referidas pelo entrevistado, vale citar o que mencionam Nora & Minc (1978, p. 180):

La difusión cada vez mayor de la informática, cuando el vocabulario de acceso a la máquina se vulgariza, provocará la aparición de efectos sobre el lenguaje y la sintaxis.[...] Como ejemplo a corto plazo, la informática de oficina trata de reproducir los diálogos de una manera estrictamente limitada a sus necesidades, e inventa un lenguaje depurado para poder comunicar con el mínimo esfuerzo. Esta evolución se afirmará a lo largo de los años, pues combina facilidad y eficacia, a expensas de una pérdida de contenido, más sensible para los intelectuales que para los gerentes. En una primera etapa esta informatización de lo escrito hará unos textos sumamente pobres en “significantes” No será un cambio importante com relación a un modo de escribir ya repetitivo y mecánico. Pero, ¿y de ahí en adelante? ¿Dónde se detendrá la informatización cuando los hogares empiecen a equiparse con ordenadores? La pregunta podría parecer gratuita si no existiese el precedente de las calculadoras electrónicas (p. 180).

Por outro lado, as manifestações dos entrevistados no âmbito do transporte coletivo confirmam a tese de que as novas tecnologias não romperam com os antigos avanços tecnológicos, pelo contrário, ampliaram em muito as suas potencialidades, fornecendo um arcabouço fantástico para o aperfeiçoamento da escrita e a inserção do sujeito na escritura, possibilitando-o interagir, transformar, traduzir, imprimir, criar textos em grupo, resumir, controlar sua produção textual com precisão e velocidade jamais imaginadas. Cabe, aqui, uma outra manifestação da diretora de recursos humanos:

A escrita em si é a mesma, porque é a mesma língua, são os mesmos símbolos, as mesmas letras, a base é a mesma. O que muda são as formas e as fontes. [...] Mudam os métodos, os instrumentos da escrita, antes usava-se o lápis e o papel, agora, usa-se o teclado e as telas.

Os depoimentos levam a concluir que nessas empresas de transporte coletivo as novas tecnologias acarretaram grandes transformações, tanto nos usos, quanto nas formas, fontes e suportes da escrita e da leitura no mundo do trabalho.

Em relação à influência específica das mídias, de forma especial, a televisão e o jornal, no desenvolvimento de habilidades de letramento necessárias ao mundo do trabalho, encontramos grande divergência de opiniões entre os entrevistados. Uns afirmam que estas contribuem pelo fato de possibilitarem o contato com o mundo externo à empresa, outros dizem que a TV só serve para distrair e “fazer a cabeça” e que o jornal é dirigido para um público mais culto. Para outros, as habilidades de leitura e escrita são pré-requisitos para compreender as mensagens veiculadas pelas mídias e principalmente para acessar a Internet. E, ainda, para outros, uma mídia como a TV gera comodismo pelo fato de trazer as informações prontas.

Um diretor manifesta sua opinião a respeito de programas educacionais veiculados pelas mídias, nos seguintes termos:

Se eu analisar o jornal, aliás o (nome do jornal) publicou cursos de ensino a distância, nunca vi ninguém aqui na empresa se interessar por isso, durante quatro anos que estou aqui. A educação a distância via Internet, nunca vi ninguém aqui interessar-se por isso. Talvez para alguns assuntos técnicos alguém possa ter buscado alguma informação. Temos na empresa um canal exclusivo do SEST/SENAT que trata do ensino nas empresas de transportes. Tem aula das seis da manhã às oito da noite sobre vários assuntos. Temos um acervo com mais de oitenta fitas colocadas dentro de um armário para que se aparecer um eventual interessado coloque-se a fita no vídeo, nunca ninguém se interessou. As pessoas sentem a necessidade do contato uns com os outros. A relação tecnológica com o ensino, eu vejo as tecnologias como recursos a serem utilizados pelo professor.

A divergência de opiniões no que diz respeito à influência das mídias (Jornal, TV, Internet) no desenvolvimento das habilidades de letramento, não é por acaso. Segundo Ferrés (1999), no século III a. C., os cidadãos das cidades-estado gregas recebiam, na sua formação, quatro anos de retórica, a fim de que, nas comunicações persuasivas, pudessem

compreender os argumentos dos demais e elaborar os seus próprios. No século XIX, os estudantes da Universidade de Harvard estudavam argumentação durante quatro anos. Hoje, no mundo ocidental, praticamente desde que se nasce se é exposto à uma cultura de persuasão e da sedução exercida pelas mídias, sem receber, no entanto, um mínimo de formação no âmbito da sua influência sobre a vida das pessoas. Para esse autor, existe uma notória contradição entre os parâmetros a partir dos quais se educam nas escolas e universidades e o contexto no qual vivem os cidadãos. Educa-se na racionalidade, mas vive-se num meio social no qual prevalece a emotividade. Vive-se num ambiente comunicativo, no qual são privilegiadas as imagens e a exploração irracional das tendências e dos impulsos emocionais e inconscientes. É, ainda, Ferrés (1999) que dá indicativos da utilização desses meios que tanto fascinam e seduzem, como instrumentos numa perspectiva libertadora de educação. Ele afirma, no entanto, que isso só seria possível através de uma experiência integradora, construída através de uma discussão multidisciplinar entre a educação e os meios de comunicação.

Há que se desenvolver um novo modo de letramento, incluindo a consciência do papel da mídia. E esse letramento inclui muito mais do que saber ler e escrever de forma técnica, autônoma, mas uma leitura e uma escrita, como previu Paulo Freire, de um mundo que precede a leitura e a escrita da palavra. De acordo com os depoimentos dos empresários, hoje a ênfase dada às necessidades de desenvolver habilidades de leitura e escrita é infinitamente maior do que antes da implantação das novas tecnologias. Entretanto, apesar dos discursos, percebe-se que estas transformações não mudaram em muito a situação dos trabalhadores do transporte coletivo. Ao contrário, acrescentaram-lhes mais obrigações e preocupações. Pois mesmo que a grande maioria dos trabalhadores ainda não tenha acesso às novas tecnologias, conforme afirma um dos diretores “dos 450 funcionários, apenas 30 têm acesso fluente a estas tecnologias”, todos sentem-se ameaçados e, mesmo que imaginariamente, são forçados a aprender a lidar com os computadores, pois, ao contrário, estarão fadados ao fracasso, podendo ser dispensados ou substituídos a qualquer momento. Contudo, os motoristas continuam sendo motoristas, os cobradores continuam na mesma função, os serviços gerais continuam varrendo os ônibus ou realizando outras atividades afins. A interferência direta das novas tecnologias deu-se

principalmente sobre os trabalhadores do setor administrativo e financeiro, repercutindo de forma indireta e não menos importante nos demais setores.

3.4.2 Produção de tecnologia de ponta

O saudosismo revelado pelo depoente das empresas de transportes coletivos, em relação à escrita “antes e depois do computador”, encontra-se, também, presente na manifestação de uma entrevistada deste ramo de atividades. Vejamos o que ela diz:

O que percebo é que a leitura e a escrita antes eram mais bem trabalhadas. Hoje precisamos dar uma informação clara e precisa em duas linhas e antes não, antes se fazia todo um trabalho pessoal de justificativa e construção da escrita. [...] O excesso de estímulos leva ao prejuízo na qualidade da escrita e da leitura, pois limita o tempo para a construção de uma escrita de qualidade, detalhada, aprimorada. Estamos perdendo isto.

No entanto, ao contrário do que faz parecer o depoimento acima, percebe-se, nas manifestações dos empresários deste ramo de atividades, a existência de um imbricamento entre leitura, escrita e novas tecnologias, sendo que, em determinados momentos, estas parecem fundir-se, revelando-se difícil a sua separação didática para fins de estudo. Em relação às funções da leitura e da escrita, neste contexto de transformações tecnológicas, manifesta-se uma entrevistada:

A leitura e a escrita, elas servem para filtrar as informações. [...]Hoje precisamos dar informações claras e precisas em duas linhas [...].Hoje, recebemos setenta e-mails por dia e cinquenta têm que ser respondidos imediatamente. [...]Acredito que pelo excesso de estímulos a que somos submetidos, a capacidade de concentração fica reduzida[...] Isto é uma consequência natural da multiplicidade de estímulos que recebemos ao mesmo tempo e que muitas vezes exigem resposta imediata [...]. Estou aqui conversando contigo e vi que na minha caixa de entrada tem um e-mail importante que sou obrigado a responder imediatamente.

No seu guia para o *Observador de Tendências das Novas Comunicações*, Cairncross (2000) faz previsões sobre como a revolução nas comunicações transformará a vida das pessoas em todo o planeta. Ela afirma que haverá um grande acúmulo de informações, vindas de todas as partes do mundo e, em contrapartida, haverá um descompasso entre a quantidade de informações e a capacidade das pessoas em absorvê-las. Portanto, serão necessários filtros para peneirá-las, processá-las e selecioná-las. As empresas terão maior

necessidade de novas técnicas para promover uma marca e divulgar suas informações à frente da concorrência. Neste sentido, o depoimento da entrevistada, acima, dá indicativos de que a leitura e a escrita serão os instrumentos para se proceder essa filtragem, esse processamento e essa seleção das informações no contexto dessa revolução tecnológica.

Por outro lado, as características da escrita em meios eletrônicos, presentes na fala desta entrevistada, estariam contempladas nas propostas para o Terceiro Milênio, de Calvino (2000), nas quais o autor argumenta que a escrita do século XXI deveria assumir novas formas. Para ele, a primeira coisa de que a escrita deveria livrar-se era do pesadume, da inércia, da opacidade do mundo, tornar-se, portanto, mais leve. “As máquinas de metal rendem-se à leveza dos *bits*, possibilitando-nos voar para outro espaço. Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, [...] eu deveria voar para outro espaço”. (p. 17). Este autor diz, ainda, que os segredos da “escrita breve” dos contos populares, por desprezarem detalhes inúteis, possuem estilo, estrutura, economia, ritmo e lógica essencial, poderiam fornecer os critérios de funcionalidade, servindo de referência em termos de **leveza e rapidez**, qualidades desejáveis na escrita do novo século. “O segredo está na economia da narrativa”. Entretanto, parecendo se preocupar em ser mal compreendido, se justifica: “não quero de forma alguma dizer com isto que a rapidez seja um valor em si” (p. 48). A visibilidade, traduzida na capacidade de exprimir, claramente, através da escrita onde se encontra aquilo que se deseja contemplar, é a mensagem clara e límpida que não deixa dúvidas, seria a qualidade de uma escrita que possibilitasse “ver com os olhos da imaginação o lugar físico onde se encontra aquilo que desejo contemplar” (p.100). Para Calvino, a pior praga da escrita é a generalidade. A regra e a qualidade da ‘escrita breve’ são confirmadas até pela narrativa dos clássicos romances longos.

Tratando das atuais transformações da leitura e da escrita, os empresários afirmam que elas se concentram nas formas, nos meios e nos suportes e prevêem ações no sentido da evolução do processo de substituição dos suportes impressos pelos eletrônicos. A este respeito dizem:

Esta é a revolução das formas. As formas de escrita, os meios mudaram, embora a escrita tenha se conservado. É fundamental que a pessoa tenha conhecimento dessas novas formas. As pessoas têm que saber que em breve sua certidão de nascimento

vai estar na rede, o dinheiro vai acabar na forma de papel [...]. O grande desafio é a adaptação à nova forma.

Assim, afirmam que a tendência dos registros e do armazenamento em mídia eletrônica é irem, paulatinamente, tomando o espaço do material impresso. Um empresário, referindo-se às mudanças nas formas de armazenamento da escrita, diz: “Até há pouco, tinha quarenta pastas no meu arquivo, hoje tenho duas pastas suspensas com minha secretária”. Neste sentido, algumas alterações básicas vêm acontecendo, confirmando a idéia de que a leitura e a escrita, bem como o armazenamento das mesmas, passarão a se dar cada vez mais em sistemas computacionais. Entre estas evidências está a criação de um sistema revolucionário, o sistema **voz/texto**, que consiste num *software*, no qual a pessoa fala num microfone e o computador, através de alguns comandos, reconhece-lhe a voz, reproduzindo a fala graficamente. Isto talvez possa caracterizar o início de uma ‘nova escrita’ (?). Contudo esse potencial das novas tecnologias tem um preço para o pouco que ainda resta da ‘privacidade dos trabalhadores’. Cairncross (2000), embora defenda a Era da Informação como promotora de muitos e grandes benefícios para a humanidade, especialmente, para os países subdesenvolvidos, reconhece que as novas tecnologias de informação trarão, em alguns aspectos, sérios prejuízos, principalmente no que diz respeito à perda da privacidade. A este respeito, assim se manifesta:

Como nos vilarejos nos séculos passados, será difícil proteger a privacidade. Governos e empresas irão monitorar facilmente o movimento das pessoas. As máquinas reconhecerão atributos físicos, como a voz ou a impressão digital. As pessoas terão, assim, sua identificação no seu próprio corpo [...]. Haverá pouca privacidade verdadeira na vila eletrônica (p.15).

Uma entrevistada refere-se ao potencial que as novas tecnologias têm de forçar as pessoas a avançarem em conhecimentos. Ela conta que o setor de produção de sua empresa trabalha com *softwares* e que, muitas vezes, os trabalhadores se deparam com dificuldades e nem sempre percebem que essas deficiências poderão estar em outros fatores e não necessariamente no *software*. Desta forma, a sensibilidade de um instrutor fez ver que só treinar para os usos do *software* não geraria resultados, elaborando um plano de revisão pessoal para os participantes, no qual estariam previstas atividades ligadas à leitura.

Segundo a depoente, as novas tecnologias forçam as pessoas a se aperfeiçoarem, a se atualizarem e a desenvolverem conhecimentos.

Outro diretor refere-se à importância da leitura e da escrita e às deficiências constatadas no desenvolvimento destas competências básicas, no contexto da revolução tecnológica. Ele atribui a culpa destas deficiências ao sistema educacional, posicionando-se da seguinte forma:

Por mais que a tecnologia avance, continua sendo muito importante a expressão do pensamento através da escrita. O raciocínio pode ser muito bom, mas esses conteúdos expressos oral ou por escrito é aí que a educação tem falhado cada vez mais.[...] Quando começamos a usar o serviço de e-mail na empresa, as pessoas ficavam apavoradas, pois não sabiam se expressar através da escrita.

Estes empresários manifestam seu descontentamento com as instituições educacionais, taxando-as de tecnicistas e incompetentes nas suas atribuições de ensinar. Quando criticam o tecnicismo, referem-se à necessidade de maior investimento em educação geral, para depois partir para a formação profissionalizante. Nesta segunda fase, segundo eles, a escola também vem falhando, pois, além de não dar uma formação geral adequada, não prepara para o mercado de trabalho. Sugerem mudanças nas metodologias e atualização das escolas, a fim de darem conta do preparo das pessoas para as funções a serem desempenhadas no mundo do trabalho e, ainda, a tomada de providências no sentido de possibilitar amplo acesso da população à leitura e à escrita em meios eletrônicos.

Esta visão fica clara nos depoimentos que seguirão:

A escola tem que ter uma preocupação maior com o desenvolvimento profissional das pessoas.[...] Deve estar voltada para as necessidades do mundo do trabalho, rever suas metodologias em relação à leitura e a escrita para ampliar o canal de comunicação das pessoas e prepará-las melhor para o trabalho, para a vida. A educação a distância pode ser uma alternativa mais barata [...] é uma consequência lógica da trajetória que a empresa está seguindo.

As escolas devem possibilitar acesso à Internet. É fundamental, principalmente no segundo e terceiro graus. Temos que nos preocupar com o conteúdo, mas não com a letra feia. A preocupação deve ser com o aluno que não consegue expressar através da escrita os seus conhecimentos. A abundância de conhecimentos de nada serve se o aluno não souber expressá-los. As escolas deveriam se preocupar com o conteúdo, incentivando a leitura. Entendemos que só tem conteúdo na escrita o aluno que lê. A escola tem descuidado da escrita. [...] Para se expressar bem precisamos

conteúdo. A forma e o meio da escrita mudou. Deveria ter um investimento maciço principalmente em Internet na escola. No mercado de trabalho isso é muito importante. Raciocínios avançados de matemática estão supérfluos, mas a capacidade de expressão é fundamental.

A crítica à escola, produzida pelos empresários, pode ser também entendida pelo discurso reinante no interior do terreno político ideológico, nas teses neoliberais que tendem a consolidar uma ordem social regulada pelos princípios do livre mercado e pelo desmantelamento do setor público. O questionamento da qualidade da escola e da educação pública é objetivo prioritário da ideologia neoliberal na estratégia de desarticulação das instituições públicas. A este respeito, Gentili (apud Taddei 1999) assim se manifesta:

Na perspectiva neoliberal, os sistemas educacionais enfrentam hoje uma profunda crise de eficiência, eficácia e produtividade, antes que uma crise de quantidade, universalização e extensão. [...] Trata-se, fundamentalmente, de uma crise de qualidade que provém da improdutividade que caracteriza as práticas pedagógicas e a gestão administrativa da grande maioria dos estabelecimentos escolares. [...] Os sistemas educacionais contemporâneos não enfrentam, na perspectiva neoliberal, uma crise de democratização, mas uma crise gerencial. [...] Esta crise se explica, segundo os neoliberais, pelo caráter estruturalmente ineficiente do Estado para gerenciar as políticas públicas. [...] A ausência de um *mercado educacional* permite compreender a crise de qualidade que invade as instituições escolares. Construir tal mercado constitui um dos grandes desafios que as políticas neoliberais assumiram no campo da educação (p. 353).

O conceito de qualidade, proveniente do discurso empresarial e gerencial, é um conceito-chave na lógica do neoliberalismo. Através deste conceito, trata-se de impor uma nova visão à escola como se esta fosse uma empresa produtiva que deve corresponder às cambiantes demandas do mercado. Portanto, suas práticas devem submeter-se aos critérios de avaliação que se aplicam em toda empresa dinâmica, eficiente e flexível. Quando os empresários enfatizam que a educação deve estar subordinada ao mercado de trabalho, estão se referindo a uma questão muito específica: a urgência de o sistema educacional ajustar-se às demandas do mundo dos empregos. Isto não significa que a função social da educação seja a de garantir esses empregos, menos ainda de criar fontes de trabalho. Pelo contrário, o sistema educacional deve produzir o que se chama de *empregabilidade*. O discurso da educação permanente apresentada como uma solução capaz de reverter a crise do emprego, neste contexto, diz respeito apenas à adaptabilidade flexível dos trabalhadores

aos novos requisitos produtivos, subordinando portanto a educação dos indivíduos às exigências da produtividade econômica.

Estas empresas utilizam-se das novas tecnologias para os treinamentos internos, entre setores, e entre filiais.

O que utilizamos, hoje, de tecnologia mais moderna na empresa é a Intranet para facilitar a comunicação entre os setores, fazer fluir com mais rapidez estas informações, por exemplo: manual dos funcionários e mais afinidades entre informações internas e entre filiais.

Os dirigentes destas empresas defendem a educação a distância atribuindo-lhe, entre outras vantagens, a de ser uma tendência atual, moderna, viável e, principalmente, econômica:

É um sistema extremamente moderno e viável que gera, inclusive economia. Através da Educação a Distância, pode-se economizar combustível, [...], passagens aéreas, trânsito menos congestionado, distribuição melhor do conhecimento...

Desta forma, poderíamos dizer que as transformações da leitura e da escrita no mundo do trabalho, no contexto das empresas de produção de tecnologia de ponta, concentram-se nas novas formas, nos novos suportes e em novas modalidades de educação. Estas mudanças atingem tanto os modos de escrever e ler, quanto o armazenamento dessas informações.

Uma entrevistada afirma que a principal influência das novas tecnologias sobre a escrita está na agilidade. A escrita eletrônica, portanto, se caracteriza por parágrafos muito mais curtos, revelando mais precisão, objetividade e clareza.

Em relação à opinião destes empresários sobre a influência ou não das mídias no desenvolvimento de habilidades de letramento, tivemos os seguintes depoimentos:

a) Mídias como incentivadoras da leitura.

As mídias modernas, no caso, a televisão é a que mais influencia na vida das pessoas. Ela não se compara com nada. Ela leva a realidade às pessoas. É o grande estímulo à curiosidade. Faz com que as pessoas fiquem mais ávidas a procurar novos conhecimentos. Às vezes é o único estímulo que as pessoas têm. É um grande incentivo à leitura.

b) As mídias como ampliadoras das possibilidades de busca, mas não como influência no desenvolvimento das habilidades de letramento.

As mídias ampliam o leque de informações, mas não desenvolvem habilidades de leitura e escrita. Ampliam as possibilidades de busca.

c) As mídias, dependendo do tipo (TV, Jornal ou Internet) e do conteúdo que veiculam, podem ajudar ou prejudicar no desenvolvimento das habilidades de letramento.

A televisão prejudica fantasticamente. Os comerciais têm práticas terríveis. O jornal é diferente, [...] eles influenciam na escrita pela dinâmica de informação [...] pelos recursos de linguagem não habituais. Estou muito decepcionado com a Internet.

Para McLuhan (1969), os efeitos da tecnologia não ocorrem no nível de opiniões ou conceitos, mas na alteração dos índices de sensibilidade ou modos de percepção, e isso ocorre rapidamente e sem tempo para resistência.

É difícil imaginar os efeitos do impacto causado pelas novas tecnologias de informação e comunicação sobre a percepção, o comportamento e os modos de vida das pessoas nas sociedades contemporâneas. Segundo Belloni (2001), essa dificuldade se dá pelo desenvolvimento acelerado dessas novas tecnologias, que tende a modificar o próprio estatuto social da informação, suas funções nas sociedades e as condições do seu impacto nos modos de vida.

Para esta autora, são três fenômenos de ordem técnica que determinam esse impacto: a miniaturização, a digitalização e o surgimento das redes telemáticas e sua fantástica difusão.

As facilidades trazidas por essa “tríade” possibilitaram a difusão em massa das tecnologias de informação, transformando-as em ‘moedas de troca’, constituindo-se uma nova “ficha simbólica” ou uma nova medida de valor, tão importante quanto o dinheiro.

No entanto, na chamada revolução tecnológica, a grande ausente é justamente a informação nova e relevante. As novas tecnologias avançaram mais rapidamente do que a

própria informação, trazendo problemas que transcendem o nível meramente técnico para se situar na esfera social e cultural: são os problemas das necessidades novas, dos conteúdos a serem criados e dos novos usos que estão sendo inventados e tendem a se desenvolver progressivamente, segundo uma dinâmica própria, bem diferente da lógica da oferta técnica (Mercier, apud Belloni, 2001 p.21).

A citação acima vem ao encontro de manifestações dos entrevistados, tais como: “estou decepcionado com a Internet”. Quando faz esta afirmação, refere-se ao conteúdo “apelo ao consumismo fantástico” veiculado pela Internet neste momento, no entanto, reconhece-a como “uma grande e fantástica ferramenta” e que sua utilização, para o “bem” ou para o “mal”, vai depender de muitos fatores, entre eles: os políticos e os ideológicos.

Em países onde a maioria da população passou diretamente da transmissão oral para o rádio e a televisão sem ter passado pela palavra escrita, certamente cresce a influência dos meios de comunicação de massa (Belloni, 2001). O discurso oral e a imagem formam o substrato da difusão de imagens pela mídia. A imagem, sendo analógica ao real e diretamente decodificada, independentemente da linguagem, tem um extraordinário poder de comunicação. Obviamente para a população com baixo grau de letramento, torna-se muito mais fácil compreender a mensagem da novela de televisão do que de um discurso tecnocrático sobre economia, política ou outro tema expresso numa linguagem que lhe é desconhecida.

Por outro lado, na opinião de um entrevistado, o jornal impresso serve a um público mais culto, elitizado, que teve acesso a condições de desenvolvimento de graus mais altos de letramento, portanto, capaz de fazer leituras mais profundas, como se expressa no depoimento a seguir:

O jornal é diferente. [...] Eles influenciam na escrita pela dinâmica da informação de alguns jornalistas que conseguem se diferenciar. Joelmir Betting, por exemplo, é um neologista, tenta ser o máximo didático possível. Ele consegue escrever recursos de linguagens não habituais, buscando recursos diferentes com pessoas que estudaram, que têm uma formação, você lê aquilo e acaba apreciando, dando valor.

Para McLuhan (1969), as mídias são agentes que criam acontecimentos, mas não criam consciência. Como meios, condicionam o resultado e os próprios homens que a usam. A partir do momento que o avanço tecnológico não causar mais perplexidade, é sinal de que já se naturalizou. As pessoas foram moldadas sem tomarem consciência do fenômeno. “Pois a TV forneceu um novo ambiente de baixo grau de orientação visual e alto grau de participação que torna a adaptação a nossos velhos métodos de educação muito difícil”. McLuhan (1969, p. 25) diz ainda que “ a tecnologia eletromagnética requer total docilidade humana e quietude de meditação, como corresponde a um organismo que hoje usa seu cérebro fora da cabeça e seus nervos fora da pele”.

3.4.3 – Informação escrita - Jornalismo

Para os depoentes da empresa de comunicação escrita – jornalismo – as novas tecnologias exercem grande influência sobre as práticas de letramento. Entretanto, ao mesmo tempo que tratam sobre a tendência de substituição dos meios impressos pelos eletrônicos, apontam para o desenvolvimento de novos hábitos de leitura que estariam conduzindo para uma simultaneidade nos usos de ambos os meios. Neste sentido, os impressos não correm o risco de serem substituídos pelos eletrônicos, pois existe uma tendência de sua perpetuação, como uma forma alternativa de leitura, conforme a afirmação de um entrevistado:

Fala-se numa nova modalidade de leitura, mas sem descaracterizar a outra. [...] Nós temos um caminho muito longo a percorrer, primeiro fazendo com que camadas da população tenham acesso à informação pelo meio convencional que ainda não tinham. O acesso por meio eletrônico, de computador ainda é muito elitizado. Os meios de comunicação tradicionais impressos, os livros, os jornais ainda tem um caminho muito grande. Precisa-se fazer um trabalho muito forte de aproximação com as bases, as camadas de população mais carente, que ainda não têm acesso nem ao impresso, pois muitos ainda são analfabetos.

O depoimento, a seguir, aponta para o desenvolvimento de novos hábitos de leitura e da convivência dos dois meios – impresso e eletrônico.

O maior índice de utilização do jornal eletrônico é de pessoas que estão distantes de sua base, em viagem. São os que mais acessam o jornal via Internet. Está se criando uma relação de utilização muito forte e freqüente do jornal eletrônico por pessoas que estão viajando. É muito relativo se dizer que a tendência é o jornal passar a ser exclusivamente eletrônico. [...] Nós temos um caminho muito longo a percorrer. Aquilo que a gente fazia exclusivamente através de livros e revistas, hoje fazemos também via computador. [...] Então, isto está efetivamente mudando o hábito de leitura. Estamos, em **alguns momentos**, deixando de utilizar o instrumento impresso e utilizando o digital.

Para este depoente, o acesso aos meios eletrônicos ainda é muito elitizado e precisa-se fazer um trabalho muito forte de aproximação com as bases, com as camadas da população mais carente, que muitas vezes, pela sua condição de analfabetos, ainda não têm acesso nem ao meio impresso. Para tanto, os jornais, principalmente, os locais e os de bairro, poderiam ser grandes aliados das instituições educacionais ou de órgãos públicos, como as Secretarias de Educação e o MEC, na promoção de projetos de desenvolvimento de práticas de letramento da população.

Outra característica da fase atual, segundo este entrevistado, é que as informações mais urgentes, que exigem maior instantaneidade, estão sendo passadas eletronicamente e aquelas que não têm tanta urgência continuam sendo processadas pela via impressa. Este diretor diz, ainda, que o computador até o momento não vem sendo utilizado efetivamente como um meio, mas, sim, como um recurso. E que embora o computador tenha estado cada vez mais presente, sendo cada vez mais utilizado em todas as instituições sociais, o seu uso como um meio ainda não se constitui uma regra.

Sobre as habilidades de letramento específicas do mundo do trabalho, no que se refere aos entrevistados da empresa de informação escrita, dependem muito da forma e da intencionalidade na utilização da escrita. E que, às vezes, como dirigentes, eles têm surpresas desagradáveis ao perceberem que pessoas com alto nível de escolaridade, que pela lógica deveriam escrever muito bem, escrevem muito mal. Dizem que as dificuldades são decorrentes da falta do hábito de escrever. No parecer destes entrevistados, o crescimento do volume de informações possibilitadas pelas novas tecnologias vem gerando a necessidade de uma escrita cada vez mais sintética, com características de agilidade e

objetividade. Isto vem provocando mudanças e necessidades de adequação de todos a esta nova realidade, conforme afirma um diretor:

Seguramente a forma de escrever vem sofrendo mudanças, adequações à nova realidade.

Estes empresários reconhecem que as novas tecnologias trouxeram incalculáveis benefícios para a humanidade. Contudo, para usufruir plenamente desses benefícios, tanto no âmbito do trabalho quanto das outras instâncias da sociedade, novas aprendizagens são requeridas de toda a população. Entre essas aprendizagens se encontra a necessidade de desenvolver novos hábitos e atitudes, bem como novas competências para se adequar às mudanças que vão desde a transformação dos suportes e das formas da escrita até a disposição de aprender e se atualizar constantemente.

Percebe-se que em decorrência das mudanças no mundo do trabalho, os empresários passam a valorizar outras qualidades como flexibilidade, disciplina e autonomia em detrimento da formação eminentemente específica decorrente dos modelos anteriores de organização do processo produtivo. Entretanto, apesar do fordismo e do taylorismo terem deixado de ser modelos adequados ao novo paradigma da racionalização, observa-se, mesclando-se à nova tendência de flexibilização da qualificação, a manutenção de muitos resquícios desses dois modelos. O letramento, como parte integrante da velha e da nova tendência, deverá vir embutido no que os empresários denominam de habilidades básicas, servindo como cimento social, acrescido das características técnicas e sócio-comunicativas requeridas pela nova realidade. No discurso da maioria dos empresários, entretanto, ainda prevalecem muitas das interpretações progressistas predominantes na era da revolução industrial, quando o letramento era relacionado ao sucesso econômico, social e individual e como indicador do progresso, da modernização e da mobilidade econômica.

Os dados obtidos nas entrevistas com os dirigentes das empresas de informação escrita – jornalismo – bem como das outras empresas pesquisadas, demonstram que no mundo do trabalho predomina uma visão utilitarista de um letramento apenas funcional. A preocupação com a leitura e a escrita está ligada unicamente à produção. Essa valorização do caráter unicamente funcional da leitura e da escrita confirma-se pelo fato de os

empresários ligarem os níveis de letramento às funções exercidas pelos sujeitos na empresa, e em nenhum momento esta preocupação aparece vinculada aos valores para a formação de cidadãos e, muito menos, ainda, de cidadãos críticos e criativos.

Os materiais de leitura, teoricamente disponibilizados a todos os trabalhadores, nestas empresas, permanecem, na maioria das vezes, em locais estratégicos, não acessíveis, especialmente aos que operam funções mais simples, sendo, quase sempre, os que não dominam as habilidades de leitura e de escrita. Estes, por sua vez, pela sensação de “não pertencimento” a esses locais, sentem-se inibidos e esta inibição os impede de acessar esses materiais que, na maioria das vezes, são informativos internos, manuais operacionais e de instruções, revistas e jornais com conteúdos técnicos ou, ainda, livros doados pelos empregados que atuam nos setores, cujas funções são desempenhadas pelos mais “letrados”.

As atividades de escrita, nestas empresas, variam em quantidade e exigência de qualidade, de acordo com as funções desempenhadas pelas diversas categorias de trabalhadores e, excetuando-se às funções específicas, como as de jornalista, por exemplo, resumem-se, de um modo geral, a preenchimento de planilhas, elaboração de relatórios e comunicações internas em suporte impresso ou eletrônico.

A análise dos dados permitiu a identificação das concepções de letramento e de novas tecnologias que norteiam as práticas de leitura e escrita nas empresas pesquisadas, bem como a interferência das novas tecnologias nas habilidades e competências de letramento dos trabalhadores na visão dos empresários, nas empresas pesquisadas.

Aspectos gerais observados:

A análise dos dados demonstra que a visão dos empresários sobre o letramento e as novas tecnologias é ideológica e reflete mitos do senso comum. De forma geral, valorizam a educação e o domínio de habilidades de leitura e escrita, criticando a escola e valorizando a educação continuada nas empresas. Reconhecem que o letramento não é a única qualificação necessária para o trabalho e têm consciência de que as demandas de letramento, para cada função desenvolvida na empresa, são diferenciadas e, apesar da forte

presença das novas tecnologias, para as funções mais simples as demandas ainda são muito pequenas. Os empresários expressam um certo formalismo com relação à correção ortográfica da escrita, mas quanto à leitura, têm uma visão funcional.

No capítulo a seguir, serão apresentadas as considerações finais, entendendo que esta discussão não deve cessar aqui, mas prosseguir e se ampliar, de modo a contemplar as demandas de letramento do mundo do trabalho, considerando que os sujeitos, que nele estão, são aqueles que passaram e passam pelas escolas e que estas são as principais agências de letramento, cuja função primeira é a de formar cidadãos críticos e criativos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem estes objetivos para o ensino fundamental e que se forem proporcionadas as condições necessárias para que sejam alcançados, quando isto ocorrer, o mundo do trabalho com todo seu aparato tecnológico também será diferente, pois nele, além de pessoas que hoje atuam na condição de instrumentos para a produção de mercadorias, não importando que estas sejam apresentadas à sociedade como produtos ou como serviços, estarão atuando cidadãos críticos, criativos, reflexivos e autônomos. O mundo do trabalho, então, além de ser transformado pelas novas tecnologias e pela flexibilização das formas de acumulação do sistema capitalista, será, também, transformado num espaço no qual as pessoas, além da subserviência para produzirem minimamente suas condições de existência, poderão exercitar a sua criatividade e a sua cidadania de forma mais plena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e a escrita como atividades humanas sobre si e sobre o mundo como um produto cultural por excelência têm de ser aprendidas. A escola, principal agência de letramento da sociedade, no decorrer de sua história, vem trabalhando a escrita numa perspectiva autônoma, cuja característica de “autonomia” refere-se à escrita, neste modelo de letramento, como um produto técnico, funcional, neutro e completo em si mesmo, sendo, portanto, ideologicamente determinado. Esta concepção desvincula a escrita do contexto social mais amplo, desconectando-a das situações de produção, em contradição com os modelos propostos pelas teorias críticas que vêem a escrita como uma prática discursiva, considerando-a como importante instrumento de resgate da cidadania, reforçando o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social (Freire, 1980).

Vítimas da visão redutora das funções da escrita, desenvolvida pelo modelo autônomo, os alunos dos diferentes níveis de ensino têm sido impedidos de se apropriarem de forma plena do conhecimento de um letramento que os possibilite fazer uso da linguagem escrita para além do registro de palavras graficamente corretas e do usufruir a leitura para finalidades que não sejam unicamente aquelas prescritas pelo ensino escolarizado. O efeito desta concepção de escrita tem sido uma espécie de engessamento, que impede os alunos de perceberem as possibilidades que se abrem a partir do momento que passam a ter o domínio desses conhecimentos. Apesar de a escrita ensinada na escola estar fundamentada na mesma concepção de letramento que revelaram os empresários, esse modelo autônomo de letramento vem gerando dificuldades na transposição desses conhecimentos e habilidades em contextos externos de escolarização, especialmente no que concerne às funções requeridas pelo mundo do trabalho, em decorrência da introdução de inovações tecnológicas, organizacionais e gerenciais.

A pesquisa nas empresas possibilitou verificar que, na visão dos empresários pesquisados, subjaz, às concepções de letramento e de novas tecnologias, o mesmo modelo de escrita que vem sendo desenvolvido e praticado pelas instituições educacionais ao longo

de sua história. Esse modelo, no qual a leitura e a escrita são entendidas como instrumentos para os indivíduos atuarem no processo produtivo do mundo do trabalho, é expresso por meio de uma “abordagem puramente formalista da escrita, caracterizada por uma ênfase em regras, exortações sobre o que fazer e o que não fazer quando se escreve. Ao invés de tratar a escrita como um processo que é tanto um meio como um produto da experiência de cada indivíduo no mundo, esta posição despreza a escrita de suas dimensões críticas e normativas e a reduz à aprendizagem de habilidades que, em nível mais estreito, enfatiza o domínio de regras gramaticais. Em nível mais ‘sofisticado’ – mas não menos positivista – a ênfase é posta no domínio formalista de estruturas sintáticas complexas, frequentemente sem considerar o seu conteúdo” (Giroux, apud Tfouni, 1988 p. 15). Assim sendo, a escrita desvincula-se da realidade, fundamentando-se no mundo de aparências que, em nome de uma pretensa perfeição, faz com que as pessoas se vejam incapazes de se enxergar como sujeitos desse processo. “Até agora, escrevemos sobre fragmentos de histórias alheias, disfarçadas, numa linguagem rebuscada, sinônimo de escrever bem, que separa as pessoas de si mesmas, subtraindo o campo do que pode ser dito” (Larrosa, 2001 p.30,31).

Ao contrário, o letramento considerado numa perspectiva progressista traz consigo uma outra compreensão da escrita, ampliando o campo do que pode ser dito. Escrever “como vem”, ao natural, sem rebuscamentos, eliminando o véu ilusório que se interpõe entre a pessoa e ela mesma. Este conceito leva a produzir o que para Calvino (2000) seria uma escrita leve (porém, sem se perder em generalidades) e livre do pesadume, da inércia e da opacidade do mundo, que teimam em aderir a ela e encontram guarida na ideologia instrumental e formalista de escrita. Considerando que, numa sociedade grafocêntrica, os comportamentos dos indivíduos são predominantemente moldados pela escrita, o conceito de letramento engloba valores, conhecimentos, conteúdos e vivências que estão no interior das pessoas e que são formados a partir da leitura e da escrita. Neste conceito, os aspectos formais são secundários. O mais importante é a produção escrita e o conseqüente desenvolvimento de capacidades cognitivas e metacognitivas. E, com relação ao texto escrito, o equilíbrio entre o que pode e o que não pode em termos de sua qualidade deve centrar-se na garantia da sua inteligibilidade, haja vista os conhecimentos demandados

pelas inovações tecnológicas, organizacionais e gerenciais no mundo do trabalho. A adoção de um modelo progressista de letramento parece-nos mais compatível com as necessidades que ora se apresentam, em virtude de o modelo até então adotado não dar conta da demanda requerida de conhecimentos de leitura e de escrita.

Atualmente, com a intensificação dos usos das novas tecnologias e, por conseguinte, das formas de organizar e gerenciar o trabalho, os conhecimentos de leitura e de escrita adquirem uma nova dimensão; não basta ter o domínio dos processos de codificar e decodificar a língua escrita, é preciso desenvolver competências cognitivas e metacognitivas, sociais e comportamentais que se fazem necessárias para atender as demandas de letramento quer do mundo do trabalho ou do contexto social mais amplo em que se inserem os indivíduos.

A presente pesquisa aponta para a existência de um descompasso entre os saberes requeridos pelas empresas e os saberes proporcionados aos trabalhadores pela formação escolar, embora as concepções de letramento e de novas tecnologias sejam as mesmas, como já exposto. O que se pode inferir, a partir da análise dos dados, é a necessidade de desenvolvimento de ações educativas que, além de considerarem os aspectos normativos da língua, contemplem as aprendizagens requeridas pelas novas tecnologias de modo a serem alcançados níveis de letramento que dêem conta dos conhecimentos e das competências específicas requeridas pelo mundo do trabalho, sem descuidar da formação do cidadão crítico e criativo. A leitura e a escrita serão então compreendidas não apenas como habilidades para operar com equipamentos tecnológicos, mas como conhecimentos necessários para a organização e gerenciamento do trabalho, constituindo-se produto e processo da prática social mais ampla.

Os entrevistados, ao afirmarem que a leitura e a escrita são imprescindíveis para a sobrevivência do mundo do trabalho, vinculam as competências de letramento apenas às funções operacionais desempenhadas pelos trabalhadores nas suas empresas. A concepção de letramento autônomo e funcional, internalizada a partir da formação escolar, é evidenciada pelos empresários entrevistados, por meio do vocabulário técnico de que estes se utilizam, tais como, “o preparo” das pessoas para utilizarem as novas tecnologias, a

“posse” de habilidades de escrita, o “treinamento” das pessoas, entre outros termos e expressões utilizadas nessa linha de raciocínio. Estes termos técnicos retratam a concepção reprodutivista das políticas que direcionam as reformas educacionais no quadro do ajuste à economia global, dos países periféricos, dentre eles, o Brasil. Segundo esta concepção, o papel da educação é o de desenvolver habilidades de conhecimento, de valores e atitudes e de gestão da qualidade, definidas no mercado de trabalho, cujo objetivo é formar, em cada indivíduo, um banco de reserva de competências que lhe assegure a empregabilidade (Frigotto, 1999). Segundo este autor, com o plano ideológico que desloca a responsabilidade social do Estado para o plano individual, acabam-se as políticas de emprego e inicia-se um processo de formação de indivíduos empregáveis, qualificáveis e requalificáveis. Desta forma, a formação técnico-profissional (des)organiza-se em três níveis: básico, técnico e teleológico. O nível básico destina-se à formação da massa de trabalhadores, jovens e adultos, independentemente da escolarização anterior e tem o objetivo de qualificar, requalificar ou reprofissionalizar. Os cursos desenvolvidos com esta finalidade não estão sujeitos à regulamentação curricular. O órgão responsável pelo controle destes cursos não é o Ministério da Educação, mas o Ministério do Trabalho. O nível técnico, organizado de forma independente do ensino médio, trata de flexibilizar seus currículos, organizados modularmente, adaptando-os às competências demandadas pelo mercado. A organização destes níveis fundamenta-se nas perspectivas das habilidades básicas e específicas de conhecimento, atitudes e de gestão da qualidade, construtoras de competências polivalentes e supostamente geradoras de empregabilidade, seguindo as especificidades locais e regionais dos níveis primários, secundário ou terciário da economia. O nível teleológico, destinado aos egressos do ensino médio, destina-se à formação de tecnólogos em diferentes especialidades, caracterizando uma regressão aos tempos do tecnicismo do regime militar e à exacerbação da fragmentação (Frigotto, 1999).

Nesse contexto, cabe uma referência às questões levantadas por Arroyo (apud Frigotto, 1999), na proposição de um diálogo a ser empreendido, a partir da prática pedagógica nas escolas e os resultados das pesquisas realizadas sobre trabalho-educação. Pergunta-se: os resultados dessas pesquisas têm afetado as políticas educacionais? Têm contribuído para o avanço dos movimentos de renovação pedagógica que ocorrem nas

escolas? Que práticas educativas estas pesquisas têm motivado? O quê do resultado dessas pesquisas tem sido trazido para o diálogo com a teoria pedagógica? Essas questões, segundo esse autor, permanecem sem respostas, ou têm sido timidamente respondidas. Essa timidez, por sua vez, pode ser consequência de uma compreensão estreita do mundo do trabalho e das agências formadoras, uma vez que estão centrados mais nas demandas do industrialismo, do impacto das novas tecnologias e das novas técnicas de organização e gestão do trabalho, deixando de lado os aspectos ligados à formação crítica do cidadão.

Segundo Bianchetti (2001), os empresários ao mesmo tempo que desfraldam com desenvoltura a bandeira da necessidade de educação para todos, não perdem a oportunidade de explicitar que a escola que está aí, da forma como ela funciona, não responde aos seus anseios e necessidades. Segundo este autor, a pragmática e utilitarista utopia dos empresários se traduz ou se materializa numa escola que seja capaz de responder aos imediatos reclamos de um mercado mutante que necessita de trabalhadores com conhecimentos e atitudes plasmadas de uma plasticidade que possibilite a sua adequação a qualquer espaço-tempo.

Com relação à educação para as mídias, os sujeitos da pesquisa reconhecem na escola a principal responsável por essa formação. Entretanto, afirmam que sozinha ela não dará conta de preparar a população e especialmente os trabalhadores para as mudanças demandadas pelas transformações tecnológicas, em curso. Para tal, indicam o estabelecimento de parcerias com as empresas e com outras instituições sociais, pois como revelam os depoimentos, a maioria das empresas pesquisadas reconhece-se como organização qualificante (Bianchetti, 2001). Além de cursos de complementação de escolaridade, as empresas disponibilizam outros cursos e materiais de leitura para os seus empregados. Porém, o que se percebe é que estes materiais visam ao conhecimento meramente operacional e funcional das atividades desenvolvidas no trabalho, pouco ou nada contribuindo para a formação do leitor-cidadão. As entrevistas foram reveladoras de que a maioria dos sujeitos da pesquisa não percebe as mídias como influenciáveis dos modos de pensar, de agir, de perceber e de aprender. Entretanto, alguns empresários as reconhecem como formadoras de opiniões e como potentes recursos a serviço do

capitalismo, sendo utilizadas no incentivo ao consumo desenfreado. Estes sujeitos referem-se à urgência no desenvolvimento de ações com vistas à educação para os meios eletrônicos de comunicação. Esta preocupação é demonstrada em manifestações como: “Estas tecnologias vieram para ficar e seu impacto será positivo ou negativo dependendo de como as pessoas forem preparadas para lidar com elas”.

Em muitos momentos, os entrevistados deixam vir à tona, também, a contradição entre a educação, enquanto responsável pela formação da cidadania e o sistema capitalista. A este respeito cabe lembrar Cury (1998 p.71), segundo o qual “O estatuto do saber, no sistema capitalista, variará de acordo com a problemática fundamental de cada sociedade”. Neste sentido, o letramento, embora considerado e defendido como imprescindível para o sucesso individual e social, bem como para o desenvolvimento econômico e para a sobrevivência das empresas, em determinados momentos e situações, aparece como um fator de exclusão no mundo do trabalho. Para Cury (idem), “o saber enquanto intenção pode vir a ser apropriado (tornar-se próprio) pelas classes subalternas. Ao incorporá-lo à sua prática, o tornam instrumento de *crítica das armas*, pois na sua prática (no conjunto das relações sociais) reside a contradição da intencionalidade dominante: a oposição entre o saber do dominante e o fazer do dominado”. Isto pode explicar a manifestação de uma entrevistada, segundo a qual, “para determinadas funções, candidatos muito letrados podem ser reprovados por excesso de qualificação, pois podem questionar procedimentos adotados com a maioria. Tem que haver equilíbrio para mais e para menos”.

Concorda-se com Cury (1998) que, não obstante os avanços sejam notáveis, as relações estruturais permanecem as mesmas. Os espaços de participação continuam a ser a adesão disciplinada ao projeto capitalista e o aperfeiçoamento das formas de extração da mais-valia, a partir da utilização do saber do trabalhador. Este saber nem sempre passa pelas competências adquiridas através do letramento e só é reconhecido a partir do interesse do próprio capital. A divisão em classes permanece e perpetua-se na discriminação do acesso às competências de letramento e às novas tecnologias. “Só não têm acesso aos computadores, os jornaleiros e os braçais”. Esta declaração, feita por um dos entrevistados, demonstra que os privilégios da “Sociedade da Informação” são destinados

ao mesmo grupo detentor de todos os privilégios, em todos os tempos. A ¹¹sociedade vem se tornando cada dia mais grafocêntrica, e concentrando o poder cada vez mais em quem domina o saber e subjungando os que pouco ou nada conseguem gerenciar por falta de proficiência nos usos da leitura e da escrita.

Na fase atual do capitalismo, a educação continua sendo considerada como componente-chave para o desenvolvimento econômico. As políticas de educação são traçadas com vistas aos objetivos ideológicos dominantes e os programas educacionais continuam a reproduzir a ordem social estabelecida. Desta forma, “o uso da língua limita-se à apresentação de estereótipos que embolam o raciocínio e o desenvolvimento lingüístico, tornando o sujeito um mero repetidor de fórmulas, incapaz de usar a linguagem em sua defesa” (Pelandré,1998).

Concorda-se com a autora acima que, neste momento, mesmo as metodologias ancoradas nos equipamentos modernos, trazidos pelas novas tecnologias de informa o e comunica o, continuam a reforçar o sucesso dos indivíduos da classe dominante e o fracasso dos que provêem das classes populares dadas as diferenças de linguagem e de experiências que são concebidas como pré-requisitos para o desenvolvimento dos conteúdos programáticos das escolas.

Por outro lado, as novas tecnologias de informa o e comunica o podem constituir espaços avançados de luta para a transforma o social, se utilizadas como componentes pedagógicos, numa perspectiva progressista, pelas institui es educacionais. A Internet, por exemplo, pode oferecer aos estudantes a oportunidade de se tornarem produtores e difusores de seus próprios instrumentos culturais (arte, música, escrita), ao invés de serem simplesmente consumidores passivos dos produtos da informa o da cultura global. Para Turkle (1995), “a Internet   o símbolo e a ferramenta que carrega uma mensagem política

¹¹Organizada a partir da lógica da escrita. Segundo Percival Lemes de Brito, em palestra proferida aos professores da rede pública municipal de Florianópolis, em outubro de 2001, numa sociedade grafoc trica, todos os comportamentos do indivíduo estão moldados pela escrita, nela, mesmo o analfabeto tem uma prática de letramento.

sobre a importância de uma ação direta imediata e sobre a mobilização de grupos de interesses”.

Nas entrevistas realizadas, a leitura e a escrita aparecem como habilidades básicas subentendidas como quase “naturalizadas” e, portanto, embutidas no desenvolvimento de capacidades cognitivas e metacognitivas mais elaboradas, sem que este aspecto se explicita na fala dos entrevistados. Os empresários evidenciam a necessidade de produção de uma escrita perfeita associada ao uso correto das normas gramaticais e regras de ortografia. Esse conhecimento constitui pré-requisito fundamental para a inserção e a permanência no emprego, na nova cultura empresarial. O que se tem observado, porém, é que a escrita digital de alguma forma vem rompendo com as normas prescritivas da gramática tradicional, possibilitando, inclusive, que o escritor, mesmo aquele que desconhece essas normas, faça correções em seu texto, bastando, para isso acessar o programa de correção. Isto, no entanto, não foi abordado por nenhum dos empresários entrevistados. Nas suas diferentes manifestações, referiram-se somente às necessidades estritas do uso da escrita no exercício das funções de leitura (decodificação) e redação (codificação).

Para ter sucesso na promoção de uma escrita tecnicamente perfeita, na visão dos empresários, a escola deveria passar por uma transformação metodológica mais ampla, englobando maior preocupação com as formas de expressão, pois, segundo eles, “de nada adianta as pessoas aprenderem e não conseguirem demonstrar seus conhecimentos através da expressão, principalmente da expressão verbal escrita”. Para tal, na visão dos empresários, é imprescindível maior aproximação das escolas às empresas, possibilitando maior sintonia dos objetivos educacionais com os objetivos do mundo do trabalho.

Os entrevistados são enfáticos em criticar a escola, afirmando que ela tem de mudar seus métodos de ensino. Mas, por que se faz necessário que as escolas mudem suas metodologias? Por que defender novas metodologias ancoradas em novas concepções do ensino da linguagem e de escrita? Para Bianchetti (2001), os empresários, nas suas manifestações sobre a escola, projetam as expectativas de uma formação que os habilite como trabalhadores adequados para o presente e o futuro. Mas, ao analisarem as práticas dos trabalhadores que ingressaram no mundo do trabalho, têm seus parâmetros voltados

para o passado, pois ainda esperam que os ingressantes tragam uma qualificação pronta, embora tenham consciência que esta não é a realidade, nem do lado da agência formadora, nem das necessidades reais do trabalho. As críticas dos entrevistados à escrita produzida pela escola podem ser entendidas a partir das mesmas constatações de Bianchetti em relação aos sistemas de qualificação, uma vez que a leitura e a escrita subjazem aos programas de qualificação.

As diferentes funções da escrita, nas múltiplas possibilidades de uso, também não pareceram de todo claras para os entrevistados. Alguns qualificam a escrita tecnológica de ser extremamente fria, destituída de calor humano, de romantismo e, do prazer próprios da manuscritura ao mesmo tempo em que revelam certo temor pelas conseqüências do uso das novas tecnologias nas relações interpessoais. A concepção tecnicista de letramento, predominante na visão desses empresários, de uma escrita convencional em que a forma predomina sobre o conteúdo, no entanto, pouco contempla a possibilidade de uma escrita subjetiva na qual a carga de afetividade é maior.

Cabe refletir, então, sobre a seguinte questão: Se estas duas instituições, escola e empresa, tão importantes da prática social, compartilham as mesmas concepções de letramento, o que estaria levando a escola a deixar tanto a desejar conforme afirmam os empresários?

As contradições manifestadas são muito mais aparentes que reais, pois os discursos revelam que os empresários, de um modo geral, não querem um sujeito letrado, numa visão progressista de homem e de sociedade. Eles desejam um indivíduo letrado, eficiente operador de instrumentos tecnológicos

O que está por trás¹⁵ dessas concepções é a mesma ideologia. A ideologia capitalista que uniformiza e regula os discursos, que explicita as políticas de desenvolvimento do setor produtivo e da educação, utilizando-se principalmente da capacidade persuasiva dos meios de comunicação de massa para disseminar os produtos da cultura global na forma de um verdadeiro espetáculo ao qual as pessoas ficam desarmadamente expostas, por não terem tido acesso a conhecimentos de letramento que possibilitem a leitura crítica das mensagens

veiculadas pelas mídias. Somam-se a isso, as campanhas apressadas, com finalidades “eleitoreiras” para ensinar os jovens e adultos a apenas assinarem o nome e a implantação de laboratórios de informática nas escolas sem preparar os professores e sem dar a eles as condições adequadas para a utilização pedagógica dos equipamentos.

A escola, como instituição social responsável pela formação de cidadãos críticos não pode, de forma alguma, omitir-se nessas discussões, especialmente neste momento em que as novas tecnologias de informação e comunicação, as formas de organização da produção e os modelos de gestão, no mundo do trabalho, estão possibilitando e influenciando a introdução de novos valores na sociedade. Que valores estão sendo colocados em jogo e quais poderão despontar? O que a escola tem feito neste sentido? Pode a escola permanecer alheia à alienação imposta pela predominância dos meios de comunicação?

Os empresários em seus discursos explicitam e ratificam a ideologia vigente que se caracteriza pela excludência. Defendem o letramento como imprescindível para a própria sobrevivência das empresas, no entanto excluem os operacionais, para os quais dizem “ser necessário apenas rudimentos de leitura e escrita que os possibilite ler avisos, participar de treinamentos e preencher planilhas”. Esta visão redutora de letramento impede, por exemplo, que os empresários da imprensa escrita percebam, ou quando percebem o fazem de forma tímida, o potencial do próprio jornal que produzem e que, utilizado como material de leitura, poderia desencadear um processo de letramento, sem precedentes, iniciando pelos funcionários e expandindo para a população em geral, servindo como *marketing* para a própria empresa, na conquista de mais leitores e, conseqüentemente, de mais clientes. A exclusão social se perpetua, também, nos demais meios de comunicação e pela ausência de políticas públicas de letramento, de formação de leitores e de desenvolvimento da cidadania.

Por outro lado, à escola impõe saber que conhecimentos o mundo do trabalho exige. Quais são os saberes demandados pelas empresas e que a ela cabe ensinar, questionar, propor? A escola pública, ao mesmo tempo em que não pode curvar-se aos interesses dos empresários, submetendo-se às amarras do utilitarismo e imediatismo do mundo do

trabalho, não pode descuidar da sua responsabilidade em formar para o exercício pleno da cidadania, em consonância com o contexto cultural no qual se insere, reconhecendo a potencialidade das mídias como recursos pedagógicos. E, isto só será possível, através da articulação teórico-prática em direção à implementação de mudanças na estrutura política e econômica de nossa sociedade. A escola poderá avançar e ultrapassar o caráter formal do ensino da leitura e da escrita, exercendo seu papel de mediadora entre a vida cotidiana e as esferas não-cotidianas da atividade social (Duarte, 2000), desenvolvendo a leitura e a escrita para transmitir o que de mais elevado e rico exista no conhecimento humano (científico, artístico e filosófico), ao mesmo tempo, levando os alunos a compreenderem a leitura e a escrita como instrumentos que, uma vez dominados, poderão ser desenvolvidos e utilizados numa perspectiva libertadora. Neste sentido, será bem vindo todo o aparato tecnológico que venha aprimorar os suportes, facilitar a disseminação e, ampliar os usos da leitura e da escrita.

BIBLIOGRAFIA

APARICI, Roberto – Mítos das novas tecnologias. In: Rodriguez Eustáquio Martins e Quintillán: **La educación a distância en tiempos de cambios: nuevas geraciones, viejos conflictos** – Madrid: Ed. De La Torre, 1999.

ARROYO, Miguel G. **Da Escola Carente à Escola Possível** – São Paulo: Loyola, 1986.

ARRUDA, Maria da Conceição Calmon. Qualificação Versus Competência. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v.26, n.2, maio/agosto, 2000.

AZANHA, José Mário Pires – **Uma Idéia de Pesquisa Educacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

BACON, Francis. **Novum Organum. e Nova Atlântida** 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1969. Coleção Os Pensadores.

BARBATO, Silviane – Alfabetização e escolarização na vida adulta: **Participação – Revista do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília** – Ano 3 – nº 4 – Julho, 1999

BELLONI, M. L. – Educação para a mídia: Missão urgente da escola: **Comunicação e Sociedade: Revista Semestral de Estudos de Comunicação** ano x – nº 17 – agosto de 1991

_____ **O papel da televisão no processo de socialização: UFSC/CED/1999**

_____ **O que é Mídia-educação**. Campinas/SP: Autores Associados, 2001.

BENAVENT, José D. (Cêneca) – Educacion para la Comunicacion: **Manual Latinoamericano de Educacion para los medios de comunicacion**: Santiago – Chile, 1992.

BIANCHETTI, Lucídio. **Da chave de fenda ao Lap Top. Tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação**. Petrópolis: Vozes, 2001 (No prelo).

BRAGA, Denise Bértoli. A construção híbrida da escrita na internet - **Revista Estudos Pedagógicos**. pgs. 23-29, Campinas: UNICAMP, 2000.

BRASIL, Vital. Influência dos meios de comunicação de massa na formação, controle e alienação dos sujeitos sociais. Texto elaborado a partir das idéias de Coimbra (s/d e Costa, 1997) – **19º Caderno Temático – Governo do Estado do Rio Grande do Sul**

CARMO, Paulo Sérgio. Rebeldes com pressa. **Jornal Bolando Aula de História**, nº 30, p. 18 – junho/julho, 2001.

COELHO, Marcelo. A vida privada está por desaparecer. **Folha de S. Paulo**, 02/08/98

COSTA, Márcio da “A Educação em tempos de conservadorismo” In: (Org.) **Pedagogia da Exclusão: Crítica ao neoliberalismo em educação**. Pablo Gentili Petrópolis, 1995

CAIRNCROSS, Frances – **O fim das distâncias** – Como a revolução nas comunicações transformará nossas vidas – São Paulo: Livraria Nobel, 2000.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHASSOT, Ático – **Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2000.

CURY, Carlos R. Jamil. **Educação e Contradição**. São Paulo: Cortez, 1995.

DEACON, Roger & PARKER, Ben. Escolarização dos cidadãos ou civilização das sociedades?. In: (Org.). SILVA, Luiz Heron da. **Escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender” crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana/** Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FERREIRO, Emília, Ana TEBEROSKY – **Psicogênese da Língua Escrita: 4ª edição** de Diana Myriam Lichtenstein, Liana de Marco e Mário Corso, Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERRÉS, Joan. **Televisão Subliminar – Criando comunicações despercebidas**, POA: Artmed, 1998.

FERRETTI, Celso J. **Novas tecnologias, trabalho e educação: Um debate multidisciplinar** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel, **Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete**, Petrópolis: Vozes, 1987.

Microfísica do Poder – Biblioteca de Filosofia e História das Ciências – vol. Nº 7 – 3ª ed.

FREIRE, A.M.A. – **Analfabetismo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo – **Conscientização: Teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** – São Paulo: Ed. Moraes, 1980.

Pedagogia da Indignação – Cartas pedagógicas e outros escritos – SP. Editora UNESP, 1997

Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A educação e a formação técnico-profissional frente à globalização excludente e o desemprego estrutural. In: (Orgs.) Silva, Luiz Heron da **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GENRO, Tarso – **A nova roupa do rei – Novos Estudos – CEBRAP**_São Paulo, n. 50, p.23-40 março, 1999

GENTILI, Pablo. **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação**. Revista Educação & Realidade Porto Alegre: v.20 n.1 p.9-248, jan./jun. 1995

GERMANO, José W. – **Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. Campinas/SP: Cortez, 1998

GIROUX, Henry – **Pedagogia radical: Subsídios** – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983 (Coleção Educação Contemporânea).

GOMES, Carmesina, et al. **Gestão de Sistemas de Educação à Distância** – Guia do Aluno-UNB: Brasília, 1998.

GOMEZ, Guillermo Orozco. **La influencia de la TV en la educación de niños y jóvenes: opiniones, mitos, hechos**. México/Universidade Iberoamericana, 1992.

GRAFF, Harvey. **Os labirintos da alfabetização** – Reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização – Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

HADDAD, Sérgio – **A Estratégia dos Bancos Multilaterais para o Brasil**, São Paulo: PUC, 1999.

HIRATA, Helena: Da polarização das qualificações ao modelo da competência. In: FERRETTI, Celso J. – **Novas tecnologias, trabalho e educação: Um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.

KAPLÚN, Mário – **Processos educativos e canais de comunicação**; CCA-ECA-USP, 1998

KENWAY, Jane. Educando cibercidadãos que sejam “ligados” e críticos. In: (Org.) SILVA, Luiz Heron da. **A escola cidadã no contexto das globalização** – Petrópolis: Vozes, 1999.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento** – Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita – São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

KORNHAUSER, Aleksandra. Criar oportunidades. In: **Educação um tesouro a descobrir** – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI – Jacques Delors. São Paulo: Cortez, 2000.

KUENZER, Acácia. **Pedagogia da Fábrica** – As Relações de Produção e a Educação do Trabalhador. São Paulo: Cortez, 1995.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**: Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LEHER, Roberto – Da ideologia do desenvolvimento à ideologia da globalização – **A educação como estratégia do Banco Mundial para Alívio da Pobreza** Tese de Doutorado São Paulo: USP, 1998.

LÜDKE, Menga e André Marli – **Pesquisa em educação – Abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 1986.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento Cognitivo**, São Paulo: Ícone, 1990.

MACHADO, Ana Maria Netto – **Presença e implicações de escrita na obra de Jacques Lacan**, Ijuí: Unijuí, 1998.

MANFREDI, Silvia Maria. Trabalho, qualificação e competência profissional – das dimensões conceituais e políticas. **Educação & Sociedade – Revista Quadrimestral de Ciência da Educação** — nº 64, p. 13-49, Campinas/SP: CEDES/Unicamp, 1998.

MATELLART, Armand e Michèlle – **História da teoria das comunicações** – Porto: Campo das Letras, 1997

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Analfabetismo na mídia: Conceitos e imagens sobre o letramento**. In KLEIMAN, Angela B. (Org), Campinas/SP: Mercado de Letras, 1995.

McLAREN, Peter. Traumas do capital: Pedagogia, política e práxis no mercado global. In SILVA, Luiz Heron (Org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MEGHNAGI, Saul. A competência profissional como tema de pesquisa. **Educação & Sociedade - Revista Quadrimestral de Ciência da Educação**, nº 64. Campinas/SP: CEDES/Unicamp, 1998.

MC LUHAN, Marshall e FIORI, Quentin. **Os meios são as Massagens**. Um inventário de Efeitos. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1969.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

MOURA, Tania Maria de Melo. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: Contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky**, Maceió: EDUFAL, 1999.

MUNARIN, Antonio – **Educação e Esfera Pública na Serra Catarinense – A experiência política do Plano Regional de Educação – Tese de Doutorado em Educação – São Paulo: PUC, 1999.**

NEGROPONTE, Nicholas – **A vida digital** – São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

NORA, Simon & MINC, Alain, **La información de la sociedad**. Mexico, Coleccion Popular, Fondo do Cultura Economica, 1978.

OLIVEIRA, Marta Kohl – Educação de Jovens e Adultos – Trabalho apresentado na XXII Reunião da ANPEd, Caxambu set/1999 – **Revista Brasileira de Educação – USP, São Paulo, 1999.**

Letramento, cultura e modalidades de pensamento. In: KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1995.

OROZCO, Guillermo: Hablan los televidentes – Estudios de recepción en vários países **Cuadernos de Comunicacion y Practicas Sociales**, 1991.

_____ **A televisão e as Crianças: Tendência da pesquisa em educação – Centro de Estudos da Comunicação e Cultura da Universidade de St. Louis, EUA, 1993**

PAIVA, Vanilda. Qualificação e competência para o trabalho. In: L. & ZIBAS, D. (Org.): **Final do Século: Educação na América Latina**. São Paulo: Cortez, 1990

_____ **Educação Popular e Educação de Adultos**: São Paulo: Loyola, 1993.

PARENTE, André (Org). **A era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: CIP Brasil 1993.

PARENTE, André. **O Virtual e o Hipertextual**. Rio de Janeiro: Núcleo de Tecnologia da Imagem/ECO-UFRJ, 1999.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos – **Efeitos a longo prazo do Método de Alfabetização de Paulo Freire: Tese de Doutorado – Pós-graduação em Letras – UFSC, 1998.**

PERRENOUD, Phelippe – Formar professores em contextos sociais em mudança – Trad. de Denice B. Catani – Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, set/1999 – **Revista Brasileira de Educação, nº 12, set/out/nov/dez/1999.**

PRETTO, Nelson de L. **Uma escola sem/com futuro**. Campinas São Paulo: Papyrus, 1996

POSTMAN, Neil . **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRETTO, Nelson de L. **Uma escola sem/com futuro**. Campinas São Paulo: Papyrus, 1996

RIBEIRO, Vera Masagão. **Educação de Jovens e Adultos: Proposta Curricular para o 1ª segmento do Ensino Fundamental**. Ação Educativa: Assessoria, Pesquisa e Informação. São Paulo,1996. Mime.

RIBEIRO, Vera Masagão. **Alfabetismo e Atitudes** – Pesquisa com Jovens e Adultos – Campinas: Ação Educativa, 1999.

RAMAL, Andréa C. Escrever e ler na cultura digital_– In **Pátio – Revista Pedagógica** – ano 4 nº 14 agosto/out/2000.

RODRIGUEZ, Eustáquio Martin & Quintillian – **La educación à distância en tiempos de cambios: nuevas geraciones, viejos conflictos** – Madrid: Ed. De La Torre, 1999.

ROUANET, Sérgio Paulo: A morte e os renascimento das utopias: **Folha de S. Paulo**, 25 de junho de 2000.

SAVIANI, Demerval – Mudanças Organizacionais, Novas Tecnologias e Educação. In: FERRETTI, Celso (Org.) – **Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: Um debate multidisciplinar**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A escola cidadã no contexto da globalização**: Uma introdução. In SILVA, Luiz Heron da (Org.). Petrópolis: Vozes, 1999.

SOARES, Leôncio J. G. Educação de Jovens e Adultos: Momentos históricos e desafios atuais. In: **Presença Pedagógica Revista nº 11** v. 2 set/out. 1996.

SOARES, Magda. **Letramento Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Authêntica: 1998

STROOBANTS, Marcelle – A visibilidade das competências. In: ROPÉ, Françoise e TANGUI, Lúcia: **Saberes e Competências: o uso de tais noções na escola e na empresa** Campinas,/SP: Papyrus, 1997

TADDEI, Emilio H. “Empregabilidade” e formação profissional. A “nova” face da política social na Europa. In SILVA, Luiz Heron da. (Orgs.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1999.

TFOUNI, Leda V. – **Letramento e Alfabetização**. Questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 1995.

TFOUNI. Leda V. **Adultos não Alfabetizados o Averso do avesso**. São Paulo: Pontes: 1988.

UNITED NATIONS (1989). **National House hold Survey Capability Programme; Measuring Literacy through House hold Surveys.** New York: United Nations (Department of Technical Cooperation for Development Statistical Office).

VIRILIO, Paul – A imagem virtual mental e instrumental. In: PARENTE, André: (org.) **Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual** – Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996

WICKERT, Maria Scarpin –O Futuro da Educação a Distância no Brasil – **Participação Revista de Extensão da UNB, ano 3 n° 4** Julho, 1999.

ANEXOS

Anexo 1 - Instrumento da pesquisa-piloto

1.1 - Questionário para os empregados

Anexo 2 - Instrumentos da pesquisa propriamente dita

2.1 Questões da entrevista semi-estruturada

2.2 Algumas entrevistas transcritas

2.2.1 Empresa de Transporte coletivo

2.2.2 Empresa de Produção de tecnologia

2.2.3 Empresa de Informação escrita – Jornalismo

**1.1 PESQUISA DEMANDAS DE LETRAMENTO
DO MUNDO DO TRABALHO
QUESTIONÁRIO/EMPREGADOS**

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome: (opcional) -----Idade:..... sexo: () Masc.
() Fem. Nível completo de escolaridade: Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () Outros: -----

Estuda atualmente? Sim () Não () O quê? -----
Já frequentou algum curso de Educação para Adultos? () Sim () Não. Como foi atendido nesse curso?-----
Quanto tempo frequentou esse curso? -----Quantos dias por semana ?-----
O curso era gratuito? () Sim () não. Caso negativo, quanto pagava por mês? -----
Quem atendia os alunos? () professores () voluntários () tutores () outros -----
Principais dificuldades encontradas no curso: () horário das aulas () preço do curso () Preço do transporte () compreensão do material () relacionamento com o professor . Escreva sobre o curso:.....

Fala, lê e escreve em outro idioma? () Sim () Não Caso positivo, qual? -----
Com quem aprendeu? () escola () em casa () outros

II – HÁBITOS E ATITUDES DE LEITURA E ESCRITA

1 - Gosta de ler? Sim () Não ()

2 - Em que situações faz uso da leitura?-----

3 - Quanto tempo do seu dia é dedicado à leitura?-----

4 - Costuma ler para outras pessoas ? Sim () Não () Para quem?-----

O que lê? -----

5 - Costuma ir à livrarias? Sim () Não () Para quê?-----

6 - Costuma ir à bibliotecas? Sim () Não () Para quê?-----

----- Em que bibliotecas já entrou?-----

7 - O que tem em sua casa para ler?-----

8 - Quando precisa instalar um aparelho eletrodoméstico, o que você faz? Pede auxílio, usa os conhecimentos que tem ou lê o manual? -----

9 - Quando precisa localizar um endereço, como procede? -----

10 -O que você mais lê: Receitas culinárias? Sim () Não () Em que situações? -----

Livros? Sim () Não () Lembra de um que você leu e gostou muito?-----

- -----
 A Bíblia? Sim () Não () Em que situações?-----
 -----Embalagens de produtos? Sim () Não () Para
 quê?-----
 Revistas? Sim () Não () O que lê nas revistas?-----

 Jornais? Sim () Não () Que sessão lê?-----
 11 - Por quê você lê?-----
 12 - Há materiais que precisam ser lidos no seu trabalho? Sim () Não ()
 13 - O que você precisa ler no seu trabalho?-----
 14 - O seu conhecimento de leitura é suficiente para que você leia o que for preciso no seu
 trabalho? Sim () Não () Por quê? -----

 15 -Qual a sua principal dificuldade na leitura do seu material de trabalho? -----

 16 - Para progredir no seu emprego você precisa desenvolver mais a sua leitura? Sim () Não ()
 Por quê?

 17 - Quando você precisa procurar emprego, o que você faz?-----

III – HÁBITOS DE ESCRITA:

- 1 - Gosta de escrever? Sim () Não () 2 – O que escreve? (escrita intersubjetiva)
 - Bilhetes Sim () Não ()
 - E- mails Sim () Não ()
 - Diário Sim () Não ()
 - Poesias Sim () Não ()
 - Desabafos Sim () Não ()
 3 – Comunica-se por escrito com familiares, amigos, outras pessoas, ou instituições?-----
 De que forma?-----
 4 - Escreve telegramas, cartões de cumprimento, cartões de natal?-----
 5 – Você usa a escrita no seu trabalho? Sim () Não ()
 6 – O que lhe pedem para escrever no seu trabalho? -----

 8 -Você encontra alguma dificuldade na escrita exigida pelo trabalho que desenvolve? -----
 Quais? -----
 9 – Você já perdeu alguma oportunidade de promoção no emprego pela dificuldade na escrita?-----

 10- Você sabe redigir uma carta pedindo emprego? Sim () Não ()
 11- Quais suas principais dificuldades no uso da escrita?-----

IV – USO DE NOVAS TECNOLOGIAS

- 1 – Que novas tecnologias existem em seu trabalho?
 - computadores? ()
 - Máquinas de preencher cheques? ()
 - Calculadoras eletrônicas? ()
 - Impressoras? ()

- Fotocopiadoras? ()
 Máquinas computadorizadas? ()
 2 - Você trabalha com esses equipamentos? -----
 3 - Como aprendeu a lidar com eles?-----

 4 - Quando enfrenta alguma dificuldade no trabalho, como faz para resolvê-la?-----

 5 - Sente necessidade de fazer cursos para melhorar seu desempenho no trabalho?-----
 6 - Que tipo de curso?-----
 Para aprender o quê?-----
 7 - Que oportunidades tem tido para melhorar sua formação profissional?-----

 8 - Os cursos que são oferecidos pelas instituições formadoras (escolas), das quais você têm participado, têm correspondido as suas expectativas?-----Por quê?-----

IV – COMPORTAMENTO E ATITUDES EM RELAÇÃO ÀS MÍDIAS.

- 1 - Marque os aparelhos eletrônicos que você/família possuem:
 Televisão ()
 Vídeo cassete ()
 Videogame ()
 Computador ()
 Outros? Quais? -----
- 2 - Programas de televisão costuma assistir: () noticiário () comerciais () Prog. de auditório
 () novelas () culinária () esportes () outros (quais?)-----
- 3 - Assiste estes programas para: () se informar () entretenimento () aprender-----
- 4 - Cite 1 ou 2 programas de TV que você mais gosta de assistir e assiste regularmente:

- 6 - Assiste alguma novela? Sim () Não () Qual?
 Na sua opinião as novelas influenciam: () os modos de pensar e de agir () estimulam a violência ()
 mudam as atitudes () mudam os costumes () não influenciam em nada
 Tem o costume de assistir a filmes? () Sim () Não. Onde assiste os filmes: () no vídeo () na TV
 () no cinema. Que tipo de filmes assiste? () ação () terror () western () religião () comédia
 () suspense () outros. Na sua opinião, os videogames e outros jogos eletrônicos influenciam as crianças:
 no comportamento () nos estudos () nas tarefas domésticas () não influenciam.
 Tem acesso à Internet? () sim () não. Caso positivo, que tipo de uso faz da Internet? ()
 pesquisa () lazer () trabalho () compras () fazer amizade () namorar () outros
- 7 - Você gostaria de fazer algum comentário ou dar alguma sugestão sobre esta pesquisa?

2.1 - CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO E DE NOVAS TECNOLOGIAS NO DISCURSO DOS EMPRESÁRIOS

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA/EMPREGADORES

I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: (opcional) -----

Sexo: ----- Idade: ----- Formação: -----

II – A QUESTÃO DO LETRAMENTO NO MUNDO DO TRABALHO

A leitura e a escrita acompanham o processo evolutivo das culturas letradas em todas as suas etapas e graças à transformação dos seus suportes possibilitam o armazenamento e a disseminação de um grande acúmulo de conhecimentos úteis à humanidade, e, também, a transmissão cultural entre as gerações. A escrita teve início com os **rolos**, sendo que seu primeiro grande avanço foi a invenção do **livro**, e, atualmente, o **computador, o hipertexto e a Internet**. A imprensa no século XV e hoje as novas tecnologias de informação e comunicação são os grandes responsáveis pela ampliação dos usos e pelo grande avanço nas formas de disseminação dos processos de leitura e escrita. O letramento, definido como usos sociais da leitura e da escrita, é o fenômeno que pretende dar conta de definir que habilidades são necessárias para que as pessoas se insiram de forma adequada nos contextos de modernização econômica e política, respondendo adequadamente às competências exigidas social e profissionalmente. É considerando a transformação dos suportes e da conseqüente ampliação dos usos da leitura e escrita na sociedade em geral e, especificamente, no mundo do trabalho, visando ainda, a contribuir para o avanço da ciência e da apropriação dos seus benefícios por um número cada vez maior de seres humanos, que elaboramos as questões abaixo para as quais solicitamos sua especial gentileza em respondê-las.

1 – Qual é a sua opinião sobre os usos da leitura e da escrita nos dias de hoje?-----

2 - Qual é a sua opinião sobre o uso das novas tecnologias (computador, informática, telemática), no mundo do trabalho, hoje? -----

3 – Saber ler e escrever é importante no desenvolvimento das atividades da sua empresa? Sim () Não ()
Por quê?-----

4 – Que novas tecnologias são adotadas no desenvolvimento das atividades da sua empresa?-----

5 – Na sua opinião, as novas tecnologias interferem nas práticas de leitura e escrita? Sim () Não ()
Explique:-----

6 –Que habilidades de leitura e escrita são demandadas pelas novas tecnologias na sua empresa? -----

7 – Na sua opinião, qual é a relação possível de estabelecer entre as habilidades de leitura e escrita demandadas pela sua empresa e as práticas de leitura e escrita possibilitadas pelas instituições de ensino?-----

8 - As leitura e escrita desenvolvida pelas escolas têm sido suficientes para atender as necessidades de sua empresa nesta área () Sim () Não. Por quê?-----

9 – Na sua opinião, que ações poderiam ser desenvolvidas para melhorar as habilidades de leitura e escrita dos funcionários da sua empresa?-----

10 – Sua empresa disponibiliza algum material de leitura para os funcionários Sim () Não () Quais? -----

11 – Sua empresa é uma organização qualificante? Sim () Não () Explique -----

III – A EMPRESA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

3 – Sua empresa informatizou:

- a) Todos os setores () só o setor administrativo () só o setor de produção () nenhum setor ()
 b) Quem tem acesso aos equipamentos eletrônicos: todos os funcionários () alguns funcionários () só a diretoria ()

c) Que habilidades sua empresa exige dos colaboradores para a utilização desses meios?

Diretoria: ler e escrever () cursos específicos () conhecimento básico das máquinas () vontade de aprender ()

Administrativo: ler e escrever () calcular () cursos específicos () conhecimento básico das máquinas () vontade de aprender ()

Operacionais: ler e escrever () calcular () cursos específicos () conhecimento básico das máquinas ()

IV – NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO PESSOAL DA EMPRESA

1 - Qual o nível de escolaridade exigido pela empresa no ato da admissão de funcionários?

a)**Diretoria:** Ensino Fundamental - 1ª a 4ª série () Ensino Fundamental Completo ()
 Ensino Médio () Ensino Técnico () Ensino Superior () Pós-graduação ()

b)**Administrativo:** Ensino Fundamental-1ª a 4ª série () Ensino Fundamental Completo ()
 Ensino Médio () Ensino Técnico () Ensino Superior () Pós-graduação ()

c)**Operacionais:** Ensino Fundamental.-1ª a 4ª série () Ensino Fundamental completo ()
 Ensino Médio () Ensino Técnico () Ensino Superior () Pós-graduação ()

2 - As habilidades de leitura e escrita demonstradas pelos funcionários de sua empresa têm correspondido ao nível de escolaridade exigido no ato da admissão? Sim () Não ()

Especifique: -----

3 - Em poucas palavras, dê sua opinião sobre a importância do grau de letramento dos seus colaboradores em relação aos itens abaixo:

Qualidade:-----

Desperdício:-----

Produção: -----

Quantidade:-----

Cidadania: -----

V – EM RELAÇÃO ÀS MÍDIAS

1 – Na sua opinião, a exposição às mídias (TV, Jornal, Computador, Internet) contribuem para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita demandadas pelas atividades desenvolvidas pela sua empresa? Sim () Não ()

Explique: -----

2 - Você faz uso da Internet? Sim () não (). Explique: -----

3 - Sua empresa desenvolve alguma política de qualificação profissional através das TICs? Sim () Não ()

Quais?-----

4 - Qual sua visão de futuro em relação às tecnologias de informação e comunicação?-----

5 – Qual é sua opinião sobre a Educação a Distância? -----

6 – Sua empresa adotaria um programa de Educação a Distância para seus funcionários?-----

7 – Este espaço é reservado para suas opiniões e sugestões em relação a esta pesquisa:-----

2.2 - ENTREVISTAS TRANSCRITAS

2.2.1 – Transporte coletivo

2.2.2 – Produção de tecnologia

2.2.3 – Informação escrita - Jornalismo



2.2.1 - EMPRESA TRANSPORTE COLETIVO
CHEFE DE SETOR DE RECURSOS HUMANOS
 Abril/2001

1 – Qual é sua opinião sobre a importância da leitura e da escrita nos dias de hoje?

Eu vejo que como era importante há alguns séculos atrás, a leitura e a escrita continuam ainda, e sem dúvida são fundamentais, elas que proporcionam a busca de novos conhecimentos, pois através da leitura que a gente vai saber que existem outras possibilidades. Sem saber ler tu não consegues. É fundamental é básico, não tem como não saber ler e escrever. E para todas as funções, todas. Inclusive na nossa empresa, no caso, um lavador de ônibus, não basta ser só um lavador de ônibus, tem que saber ler e escrever, porque vai precisar disso, para fazer um relatório, participar de um treinamento. Precisa saber ler e escrever e interpretar. É fundamental.

2 – Qual é sua opinião sobre o uso das novas tecnologias (computador, informática, telemática) no mundo do trabalho, hoje?

Hoje. Bom. Dependendo da empresa, o tipo de produto ou de serviço que ela fornece, ela é bastante importante. Eu vou responder de acordo com a realidade da nossa empresa que é uma empresa prestadora de serviços, onde a tecnologia é fundamental no sentido que se usa todos os recursos possíveis para melhorar o atendimento pro usuário. Então assim, existe todo um trabalho em cima das informações obtidas através do computador na criação de softwares específicos pra saber a quantidade de pessoas num determinado horário, pra saber o tamanho de ônibus melhor pra aquele horário, o formato do ônibus e assim por diante. Existe toda uma base tecnológica hoje no trabalho que é feito na empresa de transportes que é serviços onde quem não pode ser nunca alterado, o carro chefe da nossa empresa são motoristas e cobradores por que nunca vai ser um robô, vai ser sempre pessoas. Apesar disso ela é súper importante por ela dá muitas informações.

3 – Saber ler e escrever é importante para o desenvolvimento das atividades de sua empresa?

Sim. Depende da função que eles desempenham. Para começar nos serviços gerais, nós temos toda uma classificação de tarefas. Independente das tarefas, a gente entende que como estamos num processo onde existe um programa de treinamento que não é só treinamento profissional, a gente não quer que as pessoas só se desenvolvam no trabalho, mas sim que se desenvolvam como pessoas. Para acompanhar o treinamento essas pessoas têm que no mínimo saber ler e pensar. Se ela não desenvolve estas características ela não entende o que é dito, não consegue acompanhar o treinamento, se sente tímida, prejudicada em relação aos colegas. Isso foi constatado aqui. Tanto que a classe de supletivo que temos na empresa, são que mais se destacam. Serviços gerais é a classe que por tabela não precisariam saber tanta coisa, mas são os que mais se interessam. Eles eram rejeitados. A idéia de que o trabalho que executavam era apenas físico, para isso não precisavam saber ler e escrever. Agora eles estão mudando. Eles sabem que fora da empresa existe uma vida pessoal. existem os filhos que eles precisam ajudar nas tarefas da escola. Existe uma comunidade a qual elas pertencem. Para acompanhar os treinamentos feitos na empresa, essas pessoas precisam no mínimo saber ler e pensar, se não sabem, elas sentem-se tímidas, prejudicadas em relação aos colegas, então começam a se questionar. Por quê que eu não sei ainda? Na empresa, em termos de material que eles precisam ler, têm o manual de normas internas que eles têm que entender, o regulamento da empresa e todo o trabalho do treinamento que feito com textos e apostilas. Hoje não temos mais nenhum analfabeto na empresa, graças a Deus, todos já sabem ler e escrever. Os que ficaram mais tempo, as pessoas mais velhas, além dos 40, que achavam que não aprendiam, mais estão revertendo essa idéia, está começando a procurar também. Isso é um sucesso muito grande., aos pouquinhos vamos subindo degraus. Isso é legal, é muito legal.

3 – Que novas tecnologias são adotadas no desenvolvimento das atividades de sua empresa?

Bom, depende da área. Como é uma área de prestação de serviços, nós temos bem claro que no setor operacional, no setor de tráfego, as principais tecnologias são os ônibus mais modernos, o uso do computador para conhecer o cliente, o controle dos passes dos professores, dos estudantes, tudo é controlado via computador, as ocorrências dos funcionários, as reclamações dos usuários, os acidentes, as reclamações. Agora temos a *home page*, onde o usuário pode ter acesso direto, pode ver todos os horários dos ônibus, todas as linhas, todos os percursos, pode reclamar, pode elogiar. É um canal aberto para o cliente, graças à informática. Fora o próprio telefone, o telefone é básico, a linha **0800**, que é uma linha direta para o usuário. Tem alguns procedimentos que estão começando, é ainda uma novidade que faz dois anos (200, 2001) que está sendo implantado, mas que já é um avanço perto do que se tinha antes. O próprio setor de recrutamento, que antes era tudo em fichinhas, hoje tudo em banco de dados, tem todos os candidatos, todas as funções. Facilita muito para quem está trabalhando, diminui o tempo, claro. Na área administrativo financeiro então nem se fala, por que toda a parte de contabilidade é feita via computador. Todas as despesas, todos os controles de entrada e saída de dinheiro da empresa, como é uma empresa de transporte, o que acontece, entra dinheiro todo dia, que têm que sair para pagar os fornecedores, folha de pagamento, tudo é controlado. Todas as áreas estão informatizadas, bem ou mal mas estão. Todas as linhas de suporte que uma empresa precisa ter na área de informática, porque hoje se ela for fazer uma escala manual de 170 motoristas ela leva muito tempo, então você joga tudo no computador: o nome das, pessoas, os horários e as linhas e o computador faz a escala, 5 da manhã está tudo feito e a gente gerencia as exceções. Neste sentido, a JOTUR está muito avançada nessa área servindo de modelo para as outras empresas.

4 – Na sua opinião as novas tecnologias interferem nas práticas de leitura e escrita?

Influenciam. Claro que influenciam. Se eu tenho um recurso disponível que pode me dar informações, por exemplo eu quero estudar Marketing, eu vou buscar informações sobre marketing, vou ler os livros, nada melhor do que eu pegar um livro, para folhear, riscar, voltar, procurar. O livro é melhor do que pegar uma Internet, a não ser que se tenha condições de deixá-la ligada o dia inteiro, mesmo assim, nem sempre o acesso está disponível, e as informações são tantas que confundem. Temos dificuldade de selecionar, filtrar e muitas vezes corremos o risco de se perder no meio do caminho. Na minha opinião o livro ainda é o melhor recurso para a leitura.

5 – Que habilidades de leitura e escrita são requeridas pelo uso das novas tecnologias na empresa?

É assim, depende da função, do setor onde ele trabalha. Os motoristas e cobradores que é a área onde temos o maior número de colaboradores, eles já estão se familiarizando com o uso computador, naturalmente para eles é “um bicho de sete cabeças”. Mas por que eles já vão começar a digitar eles próprios as atividades que antes tinha uma ficha de catraca que era levado para outras pessoas para digitar tudo isso. Os próprios fiscais têm que aprender. Isto é um raciocínio, uma habilidade acho, que ainda não sei qual é, qual o nome dessa habilidade, mas terá que ser uma habilidade tal que dê a eles as condições que eles consigam entender essas tecnologias, fazer uma bom uso dela para fazer com que os resultados sejam satisfatórios, ele vai ter que se acostumar com essas mudanças, ele vai ter que aprender, que se dispor a aprender, pois se ele não fizer isso, alguém vai fazer e ocupar a vaga deles. Hoje, nós formamos nosso próprios motoristas. Nossos motoristas da escola já sabem que terão que fazer muitos cursos, para entender a tecnologia dos ônibus novos que estão chegando com computadores de bordo, com sistema de refrigeração. Cada ônibus novo que chega tem uma tecnologia diferente, uma mecânica diferente, os próprios mecânicos têm que entender isso aí também. Acabou aquilo de dizer que aprendeu uma vez sabe sempre. Eles já estão conscientes disso, sabem que têm que se atualizar. A parte financeira também nem se fala, aí é fundamental, é a que mantém a empresa, funcionando através do gerenciamento.

6 – O tipo de escrita desenvolvida tradicionalmente pela escola é suficiente para manejar as novas tecnologias? Existe um outro tipo de escrita para lidar com as novas tecnologias?

Não. Só a escola não. Eles têm que se atualizar com novas linguagens e com novas formas. Tipo, eles têm saber que tem que aprender mexer no computador. É uma atualização constante. Só o que ele escreve não basta, ele tem que estar predisposto para estar sempre aprendendo. Ele tem que saber aprender a passar as informações para o computador. A escrita em si, é a mesma porque é a mesma língua, são os mesmos símbolos, as mesmas letras, a base é a mesma. O que muda são as formas e as fontes. Muda talvez a predisposição de como interpretar essa escrita, essa leitura. Mudam os métodos, instrumentos da escrita, antes ele usava o lápis e o papel, agora ele usa o teclado, isso já muda muito, a transformação da idéia em escrita, agora foi facilitada, possibilitando digitar e imprimir os relatórios. Agora ele tem todo um arcabouço de auxílio para melhorar a escrita. O próprio computador tem a vantagem de corrigir os erros, melhorar a aparência da escrita. Tem a chance de fazer uma coisa mais limpa mais clara, até chegar o texto final, já limpou já corrigiu, já aperfeiçoou. Neste sentido mudou bastante. Mas a base continua a mesma. Tanto que a criança no pré-escolar precisa desenvolver a coordenação motora com lápis e papel ainda, para depois chegar no teclado. A base ainda é o papel e o lápis, eu ainda vejo assim. O meio usado para transmitir as informações mudam, é diferente. A tecnologia traz novas alternativas. Até porque uma carta demora para chegar ao seu destinatário, um email chega na hora. Muda a redação, por têm algumas características próprias, as regras de conduta para o tipo de comunicação, entre uma carta e um E-mail são diferentes. Eu não posso por exemplo mandar um E-mail de 3 a 4 páginas para uma amiga, já numa carta isso é comum. Foi convencionado que o e-mail para para passar informações rápidas. Quem usa e-mail tem pouco tempo. Eu ainda vejo como um hábito elitizado, pouco usado aqui na empresa. Quem usa E-mail aqui é a Diretoria, é o CPD é a gerência. Nós não temos uma rede interna de comunicação. Nosso jornalzinho ainda é colocado na parede. Mas é lógico que muda, existe uma mudança de padrões.

7 – Na sua opinião qual é a relação possível de se estabelecer entre as habilidades de leitura e escrita demandas pela empresa e as práticas de leitura e escrita desenvolvidas pela escola?

Eu acho que a empresa hoje de um certa forma está complementando o que eles aprenderam na escola. Ela é uma extensão da escola. Hoje não podemos ver a empresa como um simples lugar que se vem para trabalhar e ir embora. É uma extensão da casa deles, da escola. Essa consciência para alguns já está mais clara. A empresa já não pode ser mais apenas uma local de trabalho, ela tem que proporcionar para quem está nela, a oportunidade de continuar a aprender. Quem acompanha um pouco as mudanças sabe que isso é a tendência que é inevitável. Talvez não aprender da forma da escola tradicional, mas de outras formas. Hoje a gente está aprendendo constantemente. Aqui na nossa empresa tem um ditado que é o seguinte: “existe sempre uma forma de fazer melhor as coisas”, quando eu aprendi de uma forma, daqui a pouco eu percebo que existe uma forma melhor de fazer a mesma coisa, a gente está sempre buscando a melhor forma, buscando novos caminhos, atalhos...

8 – Na sua opinião, no que a escola deveria mudar para dar conta de formar os alunos com vistas as transformações em curso?

Não. O que a gente tem visto é que algumas escolas, raras exceções, pensam na vida do aluno depois dela. A norma geral do padrão educacional brasileiro ainda é tradicional, não prepara o aluno para a vida. Elas acham que o diploma vai abrir portas. Na verdade não é o diploma que abre portas e, sim a competência. Às vezes tem aquele que não têm diploma mas é competente no que faz, porque aprendeu de outra forma. A própria argumentação (oralidade) que ele tem é mais importante do que ele escreve. Os alunos questionam a utilidade de muitos conteúdos da escola. A própria postura dos professores tem que modificar. O professor é aquele que caminha que leva a pessoa

junto. A escola é o início. É onde deveria ser plantado a necessidade de aprendizagem . É isso que gente percebe na fala dos adolescentes. Alguém achou que eles tinham que aprender determinadas coisas e isto é imposto aos alunos. A própria cabeça dos professores têm que mudar bastante.

9 - Que ações poderiam ser desenvolvidas para melhorar as habilidades de leitura e escrita dos funcionários da sua empresa?

Projeto específico de leitura, incentivos, salas de leitura, concursos de interpretação, de criação textual. Temos que criar uma formas de trazer as pessoas para a leitura de uma forma que traga prazer, sem forçar. Tem que conquistar. O tempo dos cobradores e motoristas é pequeno. A motivação é pequena. Eles vão morrer motoristas. Eles não têm visão do que eles podem ser. A leitura pode abrir esta visão e quando eles percebem isto eles vêm procurar, vêm conversar, porque daí eles têm argumentos para conversar. Isto acontece depois dos treinamentos.

10 – Na sua opinião o que os funcionários da sua empresa deveriam ler?

Tudo. Primeiro a cultura, conhecimento, aquilo que deve agregar algum conhecimento, algum valor. Primeiro a cultura, revistas, livros não só revistas de fofocas, nem só passatempo, nem só futebol. Jornais, não só de crime, aquilo que chama atenção, mas sim aquilo que acontece no mundo, o que está acontecendo com o barril de petróleo lá na Petrobrás, o que vai influenciar no preço do óleo combustível vir aqui e aumentar o preço do óleo diesel, que por sua vez vai influenciar no sindicato que vai reivindicar aumento de tarifas. É buscar a informação, olhar a informação e selecioná-la de acordo com aquilo que ele faz, e no que pode interferir na sua vida. É, enfim, criar o hábito da leitura que eles ainda não têm. E tudo aquilo que ele possa ler de livros, eles têm uma biblioteca. Eu só acho perigosa aquela leitura que deixa muito bitolado, pois não acrescenta valor, não acrescenta, desvia e se torna perigoso. (leitura sensacionalista). Mas de uma forma geral aquilo que possa geral aquilo que possa trazer mais cultura, que faça com que eles cresçam tanto pessoal como profissionalmente.

11 –A empresa disponibiliza algum material de leitura para seus funcionários?

Sim. Temos uma biblioteca à disposição dos funcionários com todos os tipos de livros, didáticos, romances, técnicos. Livros estes, doados pelos funcionários. Além disso, se alguém solicita algum material específico, sobre relacionamento familiar, conjugal, a empresa providencia, e eles ficam felizes da vida, porque têm aquele material para ler. A empresa nunca se negou em nenhum momento em providenciar tudo aquilo que os funcionários solicitam no sentido de crescerem como pessoas ou como profissionais. Tudo o que é possível é feito. Assinatura de revistas, periódicos. Eu mesma já emprestei muitos livros meus, para os funcionários. Entre os materiais disponibilizados, estão periódicos, jornais...

12 – A sua empresa é uma organização qualificante?

Ela sabe que se ela não qualificar seus funcionários seu serviço não será de qualidade. Então começa por dentro de dentro prá fora. Principalmente se faz o trabalho de qualificação dos herdeiros da empresa. Tem muitos herdeiros que trabalham aqui. Temos um trabalho muito grande. Além disso, os herdeiros da empresa, terão que saber tocar isto aqui.

13 - Todos os setores da empresa são informatizados?

Informatizou todos os setores. Bom, entendendo como informatizar, ter computador no setor.

14 - Quem tem acesso aos instrumentos eletrônicos?

Todos de acordo com a função. Todos, todos não dá. Todo pessoal tem acesso Internet. À vontade. Todos os que procurarem informação via à Internet, tem. Às vezes através de outras pessoas, mas tem. A maioria dos operacionais ainda não tem acesso direto.

15 – Que habilidades as pessoas têm que ter para mexer nas máquinas?

Têm que saber ler e escrever, ter curso específico e conhecimento das máquinas.

16 – Qual o nível de escolaridade do pessoal da empresa?

1 – Diretoria. 2 – Setor administrativo. 3 - Operacionais

Esta empresa é caracterizada de forma diferente. A distribuição do poder é diferente. É uma empresa familiar. Quem manda na empresa é um conselho de sócios, que contratou um gerente geral. Esse gerente geral têm gerentes de área; operacional, administrativo e financeiro e Recursos Humanos. O gerente geral tem que ter curso superior, pós-graduação e experiência na área. No administrativo, depende da função, o nível de escolaridade pode ser curso técnico ou outro de nível médio. Os operacionais (motoristas e cobradores) têm que ter no mínimo a 5ª série, estamos caminhando para o fundamental completo. Para os que atuam nos serviços gerais, não se exige fundamental completo, basta ter alguma escolaridade (que os possibilite ler e escrever).

17 – O nível de escolaridade vem correspondendo aos níveis de letramento esperados e necessários às atividades da empresa?

A exigência de ter o 1º grau é pré-requisito, faz parte do perfil da função.

A gente avalia é mesmo no processo de seleção. O fato de ele Ter primeiro grau não quer dizer que ele tenha desempenho correspondente. Tem pessoas que chegam com o primeiro grau completo, mas não passam numa provinha simples de raciocínio numérico. O certificado se coloca como um critério para evitar uma demanda muito grande de candidatos.

18 – Qual é a importância do grau de letramento, para a qualidade de vida dos funcionários?

Com certeza o grau de letramento melhora a qualidade de vida, o desempenho, o resultado das ações. Existe só um porém, que às vezes as pessoas que têm um grau cultural, ou de letramento maior do que a média, para a empresa hoje, ela cria alguns problemas, porque ela vai questionar procedimentos, como ela têm uma capacidade crítica maior, vai formar um grupo que vai bater de frente com procedimentos que a empresa tem que ter com a maioria. Às vezes alguns cobradores participam de processos de seleção e são reprovados por excesso de qualificação. Então o grau de letramento dos funcionários não pode fugir à média. Não posso colocar aqui dentro uma pessoa extremamente inteligente, criativa, dentro da atual estrutura da empresa, essa pessoa vai criar problema. Eles não podem ser muito qualificados para a função. Temos que analisar os dois pontos, de menos e de mais.

19 - Na sua opinião qual é a influência do letramento para os fatores: qualidade, desperdício, produção, cidadania?

Quem tem alto grau de letramento tem uma capacidade crítica melhor tem valores diferentes. Sabe que se não desperdiçar, isto pode vir em benefício para ela mesma. Na produção torna-se uma pessoa mais consciente. Na quantidade depende do serviço. Se a tarefa for varrer ônibus, quanto menor o letramento é melhor, pois ela baixa a cabeça e só faz o serviço sem pensar. Na cidadania interfere, porque a pessoa que sabe mais é mais crítica, pode olhar e analisar o que está acontecendo. Ela muda todo comportamento dela. Ela jamais vai deprecar o patrimônio público, ela sabe que ela ajudou na construção deste patrimônio. Ela sabe que para Ter uma cidade limpa não depende só do caminhão do lixo. Ele destrói menos e não se deixa manipular tanto. Um povo educado é um povo que pensa.

20 - Na sua opinião, a exposição às mídias (TV, Computador, Internet) contribuem para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita demandadas pelas atividades da sua empresa?

Não se pode negar a influência das novas tecnologias de informação e comunicação.. A TV depende do canal que você assistir. Se for um canal educativo, ela vai desenvolver. A maioria das pessoas usam a TV para se distrair, a TV faz a cabeça das pessoas, faz as opiniões. Os jornais já é mais direcionado para um público que já tem uma crítica. Tem mais possibilidades de desenvolver as habilidades de leitura e escrita. Pois se você lê mais, você escreve melhor. A Internet já exige certa habilidade para seu próprio acesso. Ela é um processo no caminhar da leitura e da escrita.

21 - Você faz uso da Internet?

Eu uso a Internet para pesquisar, distrair, por curiosidade, até para estudo também. Para conhecer e interagir com pessoas, comunicar. Uso tudo o que a Internet tem de bom, só não uso para comprar.

22 - Qual é sua visão de futuro em relação às NTICs?

As NTICS vieram para ficar, não tem como voltar atrás. A tendência é ampliar cada vez mais. O computador será como a TV hoje.

23 - Sua empresa desenvolve alguma política de qualificação profissional através das NTICs? Não. A empresa não desenvolve nenhum curso utilizando-se das NTICs.

24 - Qual é sua opinião sobre a Educação a Distância?

Nunca fiz nenhum curso a distância. Já coordenei um, mas vejo que a EaD exige muita disciplina. É uma alternativa muito moderna, mas exige uma cultura que ainda não temos: a disciplina.

25 - Sua empresa adotaria um programa de Educação a Distância para seus funcionários?

No momento a empresa não adotaria nenhum curso de EaD, pois estamos numa fase de conhecer a pessoas, numa relação direta, face a face, e num curso de EaD essa interação é prejudicada.

26 - Sua opinião sobre a pesquisa.

Esta pesquisa pode ser muito útil, pois pode dar um perfil de como as empresas estão atuando em relação a leitura e a escrita, ao processo de desenvolvimento dos seus funcionários e possibilitar uma ação conjunta no sentido de resolver estes problemas.

b2.2.2 - EMPRESA PRODUÇÃO DE TECNOLOGIA DE PONTA RESPONSÁVEL PELO SETOR DE RECURSOS HUMANOS

Data: 23/02/2001

1 - Qual é sua opinião sobre os usos da leitura e da escrita nos dias de hoje?

Elas servem para filtrar as informações. Hoje o mundo exige pessoas cada vez mais ágeis e empreendedoras. A agilidade das informações exige o máximo de objetividade. O que percebo é que a leitura e a escrita antes eram mais bem trabalhadas. Hoje precisamos dar a informação mais clara e precisa em duas linhas e antes não, antes se fazia todo um trabalho pessoal de justificativa e construção da escrita. Hoje a tecnologia restringiu o aprimoramento da escrita. Isto está acontecendo pela agilidade das informações. Para se ter uma idéia, hoje recebemos 70 E-mails por dia e 50 têm que ser respondidos imediatamente. Ao mesmo tempo que a tecnologia ofereceu um canal muito grande de informações, um elo muito grande para pesquisa, o tempo ficou mais restrito. Ela dá o indicativo que temos que ser mais ágeis e mais rápidos. No setor de treinamento onde trabalho, as pessoas recebem material de informação, comunicação dos cursos da maneira mais clara possível, mas não têm o hábito de ler, não têm a prática de perceber a informação contida nos materiais escritos. Acredito que pelo excesso de estímulos a que somos submetidos a capacidade de concentração fica reduzida. Estou aqui conversando contigo e vi que na minha caixa de entrada tem um E-mail importante que sou obrigada responder imediatamente. Isto é uma consequência natural da multiplicidade de estímulos que recebemos ao mesmo tempo e que muitas vezes exigem resposta imediata. Este excesso de estímulos leva ao prejuízo na qualidade da escrita e da leitura, pois limita o tempo para a construção de uma escrita de qualidade, detalhada, aprimorada. Estamos perdendo isto.

2 - Qual é sua opinião sobre o uso das novas tecnologias (computador, informática, telemática, etc) no mundo do trabalho, hoje?

É uma verdadeira revolução. Estas ferramentas que tomaram conta do nosso dia a dia são extremamente ágeis. Tinha um relatório que gerado manualmente eu levava três dias, hoje faço num segundo. É uma revolução porque nos oportuniza resultados mais rápidos. Trabalho todo o mês coletando informações e gero o relatório num segundo, mas ao mesmo tempo que o número de atividades aumenta, o volume de respostas exigidas, também está aumentando. Em relação ao mundo do trabalho, estamos lidando com muitos estímulos ao mesmo tempo e certamente isto vai repercutir no ser humano, pois exige um nível de concentração muito grande e gera stress. Antes você trabalhava 8 horas por dia num determinado ritmo e produzia 50, 60 por cento nas suas 8 horas, hoje tem que produzir 100 por cento em 8 horas. A própria condição do ser humano acaba se modificando, sendo alterada.

3 - Saber ler e escrever é importante no desenvolvimento das atividades da sua empresa? Sim (x) Não () Por quê?

Saber ler e escrever é fundamental. O volume de informações recebidos exige o mínimo de conhecimento para lidar com elas. Nós utilizamos tecnologias de telecomunicação. Aqui praticamente todos tem 2 grau, quem não tinha está fazendo. Os componentes com os quais trabalhamos exigem certo grau de conhecimento que demanda leitura, para entender o processo de desenvolvimento de cada componente e o que aquilo pode acarretar. Mesmo com o 2º grau já temos deficiências neste entendimento, tem pessoas que escrevem e se comunicam mal. Contudo acredito que isto vai depender da natureza de cada empresa. Na Intelbrás isto é imprescindível. O tipo de produto que lidamos exige isto.

4 - Que novas tecnologias são adotadas no desenvolvimento das atividades da sua empresa?

Todos os setores têm softwares modernos e específicos para suas atividades, ambiente de rede que oportuniza criar um canal de comunicação entre todos os setores da empresa através da troca de E-mails. Para ter uma idéia antes eu recebia 29 telefonemas por dia, hoje, com a implantação deste sistema reduziu para 10. O E-mail é uma ferramenta extremamente rápida e importante para a Intelbrás.

5 - Na sua opinião, as novas tecnologias interferem no desenvolvimento das habilidades e nas práticas de leitura e escrita? Sim () Não (x). Explique.

Aí identificam-se dois focos. Quem trabalha diretamente com a tecnologia de informação e comunicação com certeza é beneficiado, pois elas oportunizam um canal muito rápido e rico de informações. O operacional talvez não. Depende muito de onde a pessoa desenvolva sua atividade profissional. Na área onde se utiliza muito essas ferramentas com certeza desenvolve estas habilidades pela multiplicidade de oportunidades que oferece, forçando as pessoas a interagirem com elas.

Contudo de uma maneira geral, elas contribuem para estabelecer um clima de busca de novos mecanismos de conhecimento. Todos querem fazer computação. Temos o recrutamento interno e um dos requisitos é a informática. Ela cria um canal de curiosidade, busca de oportunidades, desejo de buscar outras coisas.

6 - Que habilidades de leitura e escrita são demandadas pelas novas tecnologias na sua empresa?

Rapidez, precisão, capacidade de interpretação, legibilidade, clareza, entendimento, clareza nas informações escritas.

7 - Na sua opinião que relação pode se estabelecer entre as habilidades de leitura e escrita demandadas pela sua empresa e as práticas de leitura e escrita possibilitadas pelas instituições de ensino?

Uma relação muito prejudicada, um vez que a escola ensina de uma forma muito fragmentada, coisas que no mundo do trabalho acontecem de forma simultânea. Isto prejudica. Não tem havido correspondência, entrosamento entre as habilidades desenvolvidas pela escola e as necessidades da empresa. A escola restringe e fragmenta muito. O reflexo disto são as deficiências na escrita, na leitura, na interpretação. Não conseguem estabelecer relações entre as diversas partes quando isto deveria ser construído junto. As deficiências são reflexos da forma como aprenderam. Pessoas com nível médio não sabem preencher um formulário, escrevem mal, não lêem corretamente.

8 - A leitura e a escrita desenvolvida pelas escolas têm sido suficientes para atender as necessidades de sua empresa nesta área? Sim () Não (x). Por quê?

Não existe uma preocupação com a educação empresarial. Hoje há um foco em função da Internet, MBA, Escolas de EaD, uma série de novos elos de educação embora seja um campo ainda restrito. A educação pública em geral não prepara o trabalhador para a vida profissional, não existe uma educação voltada para o trabalho.

9 - Na sua opinião que ações poderiam ser desenvolvidas para melhorar as habilidades de leitura e escrita dos funcionários da sua empresa?

As tecnologias forçam as pessoas a se aperfeiçoarem, a se atualizarem a se reciclarem. Trabalhamos com softwares. Nossos softwares exigem de nossa parte que desenvolvamos habilidades do ensino da escrita. Você percebendo que diante de um software você tem deficiência você busca treinamento, mas sempre através de um software, nunca partindo das deficiências das pessoas, sem considerar que por detrás do software tem uma equipe de pessoas carentes do desenvolvimento de

outras habilidades. Um instrutor nosso, num dos treinamentos, teve a sensibilidade de perceber que só treinar o software não geraria resultados, ele elaborou um plano de revisão pessoal para os participantes, para suprir outras deficiências, então todos foram treinados nestas deficiências, paralelamente. No momento de treinamento vão se identificando as deficiências e procurando saná-las. Não existe nenhum trabalho específico na linha de produção que desenvolva habilidades de leitura e escrita. Então é feito um trabalho de conscientização, chamando atenção, olhando juntos, criando um trabalho de reeducação das pessoas para a leitura. Alguns deixam de fazer cursos por não lerem corretamente as informações sobre datas, local e horário dos mesmos por deficiência na interpretação do texto ou falta de hábito de leitura. Temos previsão para no futuro desenvolver atividades que promovam o aprimoramento da leitura e da escrita. Não se desenvolve nenhum trabalho de desenvolvimento da escrita, hoje na empresa.

10 - Sua empresa disponibiliza algum material de leitura para os funcionários?

Sim, uma sala de leitura. Uma biblioteca, uma sala de estudos que fica aberta o dia todo onde as pessoas podem pegar materiais, um micro-computador com acesso a Internet. Temos um projeto para ampliar e organizar a biblioteca e incluir neste espaço de lazer e de leitura todo o arsenal de cursos oferecidos durante o ano, bem como as apostilas para revisão dos conteúdos dos cursos. Está no projeto a contratação de uma bibliotecária para estar organizando, incentivando, desenvolvendo atividades de incentivo a leitura, dinamizando esse setor.

11 - Sua empresa é uma organização qualificante? Sim (x) Não () Explique:

A empresa promove e estimula muito o treinamento e a qualificação constante dos seus funcionários. Para se ter uma idéia, no ano de 2000 promovemos 32.127 horas de treinamento dentro da Intelbrás. Em termos de resultado percebemos pelo clima favorável reinante na empresa. Temos um projeto a partir deste ano de desenvolver ferramentas que possam avaliar a eficácia destes treinamentos por setor, quando faremos um acompanhamento de todo este investimento de treinamento e checaremos mais de perto para avaliar os resultados. Percebemos que as pessoas ficam extremamente estimuladas para a busca de aperfeiçoamento. É uma briga, pois as vezes eles não concordam com os critérios de seleção para os cursos, uma vez que é dada oportunidade em primeiro lugar as pessoas que estão mais tempo na empresa, então explicamos que todos terão sua vez.

12 – Que setores de sua empresa estão informatizados?

Todos os setores da empresa são informatizados, sendo que todos os funcionários têm acesso aos computadores, sendo que uns mais outros menos devido a função que cada um executa. No setor administrativo todos tem a sua máquina na produção, são instalados terminais, onde os líderes determinam o acesso. Só nunca teve acesso quem realmente não quer.

13 - Quais as habilidades exigidas dos funcionários para utilização destes meios?

a) Diretoria: saber ler e escrever, cursos específicos, conhecimento básico das máquinas, vontade de aprender, todas estas habilidades ao mesmo tempo. b) Administrativo: cursos específicos é o enfoque maior. c) Operacionais: ler e escrever é fundamental, cursos específicos, conhecimento básico das máquinas dependendo da função.

14 - Qual o nível de escolaridade exigido pela empresa no ato da admissão de funcionários?

a) Diretoria: Ensino Superior e mais de 5 anos de experiência na área.
b) Administrativo (atividade meio): Ensino Médio, embora na prática a maioria possua curso superior.
c) Operacionais: Ensino Médio e Cursos Técnicos.

15 - As habilidades de leitura e escrita demonstradas pelos funcionários têm correspondido ao nível de escolaridade exigido no ato da admissão?

Depende. Existem as duas situações. No simples preencher do formulário de solicitação de emprego dá para perceber as dificuldades ou facilidades. Dependendo da função e da atividade que essa pessoa irá desenvolver isto poderá ser um elemento decisivo para a contratação ou não. Por outro lado tem uns que não escrevem bem, mas tem outras habilidades de precisão para pegar um componente e encaixar na placa com extrema rapidez, na prática e assim atende aos pré-requisitos da função.

16 - Em poucas palavras, dê sua opinião sobre a importância do grau de letramento dos seus colaboradores em relação aos itens: qualidade, desperdício, produtividade e cidadania.

Qualidade: O grau de letramento é de fundamental importância no entendimento dos manuais técnicos, portanto interfere na qualidade, correção, percepção dos erros e falhas a fim de corrigi-las.

Produtividade: não visivelmente, mas certamente interfere, embora as pessoas não consigam fazer esta relação direta. As pessoas sempre culpam as máquinas pela queda de produção, nunca o grau de letramento dos funcionários.

Cidadania: a tomada de consciência dos direitos e deveres de um cidadão depende do seu grau de letramento, embora isto seja uma questão de filosofia de vida. Ex. Um funcionário nosso do setor de Compras, trouxe um pessoal da Pró-menor para conhecer o nosso processo de reciclagem, procurando demonstrar e criar uma conscientização maior nas pessoas, sobre a importância da reciclagem na geração de empregos para os adolescentes. Por exemplo o volume de papel recolhido pela Intelbrás no ano de 2000 correspondeu a 240 árvores por mês. Por outro lado tem a questão de ideologia. Tem a questão particular, pessoal. Cidadania é uma questão complexa. Tem pessoas sem cultura mas que tem profundas noções dos seus direitos, portanto têm condições de lutar por sua cidadania, independente do grau de letramento.

17 - Na sua opinião, a exposição às mídias (TV, jornais, computador, Internet) contribuem para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita demandadas pelas atividades desenvolvidas pela sua empresa?

As mídias ampliam o leque de informações, mas não desenvolvem habilidades de leitura e escrita. Amplia a possibilidade de buscas.

18 - Você faz uso da Internet?

Faço pesquisa, entro em contato com fornecedores, Cursos em Universidades.

19 - Sua empresa desenvolve alguma política de qualificação profissional utilizando as TICs?

Não é uma prática na empresa. Talvez será uma prática no futuro.

20 - Qual sua visão do futuro em relação às tecnologias de informação e comunicação?

Alguns anos atrás eu usava um computador 386, era uma revolução na época. A tecnologia não tem volta. Sua evolução é cada vez maior. O reflexo no ser humano é de uma vida diferenciada. Você sai do espaço profissional e isso tem continuidade no seu espaço familiar o computador está dentro de sua casa, interferindo em toda sua vida. As relações estão mudando de lazer de vida pessoal. Hoje tem amizades e namoros pela Internet. As pessoas estão saindo menos, estão ficando mais em casa. Os contatos pessoais estão diminuindo. Em termos de resultados no futuro não sei o que será. Mas com certeza estas tecnologias ampliam a visão de mundo do ser humano, aguçam a

percepção, pela multiplicidade de estímulos que exigem respostas muito rápidas e isto interfere no modo de vida das pessoas. Quanto mais você atende a estes estímulos mais eles se ampliam. É um caminho sem volta.

21 - Qual é a sua opinião sobre Educação a Distância?

É outro canal que se cria, mais uma possibilidade, mais um veículo, um novo recurso. Não tenho experimentado na prática, mas tenho curiosidade. No Brasil a educação é muito cara. As universidades não tem preocupação em atender o mundo do trabalho. A universidade não faz um acompanhamento dos egressos para avaliar se está servindo ou não. A Educação a Distância pode ser uma alternativa que pode ser mais barata. Quem não puder pagar uma universidade poderá fazê-la através do ensino a distância. Certamente deve ser bem interessante. A EaD requer muita disciplina, pois o ensino é individualizado.

22 - Sua empresa adotaria um Programa de Educação a Distância para seus funcionários?

A Intelbrás está evoluindo. A tendência é chegar lá. A Intelbrás nunca pensou nisso. O ensino a distância é uma consequência da trajetória que a Intelbrás está seguindo.

23 - Este espaço é reservado para opiniões e contribuições em relação a esta pesquisa.

Esta pesquisa é bem interessante, é um canal para as próprias instituições escolares pois, pode possibilitar uma revisão das metodologias por parte das escolas em relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita. A escola tem que ter uma preocupação maior com o desenvolvimento profissional das pessoas. A escola deve estar voltada para as necessidades do mundo do trabalho, rever suas metodologias em relação a leitura e a escrita, para ampliar o canal de comunicação das pessoas e prepará-las melhor para o trabalho, para a vida.

2.2.3 - EMPRESA DE INFORMAÇÃO ESCRITA – JORNALISMO

DIRETOR

27/04/2001

1 - Qual é sua opinião sobre os usos da leitura e da escrita nos dias de hoje?

A escrita ainda vai perdurar por muitos anos. Tanto que um professor do MIT que esteve aqui no Brasil e falou que a imprensa escrita iria durar o máximo mais dez anos, nunca mais apareceu. Qualquer previsão que se faça a respeito é muito relativa. Eu continuo recebendo uma enorme gama de material impresso, continuo lendo livros. Mas não podemos negar que recebemos uma carga muito forte de informações por meio digital. As informações mais rápidas que precisam mais instantaneidade são passadas via computador. Aquelas que não têm tanta urgência, continuam sendo processadas pelo meio impresso. Em relação a população de um modo geral, ainda tem muitos que não têm acesso nem aos impressos. As escolas ainda são muito convencionais. Ninguém ainda está usando o computador como meio efetivo, mas apenas como um recurso. O processo de aprendizagem ainda é convencional. Embora existam novos meios e eles venham crescendo de forma muito rápida, ainda não são a regra. Os cursos de formação ainda são essenciais, não tem como abrir mão dos processos de formação. As pessoas não têm como sobreviver sem a leitura e escrita, hoje. A não ser se isolasse do mundo.

2 - Qual é sua opinião sobre o uso das novas tecnologias (computador, informática, telemática, etc) no mundo do trabalho, hoje?

Não dá mais para o mundo do trabalho sobreviver sem as tecnologias. As NTICs para o mundo do trabalho, estão como o meio impresso para o processo de formação das pessoas, pois uma grande parte dos cidadãos comuns ainda não têm acesso às NTICs. Na medida que se vai utilizando estas novas ferramentas elas vão gerando dependência e se tornando imprescindíveis no nosso dia a dia. Hoje o computador serve para resolver várias situações no dia a dia do nosso trabalho, desde comunicação até o aporte de informações.

3 - Que novas tecnologias são adotadas no desenvolvimento das atividades da sua empresa?

O diário hoje tem todo seu processo de produção informatizado. Para a produção de um veículo de comunicação impressa não existe mais como ser feito pelo processo convencional. Têm que utilizar o processo digital. O DC como os outros jornais também utilizam-se dessas tecnologias. Temos processo de atualização periódica do surgimento de novas tecnologias e sua aplicação no nosso negócio.

4 - Na sua opinião as novas tecnologias interferem nas habilidades e nas práticas de leitura e de escrita? Sim (x) Não (). Explique:

Interferem porque aquilo que a gente fazia exclusivamente através de livros e revistas, hoje fazemos via computador. Até o próprio acesso a livros através do computador é uma prática corrente hoje. Então, isto está efetivamente mudando o hábito de leitura. Estamos em alguns momentos deixando de usar o instrumento impresso e utilizando o digital. O maior índice de utilização do jornal eletrônico é de pessoas que estão distantes de sua base, em viagem. São os que mais acessam ao jornal via Internet. Está se criando uma relação de utilização muito forte e freqüente de utilização do jornal eletrônico por pessoas que estão viajando. É muito relativo se dizer que a tendência é o jornal passar a ser exclusivamente eletrônico. Tem uma grande parcela de pessoas que estão abandonando o jornal impresso, mas eu não me atreveria a fazer nenhuma previsão a este respeito. Hoje temos projetos de integração da imprensa escrita com instituições educacionais, visando disseminar a comunicação escrita. A própria associação nacional de jornais que edita um jornal

mensal, mesmo com todo o crescimento do meio eletrônico, a situação dos jornais no Brasil sobe. Enquanto a situação dos jornais estiver crescendo no Brasil, significa que os novos meios não estão canibalizando todos os potenciais leitores no caso. Ainda existe uma parcela mantendo os modos convencionais de leitura. Esta associação tem uma preocupação muito grande nesse sentido. Existe um projeto de estímulo da Associação Nacional dos Jornais à aproximação dos jornais com a escola. Hoje a revista Veja tem um convênio com escolas. Este tipo de trabalho poderá neutralizar até um certo ponto o avanço das novas tecnologias. Fala-se numa nova modalidade de leitura, mas sem descaracterizar a outra. A partir do ano passado, surge aqui no Brasil, outro fenômeno que é dos jornais populares, com um conteúdo melhor, uma linha mais leve. São jornais menores, mais sintetizados, com preços mais acessíveis. Isto atingiu uma parcela da população que não lia jornal. Nós temos um caminho muito longo a percorrer, primeiro fazendo com que camadas da população tenham acesso à informação pelo meio convencional que ainda não tinham. O acesso por meio eletrônico, de computador ainda é muito elitizado. Os meios de comunicação tradicionais impressos, os livros, os jornais ainda tem uma caminho muito grande. Precisam fazer um trabalho muito forte de aproximação com as bases, as camadas de população mais carente, que ainda não têm acesso nem ao impresso, pois muitos ainda são analfabetos. No RGS, em Porto Alegre, a RBS lançou um jornal popular que no primeiro ano de circulação conseguiu circular uma média de 200 mil exemplares dia, atingindo uma população que não lia jornal, não afetando, ou afetando minimamente, os jornais tradicionais. Foram 200 mil pessoas que tiveram acesso à informação que antes não tinham, não liam jornal. São várias ações, toda escola hoje deveria proporcionar ao aluno o acesso ao jornal, principalmente instrumentalizando para ler. Hoje não conheço nenhuma escola que faça este trabalho. A SED ou até MEC deveriam viabilizar a utilização de jornais locais. Mas isso envolve custo, não existe a cultura de se fazer este tipo de trabalho. Tem muito ainda a se fazer, que o jornal ainda tem um longo período de vida.

5 - Que habilidades de leitura e escrita são demandadas pelas novas tecnologias na sua empresa?

É relativo. Depende da forma como se utiliza o instrumento. Se utilizada como instrumento de trabalho, temos constatações, a surpresa de ver que pessoas que deveriam escrever muito bem, escrevem pessimamente. Tem um outro aspecto, a falta do hábito de escrever é muito comum. Existe um linguajar específico para este tipo de instrumento. Cada vez mais tem que ser objetivo. O repórter de jornal tem uma imagem estática que é a tomada do momento do acontecimento, então ele tem que falar muito mais para passar a mensagem e isto faz com que ele tenha um grande poder de síntese fantástico. Ele tem que ser um artista no sentido de sintetizar. O DC estará passando por uma mudança nos próximos dias com um novo projeto gráfico, no sentido de colocar mais matéria, mais informações no mesmo espaço. Seguramente a forma de escrever vem sofrendo mudanças, adequações à esta nova realidade.

6 - O que as escolas têm desenvolvido na área da leitura e escrita têm sido suficientes para o mundo do trabalho?

Isoladamente não. De forma geral talvez a opinião seja diferente. Os acadêmicos quando saem da universidade e entram no dia a dia jornal, levam um choque. É tudo completamente diferente. Hoje existe uma integração da RBS com a Universidade, através de uma cadeira que possibilita uma vivência maior do estudante com o mercado de trabalho. A universidade se aproximou, abrindo uma porta de comunicação entre a Universidade e os veículos de comunicação. Isto está sendo extremamente saudável. Os alunos vêm prá cá, participam do dia a dia do jornal, os nossos

profissionais vão prá lá, passam seus conhecimentos, suas experiências. A tendência é essa integração se consolidar cada vez mais.

7 - Que ações poderiam ser desenvolvidas para melhorar as habilidades de leitura e escrita dos funcionários da sua empresa?

Existe uma preocupação permanente na formação mais técnica das pessoas.

8 - Sua empresa disponibiliza algum material de leitura para os funcionários? Quais?

Disponibilizamos materiais técnicos, livros, revistas.

9 - Sua empresa é uma organização qualificante?

Sem dúvida. Existe um plano de incentivo à Universidade. A RBS sempre teve preocupação com a formação do seu profissional.

10 - Todos os setores da empresa são informatizados?

Só não tem acesso ao computador os braçais, pessoal da expedição.

11 - Quais são as exigências para o funcionário opere os computadores?

As habilidades exigidas dependem de cada função.

12 - Qual o nível de escolaridade exigido pela empresa no ato da admissão de funcionários?

Depende da função. A maioria tem curso superior. Contudo têm funções que não exigem curso superior.

13 - Na sua opinião qual é a influência do letramento para os fatores: qualidade, desperdício, produção, cidadania?

Óbvio interfere. As pessoas devem trazer de casa um grau cultural para se adaptarem à nossa equipe de trabalho. Temos várias formas de mensurar qualidade de acordo com cada função. Assim na área de redação, existem trabalhos de análise dos textos para identificar erros de construção do texto, de ortografia. Na área comercial, no sentido de que as pessoas possam se colocar bem junto ao cliente, enfim. Existe todo um trabalho voltado com o foco no cliente, seja leitor, ou assinante, ou anunciante. Se a pessoa não tem boa base, em questões básicas como higiene, noções de desperdício, vocação para fazer bem feito aquilo que faz, seguramente terá problemas. Depende também muito da cultura da pessoa. Têm pessoas que têm nível de escolaridade relativamente baixo e tem um postura bem posicionada, e efetiva do que uma pessoa com curso superior. Dizer que independe é muito forte, mas o determinante é a base familiar.

14 - Na sua opinião, a exposição às mídias (TV, Computador, Internet) contribuem para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita demandadas pelas atividades da sua empresa?

A pessoa que se condiciona a assistir muito à televisão pode não querer mais ler e escrever. Mas isso não é uma regra geral. Hoje existem alternativas de programações muito boas. Deve existir um impacto, mas não saberia avaliar a intensidade. Em relação ao jornal, ele certamente ajuda no processo. Quanto mais se lê, mais se tem condições de ler e escrever. É um processo natural de desenvolvimento a partir da leitura. O computador e a Internet podem contribuir muito se forem bem utilizados. Eles vieram para facilitar. Mas precisam de uma preparação para sua utilização. Acho que esse é um papel da escola. Educar para as mídias. A questão de maior grandeza seria

ensinar as crianças a utilizar estes meios. A medida que as alternativas vão surgindo, certamente isto pode impactar de forma muito negativa.

15 - Você faz uso da Internet?

Sim, principalmente para atividades de trabalho.

16 - Qual é sua visão de futuro em relação às TICs?

É um caminho sem volta. Elas vieram para ficar. Hoje já temos um impacto muito forte. Elas podem ser fantásticas para construir como para destruir, depende da preparação das pessoas.

17 - Sua empresa desenvolve alguma política de qualificação profissional através das TICs?

Sim. Treinamentos internos em rede, quando da implantação de novos sistemas.

18 - Qual é sua opinião sobre a Educação a Distância?

Acho a educação à distância uma forma excelente. Contudo é uma questão cultural, também. O caminho do ensino a distância é muito vasto.

19 - Sua empresa adotaria um programa de Educação a Distância para seus funcionários?

Sim. Nós temos um projeto de ensino a distância por meio impresso que o jornal desenvolve há mais de dois anos. Um projeto que deu certo e a tendência é ampliar.

20 - Sua opinião sobre a pesquisa.

Ela foi bem abrangente. Nosso dia a dia é tão corrido e só uma oportunidade como esta nos leva a parar para avaliar, e a partir destas conversas estar alavancando aspectos importantes com relação as influências das novas tecnologias. É importante que tenha essas pesquisas se preocupando com isso e assim possibilitar um trabalho de maior aproveitamento possível destes recursos. Não existe hoje uma forma de preparação para esta nova realidade. Foi um tempo muito bem aproveitado.